

PATRÍCIA MATTOS DE BARROS

MODELO DE PLANEJAMENTO PARA IMPLEMENTAÇÃO E  
DESENVOLVIMENTO DO ECOTURISMO: DIAGNÓSTICO  
ECOTURÍSTICO - ESTUDO DE CASO.

Dissertação submetida ao Programa de  
Pós-graduação em Engenharia de  
Produção, da Universidade Federal de  
Santa Catarina, para obtenção do grau de  
mestre em Engenharia de Produção.

Orientador: Prof. Paulo Mauricio Selig, Dr.



0.302.321-6

UFSC-BU

FLORIANÓPOLIS



1999

PATRÍCIA MATTOS DE BARROS

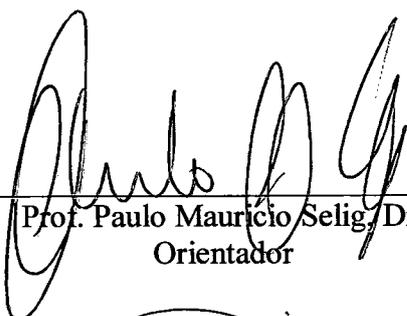
MODELO DE PLANEJAMENTO PARA IMPLEMENTAÇÃO E  
DESENVOLVIMENTO DO ECOTURISMO: DIAGNÓSTICO  
ECOTURÍSTICO - ESTUDO DE CASO.

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do grau de Mestre em Engenharia,  
Especialidade em Engenharia de Produção e aprovada em sua forma final pelo Programa  
de Pós-graduação em Engenharia de Produção.

Prof. Ricardo Miranda Barcia, Ph.D.

  
\_\_\_\_\_  
Coordenador do Curso de Pós - Graduação

Banca Examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Paulo Maurício Selig, Dr.  
Orientador

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Álvaro G. Rojas Lezana, Dr.

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª Sandra Sulamita Nahas Baasch, Dr.

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Manuel Rosa de Oliveira Lino, Msc.

Florianópolis, maio de 1999

## DEDICATÓRIA

A meus pais, Paulo e Mirian, pelo exemplo de vida.

A meu irmão, Fábio, pelo apoio e assistência.

Ao meu noivo, Luciano, pelo carinho e companheirismo.

## AGRADECIMENTOS

No decorrer de qualquer jornada, temos ao nosso lado pessoas e/ou instituições que nos auxiliam, nos fornecem informações, nos dão estímulos para continuarmos e que merecem nossos agradecimentos. Muitas pessoas estiveram ao meu lado e me ajudaram a concretizar este trabalho, agradeço:

- Ao prof. Paulo Mauricio Selig. Dr., por me acolher no meio científico, por sua orientação, compreensão e paciência em todas as fases do mestrado.
- Aos professores membros da banca examinadora, pela valiosa participação e contribuição dispensadas a este trabalho.
- Ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção da UFSC pela troca de experiências que contribuíram para meu aprimoramento pessoal, profissional e intelectual.
- Ao prof. Álvaro G. Rojas Lezana, Dr., do Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção da UFSC, pela colaboração e indicação de bibliografias que muito contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.
- Ao prof. Manuel Rosa de Oliveira Lino, Msc., do Departamento de Informática e Estatística da UFSC, pelas dicas e auxílio na fase da pesquisa e estatística.
- A prof<sup>a</sup>. Sandra Sulamita Nahas Baasch, Dr., do Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental da UFSC, pois foi escrevendo um artigo para uma de suas disciplinas que tive motivação para iniciar esta dissertação e pela bibliografia fornecida por ela.
- Aos funcionários do Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção da UFSC, pela atenção com que atendem e auxiliam todos os acadêmicos.
- Ao prof. Paulo Pires, Dr., que foi meu professor na graduação e que me deu algumas diretrizes para o início desta dissertação.
- Aos funcionários da Prefeitura de Santo Amaro da Imperatriz, em especial aos da Secretaria de Educação, que me atendeu com presteza e atenção.
- Aos responsáveis pelas escolas municipais Prof<sup>a</sup>. Lourdes Garcia, Prefeito Augusto Althoff e Judite Adelina Schürhaus, de Santo Amaro da Imperatriz, que me receberam muito atenciosamente e permitiram a realização da pesquisa com seus alunos.

- Ao Sr. Eduardo Pereira Mello, gerente geral do *Resort Plaza Caldas da Imperatriz*, que “abriu as portas” do empreendimento para a realização do estudo de caso e ainda me forneceu importantes informações.
- Ao Fernando Brüggemann, biólogo do *Resort Plaza Caldas da Imperatriz*, que também me forneceu informações importantes e me auxiliou durante a fase de diagnóstico.
- Ao meu noivo, pelo auxílio na fase da pesquisa de campo, pelo incentivo e pelo carinho que sempre me dedicou.
- Ao meu irmão, pela paciência e pela ajuda que me prestou durante o desenvolvimento desta dissertação.
- Aos meus pais, pela vida, pelo amor e pelo contínuo incentivo aos estudos. Eles também tiveram uma participação direta no desenvolvimento deste trabalho.
- A todos aqueles que estiveram ao meu lado e que de alguma forma contribuíram para o enriquecimento desta dissertação.
- A Deus, pois ele é a razão de tudo o que fazemos.

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE TABELAS</b> .....	<b>xi</b>
<b>LISTA DE FIGURAS</b> .....	<b>xii</b>
<b>LISTA DE GRÁFICOS</b> .....	<b>xii</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>xiii</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>xiv</b>
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
1.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS .....	1
1.2 OBJETIVOS.....	4
1.2.1 Objetivo geral .....	4
1.2.2 Objetivos específicos.....	4
1.3 IMPORTÂNCIA.....	5
1.4 LIMITES .....	6
1.5 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS .....	7
1.6 ESTRUTURA.....	11
<b>2 AMBIENTALISMO</b> .....	<b>13</b>
2.1 INTRODUÇÃO.....	13
2.2 EVENTOS MAIS IMPORTANTES DO MOVIMENTO AMBIENTALISTA.....	14
2.3 ESCOLAS DO PENSAMENTO ECOLÓGICO.....	17
2.3.1 Antropocentrismo.....	17
2.3.2 Biocentrismo ou ecocentrismo .....	17
2.4 MEIO AMBIENTE E ECOLOGIA: CONCEITOS .....	18
2.4.1 Meio ambiente .....	18
2.4.2 Ecologia .....	18
2.5 PARADIGMAS DO AMBIENTALISMO .....	19
2.5.1 Antigo paradigma.....	19
2.5.2 Novo paradigma .....	20

2.5.2.1	Desenvolvimento sustentável .....	20
2.5.2.2	Princípios básicos do desenvolvimento sustentável.....	24
2.5.2.3	Sustentabilidade.....	24
2.6	GESTÃO AMBIENTAL .....	26
2.6.1	Benefícios de uma gestão com consciência ecológica .....	28
2.6.2	Mudança da cultura de uma empresa com consciência ecológica .....	29
2.7	CONCLUSÃO.....	31
<b>3</b>	<b>ATIVIDADE TURÍSTICA.....</b>	<b>33</b>
3.1	INTRODUÇÃO.....	33
3.2	BREVE HISTÓRICO DO TURISMO .....	34
3.3	TIPOS DE TURISMO .....	37
3.4	OFERTA TURÍSTICA.....	38
3.4.1	Oferta turística natural.....	39
3.4.2	Oferta turística artificial.....	39
3.5	CIFRAS DO TURISMO.....	41
3.6	TURISMO SUSTENTÁVEL.....	42
3.6.1	Parceiros para o desenvolvimento sustentável do turismo.....	43
3.6.2	Planejamento do turismo visando ao desenvolvimento sustentável.....	45
3.7	IMPACTOS DO TURISMO.....	47
3.7.1	Impactos econômicos do turismo.....	50
3.7.2	Impactos sociais do turismo .....	50
3.7.3	Impactos culturais do turismo.....	52
3.7.4	Impactos ambientais do turismo.....	53
3.7.4.1	Medidas para minimizar os impactos ambientais do turismo.....	54
3.8	PRINCÍPIOS PARA O EQUILÍBRIO ENTRE TURISMO E MEIO AMBIENTE.....	56
3.9	FASES DO RELACIONAMENTO DO TURISMO COM O MEIO AMBIENTE .....	59

3.10 AS FUTURAS TENDÊNCIAS E INVESTIMENTOS NO TURISMO.....	61
3.11 CONCLUSÃO.....	63
<b>4 ECOTURISMO .....</b>	<b>64</b>
4.1 INTRODUÇÃO.....	64
4.2 DEFINIÇÕES DO ECOTURISMO .....	65
4.3 TIPOS DE ECOTURISMO .....	67
4.4 ATORES ENVOLVIDOS DIRETAMENTE COM O PLANEJAMENTO E O GERENCIAMENTO DO ECOTURISMO .....	68
4.4.1 Administração pública .....	69
4.4.2 Setor privado .....	70
4.4.3 Organizações Não Governamentais – ONG’s .....	70
4.4.4 Comunidade local .....	71
4.4.5 Consumidores .....	71
4.5 ASPECTOS DIFERENCIAIS DO ECOTURISMO .....	72
4.6 CIFRAS DO ECOTURISMO .....	73
4.7 IMPACTOS DO ECOTURISMO SOBRE O MEIO AMBIENTE .....	74
4.8 PRINCÍPIOS BÁSICOS PARA IMPLEMENTAÇÃO DE PROJETOS EM ECOTURISMO .....	76
4.9 INFRA-ESTRUTURA PARA DESENVOLVIMENTO DO ECOTURISMO.....	77
4.10 POLÍTICAS DO ECOTURISMO .....	79
4.11 TENDÊNCIAS PARA O ECOTURISMO.....	80
4.12 EXEMPLOS DE ECOTURISMO.....	80
4.13 CONCLUSÃO.....	83
<b>5 MODELO DE PLANEJAMENTO PARA IMPLEMENTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO ECOTURISMO.....</b>	<b>84</b>
5.1 INTRODUÇÃO.....	84
5.2 DESENVOLVIMENTO LOCAL .....	84



5.3	MODELO PROPOSTO .....	88
5.3.1	Diagnóstico.....	90
5.3.2	Dimensionamento .....	99
5.3.3	Execução.....	105
5.3.4	Controle e avaliação .....	106
5.4	CONCLUSÃO.....	109
<b>6</b>	<b>DIAGNÓSTICO ECOTURÍSTICO - ESTUDO DE CASO .....</b>	<b>110</b>
6.1	INTRODUÇÃO.....	110
6.2	ETAPA 1: DETERMINAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS INTERNAS DO <i>RESORT</i> .....	110
6.2.1	Recursos naturais .....	111
6.2.1.1	Conclusão específicas .....	119
6.2.2	Informação sobre visitação e níveis de visitação .....	120
6.2.2.1	Conclusão específica.....	125
6.2.3	Infra – estrutura do local.....	126
6.2.3.1	Conclusão específica.....	128
6.2.4	Recursos humanos .....	129
6.2.4.1	Conclusão específica.....	130
6.3	ETAPA 2: DETERMINAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS EXTERNAS <i>AO RESORT</i> .....	130
6.3.1	Interação com a comunidade local.....	131
6.3.1.1	Conclusão específica.....	137
6.3.2	Infra - estrutura regional .....	137
6.3.2.1	Conclusão específica.....	141
6.3.3	Outras atrações regionais.....	142
6.3.3.1	Conclusão específica.....	143
6.3.4	Estrutura legal, considerações políticas e questões orçamentárias .....	144
6.3.4.1	Conclusão específica.....	145
6.3.5	Envolvimento do setor privado .....	146

6.3.5.1 Conclusão específica.....	146
6.4 ANÁLISE.....	147
6.4.1 Introdução.....	147
6.4.2 Identificação e valoração de indicadores.....	147
6.4.3 Plano de ação.....	151
6.4.3.1 Ações estratégicas.....	152
6.5 CONCLUSÃO.....	155
<b>7 CONCLUSÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS.....</b>	<b>156</b>
7.1 CONCLUSÕES FINAIS.....	156
7.2 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS.....	157
<b>ANEXO 1 QUESTIONÁRIO APLICADO NAS ESCOLAS.....</b>	<b>159</b>
<b>ANEXO 2 QUESTIONÁRIO APLICADO NA COMUNIDADE.....</b>	<b>160</b>
<b>ANEXO 3 QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS HÓSPEDES.....</b>	<b>161</b>
<b>ANEXO 4 FATORES QUE PODEM PROVOCAR IMPACTOS NEGATIVOS DO TURISMO E MEDIDAS PARA MINIMIZÁ-LOS.....</b>	<b>162</b>
<b>ANEXO 5 VISTA PANORÂMICA DO <i>RESORT PLAZA</i> CALDAS DA IMPERATRIZ.....</b>	<b>163</b>
<b>ANEXO 6 PLANTAS COLETADAS E JÁ DETERMINADAS DA ÁREA DO PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO TABULEIRO.....</b>	<b>164</b>
<b>ANEXO 7 FOTOS DAS PLACAS INFORMATIVAS.....</b>	<b>165</b>
<b>ANEXO 8 SISTEMA DE TRILHAS.....</b>	<b>166</b>
<b>ANEXO 9 FOTOS DA SINALIZAÇÃO DAS TRILHAS.....</b>	<b>176</b>
<b>ANEXO 10 FOTO DA CASCATA DO TATU.....</b>	<b>177</b>
<b>ANEXO 11 FOTO DA FEIRA ITINERANTE REALIZADA NO RESORT PLAZA CALDAS DA IMPERATRIZ.....</b>	<b>178</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>179</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>185</b>

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Transição dos anos 90 rumo a uma conscientização ambiental.....	16
TABELA 2	O que cada autor busca com o desenvolvimento sustentável do turismo .....	44
TABELA 3	Impactos econômicos do turismo: benefícios e prejuízos .....	50
TABELA 4	Impactos sociais do turismo: benefícios e prejuízos .....	51
TABELA 5	Tipos de ecoturismo e suas respectivas atividades.....	68
TABELA 6	Aspectos diferenciais entre o turismo de massa e o ecoturismo .....	72
TABELA 7	Famílias de vegetais encontradas no parque estadual da serra do tabuleiro e números de espécies .....	112
TABELA 8	Calendário de eventos e festas populares de Santo Amaro da Imperatriz.....	134
TABELA 9	Dados a respeito do conhecimento da população adulta sobre ecoturismo.....	135
TABELA 10	Dados sobre os meio pelos quais a população adulta ouviu falar em ecoturismo.....	135
TABELA 11	Dados a respeito do conhecimento da população adulta sobre as atividades de ecoturismo que são realizadas em seu município.....	135
TABELA 12	Dados a respeito do conhecimento da população em idade escolar sobre ecoturismo.....	136
TABELA 13	Dados a respeito dos meio pelos quais a população em idade escolar ouviu falar em ecoturismo.....	136
TABELA 14	Dados a respeito do conhecimento da população em idade escolar sobre as atividades de ecoturismo que são realizadas em seu município.....	143
TABELA 15	Relação dos indicadores, classificados de acordo com seu(s) respectivo(s) grupo(s) de intervenção.....	148
TABELA 16	Indicadores e respectivas valorações.....	149

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1</b> Modelo do triângulo .....	21
<b>FIGURA 2</b> Proteção ambiental x conservação ambiental.....	23
<b>FIGURA 3</b> Interação e cooperação entre os atores envolvidos com o turismo: forma antiga e turismo sustentável.....	44
<b>FIGURA 4</b> Ações para melhorar a resposta local .....	87
<b>FIGURA 5</b> O modelo aplicado .....	89
<b>FIGURA 6</b> Enfoque sistêmico do planejamento.....	90

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO 1</b> Classificação dos hóspedes entrevistados quanto ao motivo de não realizarem os passeios pelas trilhas com guias .....	120
<b>GRÁFICO 2</b> Classificação dos hóspedes quanto ao percurso das trilhas .....	121
<b>GRÁFICO 3</b> Classificação dos hóspedes quanto à opinião sobre passeio .....	122
<b>GRÁFICO 4</b> Classificação dos hóspedes quanto à avaliação do passeio.....	122
<b>GRÁFICO 5</b> Classificação dos hóspedes quanto aos conhecimentos adquiridos com o passeio .....	122
<b>GRÁFICO 6</b> Classificação dos hóspedes quanto a origem .....	123
<b>GRÁFICO 7</b> Classificação da população quanto a atividade exercida .....	131
<b>GRÁFICO 8</b> Classificação da população quanto a importância do turismo para o município .....	132
<b>GRÁFICO 9</b> - Classificação da população quanto à influência do turismo em sua atividade .....	133
<b>GRÁFICO 10</b> Classificação da população quanto ao conhecimento sobre a educação ambiental que o <i>Resort</i> realiza .....	134
<b>GRÁFICO 11</b> Valoração dos indicadores internos .....	149
<b>GRÁFICO 12</b> Valoração dos indicadores externos.....	150
<b>GRÁFICO 13</b> Valoração dos indicadores internos e externos que necessitam de ações prioritárias.....	152

## RESUMO

Neste final de século, a sociedade humana depara-se com muitos problemas. Além da exacerbação da pobreza, da fome, de doenças, o meio ambiente está sendo explorado e poluído desenfreadamente devido ao crescimento acelerado da nações.

O caminho do Desenvolvimento Sustentável (D.S.) deve ser buscado pelas regiões que pretendem progredir sem degradar o meio ambiente, preservando-o para que as futuras gerações possam usufruir dos mesmos recursos.

Porém, o D.S. só será alcançado se houver mobilização e motivação de toda a sociedade, a fim de se definir um estilo alternativo de vida.

O Brasil, por sua biodiversidade, possui enorme potencial para o Ecoturismo. Logo, esta atividade destaca-se como um estilo alternativo de vida, o que, além de propiciar um desenvolvimento econômico e social, pode colaborar na preservação e conservação de áreas frágeis.

O presente trabalho tem por objetivo principal elaborar um modelo de planejamento para implementação e desenvolvimento do Ecoturismo, que se adapte à conjuntura apresentada pelas regiões que buscam o D.S. através dessa atividade.

1to

A metodologia adotada inclui a base teórica, a definição do modelo e uma aplicação dele no *Resort Plaza Caldas da Imperatriz*, em Santo Amaro da Imperatriz – SC, composta pelo diagnóstico do local e elaboração de propostas para o incremento do ecoturismo no *Resort*.

## ABSTRACT

Mankind has encountered many challenges up to this moment in time. Among other problems like poverty, hunger and diseases the environment has also been an issue. It has been polluted and explored due to a lack of control of development.

The way of Sustainable Development (S.D.) should be the goal of regions that intend to improve themselves without degrading the environment, preserving it for the future generations .

However, the S.D. will only reach its goal through an alternative lifestyle with society's mobilization and motivation.

Brazil, for it's biodiversity, owns an enormous ecotourism potencial. So, this activity became an alternative lifestyle, that, besides increasing economic and social development, collaborates in the preservation and conservation of fragile ecosystems.

The present study has a main objective, that is, to elaborate a model of planning for implementation and development of ecotourism, that adapts itself to the current conjuncture presented by the regions that aims S.D. through the ecotourism activity.

The adopted methodology used includes the theoretical base, the definition of the model, it's application to the Plaza Caldas da Imperatriz *Resort*, composed by the diagnosis of the *Resort* and the elaboration of proposals for the development of ecotourism in it.

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

Nesta virada do século, a sociedade humana depara-se com diversas disparidades entre os povos, dentre as quais estão: a exacerbação da pobreza, da miséria, da fome, de doenças.

Não se podem negligenciar também os problemas que o meio ambiente vem enfrentando, por ser explorado e poluído desenfreadamente em virtude do crescimento acelerado das nações, que, conseqüentemente, vão à procura de recursos naturais, de bens materiais e de tudo o que a natureza pode produzir.

Essas disparidades resultam de uma era de industrialização e de um novo modelo econômico, os quais mudaram a fisionomia do nosso planeta, constituindo-se, portanto, numa grande ameaça para a humanidade.

Em reação a esses males, vem se instituindo uma nova consciência no comportamento humano, revelando que, se não existirem mudanças graduais nesse sentido, a humanidade coloca em risco a própria sobrevivência.

Cada vez mais a natureza está sendo vítima de inúmeras catástrofes causadas por ações irracionais do homem. Como foi citado, uma delas é o excessivo consumo dos recursos naturais o qual está relacionado com a satisfação das necessidades humanas.

Segundo MUNASINGHE (1993), o meio ambiente aceita que busquemos o abastecimento de três tipos de serviços, e as conseqüências da degradação devem ser incorporadas ao processo de decisão:

- Os recursos naturais de base *fornece materiais naturais e insumos essenciais, os quais sustentam as atividades humanas;*

- O ambiente *serve como esgoto para absorver e reciclar (freqüentemente com baixo ou sem nenhum custo à sociedade) o lixo produzido pela atividade econômica. Essa função tem recebido maior atenção atualmente, em especial quando existe uma sobrecarga na capacidade de esgoto;*
- Nas últimas dez décadas, tem existido um reconhecimento crescente de que o ambiente *fornece muitos outros serviços, ou vantagens, generalizados, caracterizando-se como simples amenidades para a função de manutenção da vida (ex.: filtra os raios ultravioleta, que são nocivos ao homem, através da camada de ozônio e, ainda, estabiliza o clima global).*

O referido autor ainda adverte que uma das complicações é a de que esses serviços tendem a interagir negativamente. Por exemplo, a sobrecarga da capacidade de absorção do lixo, reduzirá o abastecimento de insumos de outros ambientes produtivos, bem como funções gerais de sustento da vida.

Ambientalistas concordam que, se ocorrer um ilimitado crescimento econômico, não existirá sustentabilidade a longo prazo, o que contribui para que o equilíbrio ecológico se torne mais frágil, dado que a ecossfera é finita. (MUNASINGHE, 1993)

Aqui é que se encaixa o conceito de desenvolvimento sustentável, no qual o homem pode sim, fazer uso dos recursos naturais para satisfazer suas necessidades básicas, porém com limites estabelecidos, para que as gerações futuras não venham a ser comprometidas.

O desenvolvimento sustentável só será alcançado se existir mobilização e motivação de toda a sociedade, a fim de se definir um sistema alternativo de vida, com padrões de comportamento, de produção e de consumo que atendam ao menos às necessidades básicas de cada indivíduo e às prioridades coletivas determinadas através de processo democrático.

Como sugestão para a busca do desenvolvimento sustentável, cita-se o Gerenciamento Ambiental (G.A.), que cresce rapidamente na maioria dos países, no sentido de ampliar o conhecimento, bem como as responsabilidades individuais e as coletivas. Ampliam-se as adesões em favor da preservação do meio ambiente e da melhoria



da qualidade de vida da humanidade. O G.A. de uma empresa deve ir em direção à sustentabilidade, garantindo que os planos estratégicos das organizações satisfaçam à necessidade de crescimento e evolução contínuos e, ao mesmo tempo, conservem o "capital" da natureza para o futuro.

Sugere-se, ainda, desenvolver atividades alternativas e utilizar tecnologias e materiais alternativos na construção civil (substituir o aço, o concreto, o vidro, o alumínio, etc.); na organização espacial (através da reestruturação de zonas industriais e residenciais); no consumo e no aproveitamento de fontes alternativas de energia (solar, eólica, geotérmica e de biomassa); e na produção e no processo de alimentos (menos fertilizantes químicos, agrotóxicos e hormônios). Essas inovações só serão passíveis de serem utilizadas com a ajuda da população e de um planejamento governamental (RATTNER, 1992).

O turismo pode vir a ser uma atividade alternativa na busca de um desenvolvimento sustentável de um país, região ou Estado. Seu principal produto, geralmente, é a natureza, donde procede o interesse de a atividade turística mantê-la "saudável". Mas isso não o fará o turismo de "massa", mas sim um turismo que venha ao encontro das idéias do desenvolvimento sustentável. Destaca-se então o *ecoturismo*: ele apresenta um grande potencial no Brasil para gerar desenvolvimento social e econômico, além de colaborar na preservação e conservação de áreas naturais de importância global. Trata-se de um neologismo etimológico e ecologicamente correto. Ele deve ser muito bem planejado para ser bem sucedido.

Esse planejamento consciente do ecoturismo serve para que os impactos no meio ambiente sejam minimizados e os envolvidos (administração pública, setor privado, ONG's, comunidade local e consumidores) se beneficiem dessa atividade econômica "sustentável".

Para que o exposto aconteça, um modelo de planejamento deve ser desenvolvido e aplicado, visando à implementação do ecoturismo ou à sua melhoria nos locais onde ele já é explorado.

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo geral consiste em adaptar metodologias existentes de tal forma que possibilitem diagnosticar e identificar potencialidades ou oportunidades de melhoria de um local para implementação e desenvolvimento do ecoturismo.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

Estes consistem em:

- relacionar uma bibliografia específica para os interessados pelo ecoturismo;
- ampliar o número de pessoas engajadas no processo de implementação e desenvolvimento do ecoturismo;
- mostrar o ecoturismo como alternativa promissora na busca do desenvolvimento regional sustentável;
- levantar a situação atual de um determinado local com base nos fatos, nas estatísticas e no seu histórico, visando detectar suas potencialidades ecoturísticas ou oportunidades de melhoria desta atividade;
- propor algumas ações, a partir deste diagnóstico, a serem praticadas para o incremento do ecoturismo no local.

### 1.3 IMPORTÂNCIA

O turismo é uma atividade que vem crescendo gradativamente através dos séculos, e se tornando, para muitos países, uma alternativa de desenvolvimento. O documento “A Indústria do Turismo no Brasil - Perfil e Tendências”(BRASIL, 1996), mostra que a atividade turística no Brasil, abrangendo todos os segmentos do setor, gera US\$ 40,395 bilhões, o que equivale a 8% do PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro. A contribuição na arrecadação de impostos do setor é de R\$ 10,423 bilhões.

Com 8.511.596,3 km<sup>2</sup> (PROGRAMA NACIONAL DE MUNICIPALIZAÇÃO DO TURISMO - PNMT, 1994), o Brasil possui uma diversidade inigualável de recursos e de paisagens naturais, sem deixar de referir sua riqueza cultural. Assim, o turismo pode ser uma atividade atraente, pois ele, geralmente, se baseia nesses atrativos. Um turismo sustentável, como exemplo o ecoturismo, deveria ajudar no desenvolvimento do país em termos econômicos, sociais e, acima de tudo, ambientais.

Nesse sentido, o presente trabalho focaliza o crescimento do turismo, especificamente do ecoturismo – que representa atualmente 5% a 8% do turismo como um todo, podendo alcançar 15% do volume total no ano 2005 (RUSCHEL, 1994) - através de uma pequena contribuição a esse setor, objetivando minimizar as dificuldades de implementação desta atividade ou incrementá-la, com vistas ao aproveitamento de recursos, à diminuição dos impactos negativos que esta atividade venha a causar, ao alcance de benefícios por parte dos envolvidos e, acima de tudo, à preservação do meio ambiente.

Segundo BOO (1992), existe uma carência de destinações que demonstrem todos os princípios do ecoturismo e que demonstrem como o turismo, por si só, pode promover conservação e desenvolvimento sustentável.

Em muitos locais, o ecoturismo se desenvolve, mas ele é formalmente reconhecido apenas ou os administradores preferem não promovê-lo. Mas para a maioria dos locais, a razão pelo qual o ecoturismo não prospera é que essas áreas não estão prontas para tal atividade (ibid., 1992).

Muitos dos locais não possuem planejamento turístico, sistemas turísticos, infraestrutura e facilidades, tais como bares, lojas de *souvenirs*, restaurantes, acomodações, etc. As pessoas que administram esses locais não são treinadas para o turismo, e a comunidade local não está preparada para esta nova atividade (ibid., 1992).

O modelo proposto neste trabalho destina-se a evitar as falhas acima citadas, detectando os pontos fortes e os fracos, as ameaças e as oportunidades que determinada área possui para o desenvolvimento do ecoturismo. Para tanto, realizar-se-á de um diagnóstico completo do local, propondo algumas ações a serem praticadas.

#### 1.4 LIMITES

Apesar do rigor utilizado nos procedimentos empregados, o presente trabalho apresenta algumas limitações.

A fundamentação teórico-empírica ressentiu-se da escassez de literatura. De fato, o assunto foi pouco discutido por pesquisadores e estudiosos do ramo, principalmente em se tratando de exemplos de metodologias para o desenvolvimento de planejamento, implementação e diagnóstico do ecoturismo.

Na parte empírica, a saber, diagnóstico para a área pertencente ao *Resort Plaza Caldas da Imperatriz*, onde se desenvolvem atividades ecoturísticas, constituíram limitações à pesquisa:

- a não liberação de informações por parte de algumas instituições;
- a falta de acesso a informações públicas;
- a falta de bancos de dados regionais;
- a carência de informações formais e documentadas por parte do *Resort*.

Adicionalmente, como fator limitante, cite-se a enchente que se deu na região no momento das pesquisas de campo, em meados do mês de dezembro de 1998, quando houve a queda da ponte que dá acesso ao hotel, o que impossibilitou a realização das

pesquisas no período de aproximadamente um mês, tanto em virtude de o acesso ter sido prejudicado, quanto, principalmente, em virtude do abalo, pois a maioria da população foi afetada pela enchente.

As chuvas frequentes na região também dificultaram o agendamento do passeio às trilhas.

## 1.5 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS

O presente trabalho situa-se entre os desenvolvidos em ciências sociais, que fazem parte das ciências empíricas, as quais tratam de fatos e processos<sup>1</sup>.

No que diz respeito ao propósito deste trabalho, torna-se indispensável destacar que, pelo fato de o tema ser recente e pouco pesquisado, ele se situa, no nível de pesquisas exploratórias.

De acordo com GIL (1993, p. 45), este tipo de pesquisa tem por *objetivo* “ [...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.” GIL (1993) refere como objetivo principal deste tipo de pesquisa o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições.

Esse autor pondera também que o planejamento dela é muito flexível, o que possibilita a consideração dos mais variados aspectos relacionados ao fato estudado.

Tais pesquisas envolvem:

- levantamento bibliográfico;
- entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema estudado;

---

<sup>1</sup> As ciências gerais se dividem em formais e empíricas; estas últimas subdividem-se em naturais e sociais. (Gil, 1994).

- análise de exemplos que “estimulem a compreensão”, segundo SELLTIZ, apud GIL (1993).

Para GIL (1993) apesar da flexibilidade da pesquisa exploratória, esta assume, na maioria das vezes, forma de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso. O presente trabalho vem ao encontro dessa tese, pois apresenta ambas essas modalidades.

A pesquisa bibliográfica, caracterizada como um estudo teórico, é considerada o passo inicial de toda a pesquisa científica. Ela é desenvolvida através de material elaborado anteriormente, constituído de livros, periódicos, artigos científicos, etc. (GIL, 1993). Justificando a importância da pesquisa bibliográfica para o estudo em questão MANZO, apud LAKATOS e MARCONI (1986) ensina que a bibliografia possibilita definir e resolver problemas já conhecidos, bem como explorar novas áreas, cujos problemas não se concretizaram o suficiente.

A principal vantagem dela, segundo GIL (1993), é o fato de a mesma permitir ao pesquisador uma cobertura de inúmeros fenômenos muito mais ampla do que aquela que ele poderia pesquisar diretamente.

O estudo de caso, conforme caracterizado por GIL (1993), é o estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de forma que possibilite amplo e detalhado conhecimento do mesmo. Ele pode ser visto como técnica psicoterápica, como método didático ou como método de pesquisa. Este último é que foi desenvolvido no presente trabalho. Segundo YOUNG (1960, p.269), ele é definido como “*[...] um conjunto de dados que descrevem uma fase ou a totalidade do processo social de uma unidade, em suas várias relações internas e nas suas fixações culturais, quer seja essa unidade uma pessoa, uma família, um profissional, uma instituição social, uma comunidade ou uma nação.*”

LÜDKE e ANDRÉ (1986) arrolam as seguintes características do estudo de caso naturalístico<sup>2</sup>, que foi o efetuado no presente trabalho:

- visa a descobertas;

---

<sup>2</sup> No estudo de caso naturalístico, os problemas são estudados no ambiente em que eles ocorrem, sem haver manipulação intencional do pesquisador (LÜDKE e ANDRÉ, 1986)

- enfatiza a interpretação do contexto;
- busca retratar a realidade de forma completa e profunda;
- usa uma variedade de fontes de informação;
- revela a experiência vicária e permite generalizações naturalísticas;
- procura representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social;
- nos relatos deste tipo de estudo, utiliza uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa.

Como unidade de análise para o estudo de caso, o presente trabalho estabeleceu que seriam estudadas empresas do ramo hoteleiro do estado de Santa Catarina que estivessem desenvolvendo a atividade de ecoturismo ou que estivessem com intenções de desenvolvê-la. Essas empresas foram identificadas através de fontes informais, tais como, por exemplo, informações obtidas por especialistas na área, veículos de comunicação, etc.

Optou-se por trabalhar com apenas dois hotéis: um que já estivesse desenvolvendo a atividade de ecoturismo; outro que tivesse o interesse de desenvolvê-la. Foi efetuado o contato com duas empresas (via telefone) aproximadamente no início do mês de setembro de 1998. Foram marcadas entrevistas para a exposição do projeto; das duas empresas, apenas uma, localizada em Santo Amaro da Imperatriz - SC, se propôs a participar do estudo. Esta já desenvolve a atividade de ecoturismo. O estudo foi desenvolvido integralmente no município onde o hotel se localiza.

Como instrumento de coleta de dados para o desenvolvimento do estudo de caso, utilizou-se de:

*Entrevistas* – Foram realizadas entrevistas estruturadas com o Gerente Geral e com o Biólogo do hotel. As perguntas seguiram o modelo de diagnóstico proposto por BOO (1993) com algumas adaptações.

*Análise de documentos* – A empresa forneceu muitos documentos que serviam de dados para o estudo. Como o estudo examinou elementos externos à empresa, foram efetuados contatos com a prefeitura do município para o recolhimento de documentos para

futuras análises. A FATMA<sup>3</sup> e o IBAMA<sup>4</sup> também foram meios de recolhimento de informações e de materiais.

*Levantamento de opiniões (pesquisa de campo)* – O levantamento de opiniões foi realizado através de questionários aplicados em três conglomerados, a saber:

*Escolas* - Foi selecionada uma amostragem aleatória (nº de elementos = 122). Os questionários (ver anexo 1) foram aplicados no mês de novembro/98, em 3 (três) escolas municipais, abrangendo alunos da 1ª à 8ª série.

*Comunidade* - Procedeu-se a uma amostragem ao acaso (nº de elementos = 70). Os questionários (ver anexo 2) foram aplicados no mês de fevereiro de 1999, em ruas, lojas, bancos, etc.

*Hóspedes do hotel*: : Procedeu-se a uma amostragem ao acaso (nº de elementos = 36). Os questionários (ver anexo 3) foram aplicados no mês de março de 1999, com os hóspedes do hotel.

A pesquisa de campo ensejou ilustrar o estudo a respeito de como o tema escolhido vem sendo tratado numa realidade prática. A abordagem qualitativa foi adotada para a realização desta modalidade do estudo.

De acordo com BARBETTA (1994), as variáveis qualitativas são as características que podem ser observadas em cada elemento da população, sob as mesmas condições. Uma variável observada num elemento da população deve gerar apenas um resultado. É uma variável qualitativa aquela cujos possíveis resultados são atributos ou qualidades.

MINAYO (1994) acrescenta que a abordagem qualitativa “[...] *aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.*”

---

<sup>3</sup> FATMA – Fundação do Meio Ambiente.

<sup>4</sup> IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.



Segundo BOGDAN e BIKLEN (apud LÚDKE; ANDRÉ, 1996), existem algumas características que configuram a pesquisa qualitativa, a saber:

- a) Tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu instrumento principal.
- b) Os dados coletados são predominantemente descritivos.
- c) É bem maior a preocupação com o processo do que com o produto.
- d) O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial.
- e) A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Através de levantamentos realizados por meio dos instrumentos descritos, procurou-se identificar as relações existentes entre as variáveis envolvidas no problema da pesquisa, discutindo-o sob o enfoque do arcabouço teórico estudado.

## 1.6 ESTRUTURA

O **capítulo inicial** apresenta uma introdução geral à presente pesquisa, contempla os objetivos do trabalho, a importância do tema, a metodologia utilizada, as limitações encontradas durante seu desenvolvimento e a estruturação dele.

O **segundo capítulo** trata do ambientalismo. Apresentada a origem do movimento ambientalista, seus eventos mais importantes, as escolas do pensamento ecológico, alguns conceitos relacionados com o tema, e enfoca os paradigmas do ambientalismo, ou seja, o antigo paradigma e o novo paradigma que abrange conceitos e princípios do Desenvolvimento Sustentável. Ainda aborda a importância de uma Gestão Ambiental com consciência ecológica em uma empresa, os benefícios e a mudança cultural da empresa que adota a consciência ecológica.

O **terceiro capítulo** apresenta alguns conceitos do turismo, um breve histórico do mesmo, bem como o modo pelo qual o turismo planejado, visando o desenvolvimento sustentável pode ser benéfico a um destino turístico. Aborda os impactos causados pelo turismo e em contrapartida apresenta algumas medidas para minimizar impactos ambientais dele. Apresenta alguns princípios para que exista equilíbrio entre o turismo e o meio ambiente, as fases do relacionamento entre eles e as futuras tendências do turismo.

O **quarto capítulo** explana alguns conceitos do ecoturismo, tece um breve histórico do mesmo, aponta os atores envolvidos no seu planejamento, os impactos causados por esta atividade, os princípios para a implantação de projetos de ecoturismo, suas políticas, suas tendências e finaliza com alguns exemplos de locais, fora do Brasil, que desenvolvem o ecoturismo.

O **quinto capítulo** analisa desenvolvimento local e apresenta metodologias de diagnóstico. Ao final, apresenta a proposta do trabalho, que consiste numa adaptação das metodologias estudadas.

O **sexto capítulo** traz um estudo de caso, no qual se procede a um diagnóstico ecoturístico da área estudada. Este diagnóstico foi feito no interior da empresa pesquisada, abrangendo os recursos naturais existentes, a infra-estrutura, os recursos humanos, etc.; e no exterior da mesma, abrangendo a comunidade local, a infra-estrutura regional, as atrações regionais, etc. Apresenta ainda uma análise na qual, a partir dos dados coletados no diagnóstico, conta com um Plano de ação com ações estratégicas a serem tomadas pelo *Resort*, direcionadas ao incremento da atividade de ecoturismo que o mesmo desenvolve.

O **sétimo capítulo** apresenta as conclusões finais e algumas recomendações para trabalhos futuros.

## 2 AMBIENTALISMO

### 2.1 INTRODUÇÃO

Segundo MARTINS (1995), pode-se localizar, historicamente, a origem da preocupação com o meio ambiente no início do século XIX, na Alemanha, elaborada em função do problema que norteava a exploração das florestas alternativas. Na Grã-Bretanha e nos EUA, desde o século XVIII se observa uma tradição: a preocupação pelas conseqüências ambientais do crescimento econômico capitalista.

CASTRO, citado por MARTINS (1995), registra que a tradição ambientalista tem se desenvolvido desde muito tempo nos países centrais do sistema capitalista.

As discussões sobre problemas tais como o efeito estufa e a mudança climática apareceram pela primeira vez na Europa no final do século XIX ou no início do século XX.

Recentemente esses mesmos países retomaram a iniciativa da preocupação pela questão ambiental, em virtude da degradação do meio ambiente. A partir da Conferência de Estocolmo sobre meio ambiente humano, em 1972, as exigências ambientais associadas ao fluxo de capital para desenvolvimento, converteram-se em norma para organizações e instituições financeiras nacionais. Infelizmente, esses países munidos de normas ambientais rigorosas, são os principais responsáveis pelo tráfego de resíduos tóxicos para os países menos desenvolvidos, freqüentemente encoberto como "cooperação para o desenvolvimento" (ibid., 1995).

Não se pode esquecer que a problemática ambiental é vista de perspectivas diferentes:

- para os países desenvolvidos, o objetivo é melhorar a qualidade de vida;
- para os países menos desenvolvidos, trata-se de uma questão de sobrevivência.

## 2.2 EVENTOS MAIS IMPORTANTES DO MOVIMENTO AMBIENTALISTA

No período pós-guerra, a partir da segunda metade dos anos 40, iniciaram-se grande quantidade de pesquisas científicas voltadas aos recursos naturais do planeta.

Os anos 60 representaram uma época de otimismo e progresso: cultivou-se a esperança de um mundo novo e melhor, e os ideais de cooperação internacional passaram a ser amplamente difundidos (CMMAD<sup>5</sup>, citado por PIRES, 1997). As informações sobre a questão ambiental, que só eram conhecidas pelo meio científico e acadêmico, começaram a chegar aos segmentos sociais mais interessados dos países desenvolvidos.

Com a proliferação e o aumento das informações sobre os problemas ambientais, surgem, na década de 70, muitos eventos nesta área. Em 1972 foi publicado o informe "Os Limites do Crescimento", em que o Clube de Roma, composto por pesquisadores, industriais, gerentes e cientistas de todo o mundo, relatou a situação da humanidade (ibid.,1997).

De acordo com MEADOWS (1993), as principais conclusões desse evento foram:

- Se as tendências recentes de crescimento populacional mundial, de exploração de recursos, de contaminação, de industrialização, etc. continuarem estáticas, os limites do crescimento, no planeta, chegarão em aproximadamente cem anos. Provavelmente o resultado será um declínio da população e da capacidade industrial.
- É possível alterar essas tendências de crescimento e estabelecer condições de estabilidade econômica e ecológica capazes de serem sustentadas no futuro. O estado de equilíbrio global pode ser desenhado de tal maneira que as necessidades materiais básicas de cada indivíduo sejam satisfeitas e que cada pessoa tenha oportunidades iguais para realizar seu potencial humano.

---

<sup>5</sup> CMMAD - Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento.

- Se a população mundial decidir ir ao encontro da segunda alternativa, quanto antes se iniciarem os esforços para alcançá-la, maiores serão as chances de êxito.

Cientes do que foi descrito pelo Clube de Roma, líderes e pesquisadores reuniram-se para uma série de encontros. No mesmo ano, efetuou-se a Primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano (Conferência de Estocolmo), que lançou luzes sobre a necessidade de implantar estratégias ambientais adequadas para promover um desenvolvimento sócio-econômico eqüitativo, intitulado ecodesenvolvimento (SACHS, apud MARTINS, 1995). Esta conferência enfatizou os aspectos técnicos da contaminação provocada pela industrialização, pelo crescimento populacional e pela urbanização, ou seja, por problemas de primeiro mundo (GUIMARÃES, citado por MARTINS, 1995).

Em 1984, o *United Nations Environment Program* (UNEP) e a *United Nations Conference of Trade and Development* (UNCTAD) realizaram o seminário de “Cocoyoc” (México) sobre “Estratégias de Padrões de Uso de Recursos Ambientais e Desenvolvimento”. JIMÉNEZ, apud MARTINS (1995), comenta que esse seminário salientou o caráter estrutural dos problemas ambientais e das crises globais, sustentando que as desigualdades sócio - econômicas e a degradação ambiental são conseqüências dos modelos de desenvolvimento e de formas de vida, indicando a necessidade de criar novos estilos de desenvolvimento e uma nova ordem internacional.

Esse seminário serviu para catalisar debates sobre a relação que existe entre crescimento econômico e recursos naturais básicos dos quais ele depende.

Posteriormente, em 1987, a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, presidida pela primeira ministra da Noruega, Gra Harlem Brundtland, publicou o relatório "Nosso Futuro Comum", igualmente conhecido como "Relatório Brundtland". A elaboração desse relatório durou aproximadamente 4 anos (1983-1987). Ele apresentou os aspectos da degradação ambiental, abordando suas causas e efeitos, bem como propondo políticas internacionais quanto aos aspectos sociais, políticos, econômicos e ambientais, objetivando a busca do crescimento econômico de maneira compatível com a preservação da natureza (KOWARICK, apud MARTINS, 1995).

Este relatório apresentou uma postura identificada com os interesses dos países em desenvolvimento, além do conceito de Desenvolvimento Sustentável (D.S.), substituindo o termo "ecodesenvolvimento". Nesse relatório, o D.S. relacionava-se diretamente com os problemas da pobreza, saúde, necessidades básicas de alimentação e moradia, apontando que o meio ambiente é o meio onde todos nós vivemos e que o desenvolvimento é o que fazemos para tentar melhorar nossa terra.

Em resposta ao lançamento do relatório "Nosso Futuro Comum", o governo decidiu promover uma grande conferência ambiental, que ficou conhecida como Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento - Eco 92 ou Rio 92 -, realizada no Rio de Janeiro, a qual resultou na elaboração da Agenda 21. Segundo OROFINO (1997), diversos problemas diplomáticos frustraram, em grande parte, a Eco 92, levando-a ao esquecimento após sua realização. Felizmente, este entrave não interrompeu a mudança de mentalidade, que atualmente ocorre cada vez mais rápida e globalmente.

A década de 90, considerada de transição, está trazendo consigo transformações de paradigmas que envolvem o problema ambiental. O quadro a seguir é exemplo dessa mudança na forma de enxergar a realidade na qual estamos inseridos. Ele aponta as principais características da "visão dominante" e da "visão ecológica profunda".

**TABELA 1 - Transição dos anos 90 rumo a uma conscientização ambiental**

Visão Dominante	Visão da Ecologia Profunda
Domínio sobre a natureza.	Harmonia com a natureza é essencial.
Meio ambiente natural é visto principalmente Como fonte de recursos p/ pessoas e indústrias.	Toda a natureza tem um valor intrínseco, não somente como "recursos".
Crescimento na produção industrial e no consumo de energia e recursos naturais para satisfazer o crescimento populacional.	Todas as espécies foram criadas iguais.
Crença de que os recursos são infinitos.	Os recursos da Terra são limitados, impondo limites reais ao crescimento.
Progresso tecnológico continuará a produzir soluções para todos os problemas.	Tecnologia deve ser apropriada, tanto em termos humanos quanto em ambientais. A ciência não tem todas as respostas.
Consumismo: o consumidor é o rei.	Ao invés do consumismo, o objetivo deve ser o de simplificar nossas necessidades – como nos coloca o 'Lifestyle Movement': viva simplesmente para que outros possam simplesmente viver.
Estruturas de poder centralizadoras.	Estruturas de poder deverão ser descentralizadas, baseadas em "biorregiões naturais" e afinada com os direitos e requisitos das minorias.

Fonte: ELKINGTON, P. et. al. (1991).

## 2.3 ESCOLAS DO PENSAMENTO ECOLÓGICO

De acordo com DIEGUES (1994), as concepções subjacentes aos movimentos ambientalistas nos últimos 25 anos, polarizaram-se basicamente entre o *biocentrismo* (ecocentrismo) e o *antropocentrismo*. Estas tendências conceituais têm origem fundamentalmente nas seguintes escolas do pensamento ecológico: a **Ecologia Profunda**, a **Ecologia Social** e o **Eco - Socialismo/Marxismo**.

Com base na obra do autor supracitado, passa-se a resumir a descrição que ele faz das vertentes principais do movimento ambientalista.

### 2.3.1 Antropocentrismo

Esta corrente de pensamento atua na dicotomia entre a natureza e o homem, sendo dado a este o direito de posse e controle dos recursos naturais por meio da utilização de meios científicos e tecnológicos de que ele dispõe. Ela se baseia na hipótese de que *a natureza não possui valor em si, mas constitui numa reserva de recursos naturais a serem explorados pela humanidade*. Assim, a herança cultural das atividades do homem junto à natureza é legítima e benéfica, apontando para uma perspectiva conservacionista na relação homem - natureza. A escola do pensamento ecológico que orientou esta idéia foi o Eco - Socialismo/Maxismo.

### 2.3.2 Biocentrismo ou ecocentrismo

Esta concepção se baseia no fato de que *o mundo natural possui um valor em si mesmo, independentemente de sua utilidade para o homem*. Trata-se de uma visão purista (preservacionista) da natureza, em que o ambiente natural deve permanecer intocado e intocável na sua forma primitiva, sujeito somente ao curso austero da evolução natural. Em nome do equilíbrio ecológico, as atividades do homem são incompatíveis com esse estado de preservação da natureza. As escolas do pensamento ecológico que apoiam essa idéia são a Ecologia Profunda e a Ecologia Social.

## 2.4 MEIO AMBIENTE E ECOLOGIA: CONCEITOS

### 2.4.1 Meio Ambiente

De acordo com VALENTI (1984), a palavra "meio ambiente" provém do francês "milieu ambiente" inicialmente utilizado por geógrafos e naturalistas, onde "milieu" significa o lugar onde está ou onde se movimenta um ser vivo, e "ambiente" designa o que rodeia este ser. Ambas as palavras se complementam por definição e etimologia: "meio", do latim *medium*, refere-se ao lugar e ao contexto onde se encontra ou se movimenta um ser vivo; e "ambiente", do latim *ambire*, determina a idéia, pois quer dizer algo periférico ao sujeito considerado, envolvendo-o.

De acordo com HOLDER apud RUSCHMANN (1997, p.19) por "meio ambiente" "[...] entende-se a biosfera, isto é, as rochas, a água e o ar que envolvem a Terra, juntamente com os ecossistemas<sup>6</sup> que eles mantêm."

De acordo com VALENTI (1984), até o início do século XX, a expressão *meio ambiente* foi utilizada com a conotação de meio natural. Mas atualmente RUSCHMANN (1997) afirma que também se incluem os recursos construídos pelo homem, tais como cidades, casas, padrões comportamentais das populações, etc.

### 2.4.2 Ecologia

A *ecologia*, como ciência organizada e disciplinada, é recente, mas o pensamento ecológico é antigo. Ele sempre fez parte do "equipamento" mental do naturalista. Mas foi na segunda metade do século XIX que se fizeram tentativas para a individualização de uma ciência especial que encerrasse conscientemente esse pensamento. (FERRI, 1980).

---

<sup>6</sup> " Entende-se por *ecossistema* ou *sistema ecológico* qualquer unidade que inclua o relacionamento entre todos os organismos de determinada área – fauna, flora e microorganismos – e o ambiente físico, levando-se em consideração os fatores de equilíbrio geológico, atmosférico, meteorológico e biológico." (PROGRAMA NACIONAL DE MUNICIPALIZAÇÃO DO TURISMO, 1994).



A primeira citação do termo *ecologia* foi feita em 1850, pelo biólogo alemão Ernst Haeckel. Inicialmente a adoção do termo foi feita com enfoque unicamente ecológico, ou seja, referindo-se aos seres vivos e aos sistemas naturais. Atualmente utiliza-se com dimensões políticas sociais, culturais e outras. (PIRES, 1997).

Para PIRES (1997), o termo *ecologia*, tem seu étimo no grego *oikos* – “casa” e *logos* – “estudo de”, que, se utilizados conjuntamente, significam “estudo da casa”, estendendo-se ao estudo do meio ambiente. Atualmente ecologia é a ciência que estuda as características, o significado e a magnitude das relações entre os seres vivos e o meio abiótico que os envolve.

## 2.5 PARADIGMAS DO AMBIENTALISMO

### 2.5.1 Antigo paradigma

Tradicionalmente, os enfoques de orientação positiva utilizam o paradigma do progresso como fundamento para o desenvolvimento, no qual a riqueza material representa o potencial produtivo das nações (PIRES, 1997).

[...] tem-se implícita a idéia de que as sociedades podem progredir indefinidamente em direção a níveis cada vez mais elevados de riqueza material e, segundo esses modelos clássicos de desenvolvimento, o crescimento econômico é impulsionado pela "industrialização" (grifo no original), assumindo-se que os países industrializados são países desenvolvidos ao contrário dos países que têm sua economia baseada na agricultura. Dessa forma, segundo o mesmo autor, os custos ambientais em termos de uso intensivo dos recursos naturais, da degradação da natureza eram considerados normais e necessários ao processo de "desenvolvimento" (grifo no original). (DIEGUES, apud PIRES, 1997, p.18).

Esta idéia de crescimento econômico e de desenvolvimento permaneceu estável até o final dos anos 60. E foi a partir da década de 70, com o fortalecimento do movimento ambientalista, que se iniciaram as revisões desses conceitos anteriores de desenvolvimento, com o surgimento de novas propostas, como, por exemplo a proposta do Desenvolvimento Sustentável (D.S.), que a partir de então foi adotado.

## 2.5.2 Novo paradigma

### 2.5.2.1 Desenvolvimento sustentável

PEZZOLI (1997) afirma que o Desenvolvimento Sustentável (D.S.), apesar de recente, tem se tornado marca registrada a qual invoca dedicação de organizações locais, regionais, nacionais e internacionais, na promoção de abordagens ambientalistas para o desenvolvimento econômico.

Segundo SACHS (1994), o termo D.S. nada mais é do que uma versão atualizada da expressão "ecodesenvolvimento", que, desde os anos 70, vem sendo adotado.

O "Relatório de Brundtlan" da CMMAD (1988) define D.S como "*[...] aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades*". E acrescenta que para haver um D.S é necessário que todos tenham suas necessidades básicas atendidas e lhes sejam proporcionadas oportunidades de concretizar suas aspirações a uma vida melhor.

O conceito de D.S. é um processo de decisão, baseada num consenso, no qual o impacto das atividades econômicas (a economia), o meio ambiente (ecossistemas) e a saúde (bem-estar) da sociedade estão integrados e equilibrados, sem comprometer a capacidade de as gerações presentes e futuras satisfazerem suas necessidades, de modo que, a economia, o meio ambiente e a saúde da sociedade, possam ser sustentadas no futuro. (GREEN AND GROWING, 1998) A figura 1 ilustra este conceito.

O triângulo representa a integração, o equilíbrio e o processo de decisão baseado num consenso, mantidos em um contexto global, representado pelo círculo. O círculo também representa os ecossistemas e o ciclo contínuo e natural da biosfera ecológica. Este modelo foi desenvolvido por educadores junto a *John Lohrez, Social Studies and Sustainable Development Consultant, Curriculum Services, Manitoba Education and Training*.

**FIGURA 1 Modelo do triângulo**



Fonte: GREEN AND GROWING, 1998.

Segundo MUNASINGHE e MCHEALY, apud MUNASINGHE (1993), é possível identificar três diferentes conceitos que refletem as idéias, apresentadas acima, de economia, ecologia e saúde social, este último denominado por Munasinghe de sócio-cultural.

⇒ A abordagem econômica de sustentabilidade baseia-se no conceito do fluxo máximo de renda que pode ser gerado enquanto se mantém o estoque de bens (manufaturados, natural e capital humano) e sua sustentabilidade, assim como valorando essas heranças, principalmente os recursos ecológicos.

⇒ A abordagem ecológica do D.S foca a estabilidade de sistemas biológicos e físicos. Particular importância é dada aos subsistemas que são críticos à estabilidade global de todo o ecossistema. Um aspecto chave é a proteção da diversidade biológica.

⇒ A abordagem sócio-cultural da sustentabilidade busca manter a estabilidade dos sistemas sociais e culturais, inclusive a redução de conflitos destrutivos. A equidade social tanto no que diz respeito à eliminação da pobreza quanto no que se refere aos direitos das futuras gerações são aspectos importantes dessa abordagem. Deve-se intentar a preservação da cultura global e o melhor uso do conhecimento quanto à práticas sustentáveis enraizadas em culturas menos dominantes.

Existe grande confusão a respeito do conceito de D.S, seu sentido é ambíguo, podendo ser interpretado de várias maneiras para servir numerosos interesses. Essa ambigüidade tem estimulado grandes esforços para o desenvolvimento de um terminologia mais precisa. (WALTER, 1998)

A confusão existente é causada, em parte, por uma falta de perspicácia: não sabemos como seria uma sociedade industrial sustentável ou que isso possa ser possível. Ela está também relacionada com o valor carregado de diversos atores de qualquer modelo de D.S.

Está claro que o conflito de valores envolve diferentes visões sobre os estilos de vida e sobre valores culturais que as pessoas gostariam de ver preservados. Qualquer tentativa de definir sustentabilidade será "colorida" por valores dessas formulações das definições. Consequentemente, é improvável se alcançar uma completa concordância no significado operacional da sustentabilidade. (WALTER, 1998)

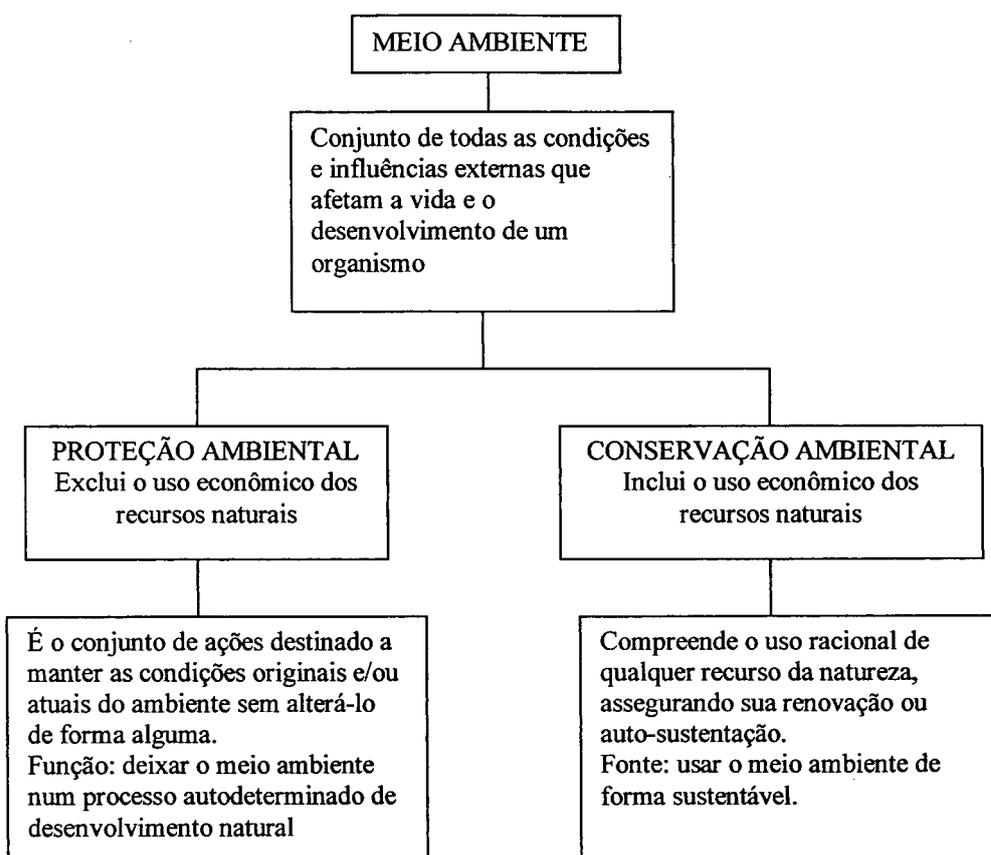
Nenhum termo, por si só, pode delimitar adequadamente o significado operacional de sustentabilidade ou D.S. para todos, especialmente quando iniciativas sustentáveis propõem não somente preservação de sistemas de fornecimento para a vida humana, mas também sustentam, apontam ou despertam, particulares valores culturais e políticos. Assim, é mais importante *como* definimos nossos termos operacionais, do que *escolher* os termos propriamente ditos. (WALTER, 1998)

O conceito de "desenvolvimento sustentável" não poderá se tornar operacionalizável, então, apenas via uma ciência econômica ou tecnologias mais adequadas, nem pela inclusão de preocupações ambientais nos projetos de investimento. Seu verdadeiro significado será derivado apenas através de esforços sistemáticos para a consolidação de uma sociedade mais estável, racional e harmoniosa, baseada em princípios de equidade e de justiça nas relações entre as pessoas, tanto dentro de cada sociedade, como a um nível global. (RATTNER, 1992, p.20).

PERRINGS, citado por MUNASINGHE (1993), observa que O D.S não é necessariamente sinônimo de manutenção do *status quo*. Conservação da biodiversidade não requer proteção de todas as espécies, nem a manutenção corrente de condições

ambientais. Um sistema de desenvolvimento requer que um nível de biodiversidade seja mantido, garantindo a capacidade de rápida recuperação dos ecossistemas dos quais dependem o consumo, a produção e, ainda, o bem-estar humano.

**FIGURA 2 Proteção ambiental x conservação ambiental**



Fonte: MANUAL DE AVALIAÇÃO DE IMPACTO AMBIENTAL (1992).

Nesse contexto, o D.S. defende a idéia de que devemos unir forças e buscar uma "economia limpa", na qual todos produzam o suficiente para abastecer a sociedade, com um grau mínimo de dejetos liberados ao meio ambiente, assegurando própria recuperação dele.

### 2.5.2.2 Princípios básicos do desenvolvimento sustentável

Em 1986, a *World Found for Nature* promoveu a Conferência de Otawa , na qual ficaram estabelecidos alguns princípios básicos do D.S., que, conforme MARTINS (1995) são:

- integração entre conservação e desenvolvimento;
- satisfação das necessidades básicas humanas;
- alcance da equidade e justiça social;
- fornecimento da autodeterminação social e diversidade cultural;
- manutenção da integração ecológica.

Posteriormente, BARONI (1992) redelineou tais princípios, descartando a questão da equidade com justiça social. Então, os princípios passaram a ser:

- crescimento renovável;
- mudança de qualidade do crescimento;
- satisfação das necessidades essenciais de alimentação, energia, água, saneamento básico e emprego;
- garantia de um nível sustentável de população;
- conservação e proteção da base de recursos;
- reorientação da tecnologia e gestão de risco;
- reorientação das relações econômicas.

Estes princípios passaram a ser adotados por organismos e entidades internacionais de fomento na área do meio ambiente

### 2.5.2.3 Sustentabilidade

De acordo com CARVALHO, citado por PIRES (1997), sustentabilidade é a relação entre os sistemas econômicos dinâmicos e os sistemas ecológicos mais abrangentes, também dinâmicos, mas com mudanças mais lentas, na qual:

- a vida humana possa continuar indefinidamente;
- as individualidades humanas possam florescer;
- a cultura humana possa desenvolver-se;
- e os efeitos das atividades humanas permaneçam dentro dos limites, a fim de que não destruam a diversidade, a complexidade e as funções do sistema ecológico de suporte da vida.

Segundo SACHS (1994), para se planejar o D.S., deve-se considerar as cinco dimensões da sustentabilidade, a saber:

*Social* - cuja meta é construir uma civilização com maior equidade na distribuição de bens e de rendas, reduzindo o abismo entre os padrões de vida dos pobres e os dos ricos.

*Econômica* – cuja meta é alocar e gerenciar com mais eficiência os recursos e um fluxo constante de investimentos privados e públicos. Deve-se avaliar a eficiência econômica em termos macrosociais, e não apenas por meio do critério da rentabilidade empresarial de caráter microeconômico.

*Ecológica* – cuja meta é utilizar as medidas que seguem:

- ⇒ limitar o consumo de combustíveis fósseis;
- ⇒ reduzir o volume de resíduos e de poluição;
- ⇒ ampliar a capacidade de carga do planeta;
- ⇒ promover a auto-limitação no consumo de materiais;
- ⇒ definir normas para uma proteção ambiental adequada;
- ⇒ intensificar a pesquisa para a obtenção de tecnologias de menos impactos e mais eficiente.

*Cultural* – cuja meta é buscar as raízes endógenas de processos de modernização e de sistemas agrícolas integrados.

*Espacial* – cuja meta é obter uma configuração rural-urbana mais equilibrada e uma melhor distribuição territorial dos assentamentos humanos e das atividades econômicas.

## 2.6 GESTÃO AMBIENTAL

A adoção de técnicas de produção e um modo de consumo predatórios vêm causando grande impacto das atividades humanas sobre o meio ambiente, dando origem a problemas críticos de poluição desde o início da Revolução Industrial.

O modelo de crescimento adotado após a Segunda Guerra Mundial revelou-se como um agente de quebra do equilíbrio ecológico, o que acarreta, em termos econômicos, um desequilíbrio da alocação de recursos e , em termos sociais, da distribuição do bem estar.

Devido aos desastres ambientais das décadas de 70 e 80, tais como o de Seveso e o de Chernobyl Basel, a conscientização ambiental alcançou um grande "boom" em toda a Europa, seguida dos EUA, onde o vazamento de petróleo do Valdez causou irritação popular (BURSZTYN, 1994).

Cabe ressaltar que os danos causados por catástrofes ambientais são pequenos quando comparados com os danos cumulativos, provocados por numerosos poluentes menores.

Estas últimas décadas caracterizam-se pela excessiva produção e consumo, bem como conseqüentemente, por um aumento de resíduos lançados nos vários meios receptores (solos, águas e ar).

A deterioração, bem como o uso excessivo dos bens ambientais nas atividades de produção e consumo [...], se deve principalmente ao fato de que, até alguns anos atrás, estes eram considerados bens livres<sup>7</sup>, disponíveis em quantidade ilimitada e de apropriação gratuita. Conseqüentemente, os preços normalmente não consideram a amortização do estoque dos recursos ambientais [...] não refletindo, portanto, nem a escassez, nem a raridade do mesmo. (BURSZTYN, 1994, p.14).

---

<sup>7</sup> Que têm valor de uso mas não têm valor de troca.



Dado que o meio ambiente é um patrimônio coletivo, a consideração de seus custos tende a ser negligenciada na busca de satisfações individuais maximizadas, que não incorporam a variável ambiental como custo de produção. Logo, cada produtor repassa uma parte de seus custos à sociedade, evidenciando as limitações da função reguladora das forças de mercado quando se considera a variável ambiental nos mecanismos de alocação de recursos (ibid., 1994).

Cabe ao poder público implementar medidas destinadas a minimizarem a poluição, evitando a elevação de custos sociais e impedindo a incidência de deseconomias externas. Deve-se levar em conta a variável ambiental enquanto elemento associado à estrutura de custos de produção e considerá-la como bem econômico, juntamente com outros fatores.

*“ A internalização dos efeitos externos associados ao meio ambiente representa um instrumento eficaz de correção das distorções nas estruturas de custo, permitindo um ganho de eficácia na gestão dos custos ambientais, além de servir de estímulo à geração de tecnologias menos poluentes. ”* (Id., ibid., 1994, p.15).

Nos últimos anos, o meio empresarial vem passando por um período de grandes modificações. De acordo com FIATES (1995), a sobrevivência da organização empresarial depende de sua competitividade, que hoje é função direta da qualidade e produtividade da empresa. O dinamismo e a crescente competitividade colocam em risco a vida das empresas que não questionarem seus métodos tradicionais de gerenciamento, controle de qualidade, produção, desenvolvimento de novos produtos, etc.

Paralelamente a todas essas modificações, houve também alteração na questão do meio ambiente, que se tornou um importante diferencial competitivo no meio empresarial. As relações entre empresas e mercado passaram a ser cada vez mais influenciadas pela questão ambiental. Consumidores e clientes passaram a valorizar os produtos ecologicamente corretos, ou seja, exercem pressão sobre as empresas para que as mesmas forneçam opções mais apropriadas ao meio ambiente, minimizando a agressão.

Assim, os gastos com proteção ambiental, nos anos 80, começaram a ser vistos pelas grandes empresas não como custos, mas, sim, como investimentos para o futuro e uma vantagem competitiva. *“ 'Administrar com consciência ecológica' passou a*

*ser o lema dos empresários voltados para o futuro". (LUTZ, citado por CALLENBACH et al. , 1993, p. 25).*

### 2.6.1 Benefícios de uma gestão com consciência ecológica

WINTER et al., citados por CALLENBACH et al. (1993), apontam algumas razões pelas quais o administrador ou o responsável deve implementar os princípios do gerenciamento com consciência ecológica ou ambiental em sua empresa, a saber:

- a) Sobrevivência humana;
- b) Consenso público;
- c) Oportunidades de mercado;
- d) Redução de riscos;
- e) Redução de custos;
- f) Integridade pessoal.

Cada empregado irá se sentir satisfeito se o trabalho for efetuado com menor prejuízo ao ambiente, à saúde pessoal e às oportunidades das gerações futuras.

O autor acima citado afirma também que alguns princípios devem ser considerados primordiais para o sucesso a longo prazo de uma empresa gerenciada de forma responsável:

- Qualidade;
- Criatividade;
- Humanidade;
- Lucratividade;
- Continuidade;
- Lealdade.

Esse modelo inclui o uso estratégico de instrumentos tradicionais de administração para fins ecológicos.

DYLLIK, apud CALLENBACH et al. (1993) aponta três elementos chaves característicos das estratégias da gestão com consciência ecológica ou ambiental:

- *Inovação* - Inovações "eco-favoráveis" e conservadoras de recursos podem diminuir o impacto ambiental (gerando economias de custo) ou ainda trazer vantagens ecológicas ao consumidor (gerando vantagens competitivas).
- *Cooperação* - A importância da cooperação entre os agentes do ciclo completo de vida de um produto - da matéria-prima até o descarte - deriva do fato de que os efeitos econômicos e ecológicos obedecem a leis diferentes. Enquanto a competição é o princípio norteador no primeiro caso, a cooperação é essencial ao segundo.
- *Comunicação* - a tarefa da comunicação adquire uma importância estratégica global, devido à crise de confiança que afeta as empresas individualmente e setores inteiros. Ao contrário das estratégias tradicionais de gestão, a comunicação e as relações públicas são estendidas como componentes de *marketing*, restringindo-se à publicidade de produto ou institucional.

## 2.6.2 Mudança da cultura de uma empresa com consciência ecológica

CALLENBACH et al. (1993) ressaltam que, com o passar do tempo, ocorreu uma transformação, de gestão ambiental para gestão ecológica.

A gestão ecológica envolve mudanças básicas na cultura de uma empresa. Ela tem como fundamento e motivação o conceito e os valores da ecologia profunda; logo, seu sucesso depende da medida em que o paradigma ecológico estiver refletido na cultura empresarial (CALLENBACH et al., 1993).

Define-se paradigma como sendo conceitos, valores, percepções e práticas compartilhados por uma comunidade, compondo uma visão particular da realidade, que constitui a base sobre a qual a comunidade se organiza. Como cultura empresarial, define-

se paradigma como um conjunto de idéias, valores, normas e modos de conduta, que foi aceito e adotado por uma empresa através de um consenso, constituindo o caráter distintivo da organização (ibid., 1993).

Segundo LUTZ, apud CALLENBACH et al. (1993), não se pode entender os problemas ecológicos do mundo isoladamente. Trata-se de problemas sistêmicos e interdependentes, cuja compreensão e solução requerem um novo tipo de pensamento sistêmico ou ecológico.

Este novo pensamento precisa ser acompanhado de mudanças de valores, como veremos abaixo.

O novo paradigma pode ser denominado como uma visão holística do mundo - a visão do mundo como um todo integrado, e não como um conjunto de partes dissociadas. Pode ser denominado como uma visão sistêmica, ou de sistemas, em referência a seu embasamento mais teórico e abstrato na teoria dos sistemas. E finalmente, o novo paradigma pode ser denominado como uma visão ecológica, usando esse termo numa acepção muito mais ampla e profunda do que a usual. (ibid., 1993, p.87).

CALLENBACH et al. (1993) aponta alguns elementos-chave da mudança de paradigmas:

- *Estado do mundo* - A década de 90 é crítica. Problemas globais estão danificando a biosfera e a vida humana, as florestas estão sendo devastadas, o solo arável está diminuindo, e a camada de ozônio está sendo destruída. A fauna e a flora estão sendo destruídas. A população mundial cresce, e o abismo entre ricos e pobres aprofunda-se.
- *Inter-relação dos problemas* - Esses problemas são sistêmicos (interligados e interdependentes); sua compreensão e solução requerem um enfoque sistêmico.

- *Mudança de objetos para relações* - Mudança de percepção, do mundo como máquina para o mundo como um todo integrado em um sistema vivo.
- *Mudanças das partes para o todo* - A natureza de qualquer sistema vivo, incluída aí a organização de negócios, deriva das relações entre seus componentes e das relações do sistema todo com seu ambiente. Podemos discernir partes individuais em qualquer sistema, mas a natureza do todo é sempre diferente da simples soma das partes.
- *Mudança da dominação para a parceria* - Enquanto uma máquina é entendida por meio de dominação e controle, a compreensão de um sistema vivo será muito mais bem sucedida se abordada por meio da cooperação e da parceria.
- *Mudanças de estruturas para processos* - Pensar sistematicamente é pensar em processos. Toda estrutura é manifestação de processos que a fundamentam.
- *Mudanças de auto-afirmação para integração* - Na nossa cultura brasileira damos ênfase à auto-afirmação (concorrência, expansão, quantidade) e deixamos de lado a integração (cooperação, conservação qualidade).
- *Mudança de crescimento para sustentabilidade* - A busca desenfreada do crescimento irrestrito é a principal força motriz da destruição ambiental global.

## 2.7 CONCLUSÃO

O movimento ambientalista passou por grande evolução nos últimos anos. De uma visão dominante, na qual vigorava o domínio sobre a natureza, passou-se para uma visão ecológica profunda, na qual acredita-se na harmonia com a natureza, onde encerra possui um valor intrínseco e que deve ter limites ao crescimento pois seus recursos são limitados.

O novo paradigma defende a idéia do desenvolvimento sustentável, no qual o impacto das atividades econômicas, o meio ambiente e a saúde da sociedade devem ser

integrados e equilibrados sem comprometer a capacidade de as gerações presentes e futuras satisfazerem suas necessidades.

Porém deve-se, antes de mais nada, entrar num consenso para não haver confusão e definir o que realmente vem a ser uma sociedade sustentável. Os princípios básicos de Desenvolvimento Sustentável irão ajudar na formulação desta definição, devendo-se analisar o que cada um deles contempla e prioriza. Cabe ressaltar que a participação da comunidade é imprescindível em todo o processo.

O meio ambiente clama por preservação e cabe a todos aumentar a conscientização para que ele seja salvo. O turismo, especificamente o ecoturismo, pode vir a ser uma ferramenta para tal ação.

### 3 ATIVIDADE TURÍSTICA

#### 3.1 INTRODUÇÃO

A mais antiga das definições conceituais aproveitadas sobre o turismo data de 1910 e tem sua autoria atribuída ao economista austríaco Herman von Schullard, que compreende o turismo como “ [...] *a soma das operações, especialmente as de natureza econômica, diretamente relacionadas com a entrada, a permanência e o deslocamento de estrangeiros para dentro e para fora de um país, cidade ou região.*” (HERMAN VON SCHULLARD, apud ANDRADE, 1995, p.32 - 33).

Segundo ANDRADE (1995), anos depois, seguindo a mesma linha de Shullard, o economista belga Edmond Picard afirmou que “[...] *a função do turismo é a importação de divisas pelos países. Seu impacto reside no fato do que as despesas de turismo podem fazer para os diferentes setores da economia e, em particular, para os proprietários e gerentes de hotéis.*” (PICARD, citado por ANDRADE, 1995, p.33).

Depois desses conceitos, muitos outros surgiram com a evolução do turismo, mas o mais completo e o que melhor explica suas finalidades, a diversidade de sua natureza e considerações a respeito do receptivo é o de Marhiot, que conceitua o turismo como “[...] *o conjunto de princípios que regulam as viagens de prazer ou de utilidade, tanto no que diz respeito à ação pessoal dos viajantes ou turistas como no que se refere à ação daqueles que se ocupam em recebê-los e facilitam seus deslocamentos.*” (MARHIOT, apud JACHINOSKI, 1975, p.4).

Para o turismo, também há conceitos estruturais, nos quais ele não passa de um produto composto ou uma combinação de bens e serviços, cuja funcionalidade depende de conhecimentos operacionais e de dedicações para atendimento dos requisitos da oferta e das exigências da demanda (ANDRADE, 1995).

Este autor define ainda o turismo de forma estrutural como sendo “[...] *o complexo de atividades e serviços relacionados aos deslocamentos, transportes, alojamentos,*

*alimentação, circulação de produtos turísticos, atividades relacionadas aos movimentos culturais, visitas, lazer e entretenimento.*"(Ibid., 1995, p.38).

### 3.2 BREVE HISTÓRICO DO TURISMO

O "turismo" como palavra surgiu no século XIX, mas como atividade, certas formas de turismo existem desde as mais remotas civilizações. Segundo o economista italiano Alberto Sessa (SESSA, 1978), a atividade turística além de ter superado duas grandes guerras mundiais, superou também a crise econômica de 29 e a crise energética de 1973.

De acordo com ANDRADE (1995), o turismo é um fenômeno social que antecede as viagens que os jovens aristocratas ingleses realizavam, acompanhados de seus competentes e ilustrados preceptores, às principais cidades européias dos séculos XVIII e XIX. O *grand tour*, sob o rótulo de "viagem de estudo", assumia o valor de um diploma, conferindo-lhes *status social*, embora, na realidade, a programação se fundamentasse em grandes passeios de qualidade e com atrativos prazerosos, que denominam de *turísticos*, nomenclatura assumida para expressar a realização de viagem através de regiões e países diversos, ou para significar a realização de "volta ao mundo conhecido" ou possível à sociedade mais evoluída da época.

Ainda segundo o referido autor, os ingleses "nobres" consideravam que somente as pessoas que faziam o *grand tour* através da Europa, detinham cultura. No momento que o roteiro europeu passou a ser familiar a esses "nobres", as atenções passaram a voltar-se aos que chegassem a outros destinos, como às Américas, ao Extremo Oriente, ao Egito, etc.

TRIGO (1995) complementa essas informações dizendo que o turismo organizado surgiu como conseqüência do desenvolvimento tecnológico da Revolução Industrial e da formação de parcelas da burguesia comercial e industrial com tempo, dinheiro e disponibilidade para viajar, em meados do século XIX.

No final do século XIX, as tecnologias possibilitaram construções em ferro fundido, estações ferroviárias, grandes edifícios, etc. Dois meios de transportes importantes



foram desenvolvidos: os navios de passageiros e os trens. O turismo desse período era caracterizado como residencial: as pessoas ficavam um período ou uma estação do ano em uma segunda residência.

Ainda no século 18, na Europa, surgiu um movimento turístico de verão com destino às montanhas, modalidade essa denominada *paisagismo*. Prosperou o desejo de aventura, marcado pelas escaladas esportivas.

O clube britânico de alpinismo foi fundado em 1857, e, em 1863, surgiram os clubes italiano, austríaco e suíço. Na América do Norte surgiu o desejo de se estar próximo à natureza e, em 1872, foi criado o primeiro parque nacional do mundo, o *Parque Nacional de Yellowstone* (Wyoming, Montana, Idaho).

Muitos outros acontecimentos importantes ocorreram, mas o turismo na Europa foi interrompido pela Primeira Guerra Mundial e retomado em 1919. O auge do turismo europeu se deu em 1929. Mas a crise, iniciada no mesmo ano, devido à queda da Bolsa de valores de Nova York, refletiu-se em todo o mundo e atingiu a Europa em 1932, causando uma segunda estagnação do turismo.

A nova ascensão ocorreu no fim da década de 30 e atingiu seu auge em 1937. Mas com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o turismo ficou paralisado em todo o mundo. Seus efeitos foram tão profundos, que somente em 1949 o turismo renasceu, com características crescentes de "turismo de massa". Esse tipo de turismo teve seu marco inicial quando as tecnologias desenvolvidas na Segunda Guerra, tais como radares e sistemas de navegação aérea e marítima, sonares e novas cartas marítimas e terrestres, telecomunicações, etc. foram aproveitadas para fins pacíficos.

O crescimento do turismo a partir dessa época teve como causas: a valorização da mentalidade de se ter direito ao lazer e ao turismo; a mudança de hábitos de consumo; introdução de férias pagas aos trabalhadores; e elevação geral do nível de renda. As pessoas conquistam o direito ao tempo livre, e o turismo tornou-se objeto de consumo do ser humano contemporâneo.

FOURASTIÉ (1979) concorda com isso e afirma que foi a partir do século XX, após a Segunda Guerra Mundial, que a atividade turística evoluiu, como consequência dos fatores relacionados ao poder de compra das pessoas, à produtividade empresarial e ao bem-estar resultante da restauração da paz no mundo.

De acordo com IOANNIDES (1995), desde os anos 70, o turismo internacional tem gerado grande interesse nas várias disciplinas acadêmicas: da Economia e Sociologia à Antropologia e Geografia.

Atualmente, a atividade turística é considerada como uma das mais expressivas na economia mundial. Além de ser considerada a maior prestadora de serviços no mundo, é responsável por receitas importantes a setores da economia e a eles ligados direta ou indiretamente. O turismo é um grande gerador de empregos, de renda e de divisas, podendo vir a ser a solução para o desenvolvimento econômico-social de uma nação (ver seção 3.5).

A sociedade atual encontra-se no limiar de uma época, na qual a explosão do desenvolvimento tecnológico nas indústrias de ponta, as de automação e informática, provoca um aumento surpreendente do tempo livre da população e uma grande agitação nas pessoas.

E devido às grandes agitações do mundo moderno, RUSCHMANN (1997) considera o turismo como um intenso consumidor da natureza e pondera, que, nas últimas décadas, sua evolução se deu como resultado da "busca do verde" e da "fuga" dos tumultos da urbanização pelas pessoas que tentam recuperar o equilíbrio psicofísico em contato com a natureza em seu tempo de lazer.

Segundo a mesma autora (1997), existem alguns aspectos que contribuíram para que os fluxos turísticos crescessem dessa maneira, a saber:

- Crescimento do tempo livre como consequência da racionalização e do crescimento da produtividade nas empresas;
- Aumento na renda de amplas camadas da população;

- Evolução técnica, que conduziu a um aumento da produtividade e à redução dos custos da produção. A produção massiva dos veículos aumentou o grau de movimentação das pessoas, que se utilizam, cada vez mais, dos automóveis para viajar;
- Desenvolvimento de empresas prestadoras de serviços que organizam e comercializam viagens;
- Liberação das formalidades aduaneiras, eliminação de vistos, unificação de documentos de viagens etc., estimulando as viagens internacionais;
- Aumento da urbanização como consequência da industrialização ;
- Falta do "verde" e os impactos psicológicos da vida nas cidades, que incentiva as viagens.

### 3.3 TIPOS DE TURISMO

Como atividade econômica, o turismo passa por inovações constantes, em relação à competitividade dos mercados e das exigências da demanda.

Assim, as empresas de turismo caminham para a especialização: deixando de ser generalistas, oferecem agora produtos segmentados, para uma demanda específica.

Assim, o documento Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo (BRASIL, 1994) refere diversos tipos de turismo:

- turismo cultural
- turismo esotérico
- turismo de maior idade
- turismo esportivo
- turismo náutico
- ecoturismo

Mas também existem outros tipos de turismo mais tradicionais, tais como:

- turismo de negócio
- turismo de saúde
- turismo religioso
- turismo de férias

### 3.4 OFERTA TURÍSTICA

Segundo o PROGRAMA NACIONAL DE MUNICIPALIZAÇÃO DO TURISMO (1994), a oferta turística é o conjunto de atrativos turísticos, assim como de bens e serviços, que certamente induzirá as pessoas a visitarem especialmente uma localidade.

Considerando a natureza e a estrutura da oferta turística, ANDRADE (1995) apresenta algumas características dela:

- Não são estocáveis;
- Seus recursos são estáveis e consumidos no receptivo onde são produzidos e comercializados;
- Os recursos são estáticos: não podem ser transportados em seu todo ou em partes significativas, sem que se altere o conjunto;
- Os recursos são imóveis: são os turistas que se deslocam para usufruí-los;
- A oferta é rígida e inadaptável: não possui flexibilidade suficiente para outra utilização, sem correr riscos de descaracterização;
- Ela é dependente da concorrência de mercado e da vontade do cliente, que considera o turismo como supérfluo e dispensável;
- O sucesso cultural e comercial depende da qualidade e do grau de união e de colaboração de uma série de fatores relacionados à oferta e ao funcionamento dos bens e serviços, a sua qualificação e a seus preços.

### 3.4.1 Oferta turística natural

A matéria-prima da oferta natural são os recursos para cuja criação não houve interferência humana, nem concurso desta para capacitação e configuração deles.

Como já foi citado, o potencial natural é o fator principal para que uma localidade seja considerada possuidora de vocação turística.

Esse potencial natural caracteriza-se pela posse de pelo menos alguns dos seguintes elementos da natureza:

- Clima (temperatura, chuvas, umidade, ventos, sol, etc.);
- Configuração geográfica e paisagens (montanhas, grutas, rios, rochedos, etc.);
- Elementos silvestres e da saúde;
- Fauna e flora.

### 3.4.2 Oferta turística artificial

Segundo ANDRADE (1995), a oferta artificial também pode ser chamada de *recurso artificial* e por recursos artificiais entendem-se “ [...] o conjunto de adaptações de recursos naturais, de obras criadas pelo homem, de serviços e de atitudes que colaboram com a natureza, imitando-a - de alguma forma - ou agindo de modo a complementá-la ou mesmo subsidiá-la, através de esforços com a finalidade de melhorar a produtividade de seus recursos e de aproveitar melhor as alternativas de sua capacidade.” (ANDRADE, 1995, p.106)

A oferta artificial é um fenômeno amplo, substituível, mutável, deteriorável e diversificado, conforme as culturas, necessidades e conveniências, envolvendo bens de natureza turística e não-turística.

Segundo ANDRADE (1995), ela se divide em cinco categorias:

- Bens históricos, culturais e religiosos;
- Vias de acesso e meios de transporte;
- Modo de vida e comportamento;
- Superestruturas indispensáveis - teatro, boates, cinemas, butiques, etc.;
- Bens e serviços de infra-estrutura, que se dividem em:

*Infra-estrutura geral ou básica* – conjunto de obras e instalações de estrutura física de base que criam condições para o desenvolvimento de uma unidade turística, como geração e fornecimento de água, luz, combustíveis, serviços de esgoto, telecomunicações, transportes, etc.

*Infra-estrutura turística* – conjunto de obras e de instalações de estrutura física e de serviços urbanos básicos que dão suporte ao desenvolvimento do turismo em determinada área, tais como:

- Instalações de hospedagem : hotéis, motéis, albergues, hospedarias, pousadas, etc. montados e mobiliados com o mínimo de equipamentos exigidos para a classificação oficial pelos órgãos classificadores.
- Instalações de recepção: de atendimento, orientação e acompanhamento dos turistas; são dispositivos suficientes e destinados à organização de deslocamentos no próprio receptivo e a às informações e promoções que esclareçam e orientem os turistas e visitantes, a fim de que possam optar por bens e serviços com a segurança que pretendem, sem serem induzidos.
- Organização para recreação, entretenimento e esportes: de fundamental importância para a distribuição racional do tempo do turista, segundo suas preferências pessoais.

*" Múltiplas pelas características naturais e diversificadas por suas qualidades, tanto a oferta natural como a artificial precisam ser analisadas com base na destinação e na vocação de cada um dos recursos, considerados em seus elementos estáticos e dinâmicos,*

*sejam bens e serviços.*" (Ibid., 1995, p.102). Portanto, é necessário analisar a oferta natural e a artificial separadamente segundo critérios próprios.

### 3.5 CIFRAS DO TURISMO

O documento "A Indústria do Turismo no Brasil - Perfil e Tendências"(BRASIL, 1996), mostra que a atividade turística no Brasil, abrangendo todos os segmentos do setor, gera US\$ 40,395 bilhões, o que equivale a 8% do PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro. A contribuição na arrecadação de impostos do setor é de R\$ 10,423 bilhões. .

Os brasileiros nunca fizeram tanto turismo quanto neste final de ano de 1994 e início de 1995. COELHO (1994) declara que, no *ranking* mundial, a indústria brasileira de Viagens & Turismo, com toda sua prestação de serviços, que vai desde o agente de viagens, até as transportadoras, os serviços aeroportuários, os taxis, os hotéis etc., ocupa o décimo lugar. A previsão para a indústria brasileira, em 1994, é de US\$ 45 bilhões.

Este valor representa aproximadamente 56% do mercado da América Latina, porém apenas 1,3% do total mundial. A indústria do turismo no Brasil é responsável por quase 6 milhões de empregos bem remunerados, em média 6,1% acima do salário médio dos brasileiros.

Segundo o CONSELHO MUNDIAL DE VIAGENS E TURISMO, apud BRASIL (1994), o mercado turístico como um todo empregou, em 1991, 183 milhões de pessoas.

No período de 1985/1993, o número de turistas que empreendeu viagens internacionais passou de 380 para 500 milhões (Ibid., 1994).

No que tange aos ganhos financeiros provenientes do turismo internacional, com exceção do setor de transportes, o crescimento passou de US\$ 18 bilhões em 1970 para US\$ 324 bilhões em 1993 (Ibid., 1994).

De acordo com dados disponíveis de 1992, a Europa detinha 52% dos ingressos, as Américas 27%, o Extremo Oriente e o Pacífico 16%; a África, o Oriente Médio e outras regiões da Ásia dividem entre si o percentual restante.

### 3.6 TURISMO SUSTENTÁVEL

A propagação da idéia de Desenvolvimento Sustentável repercutiu mundialmente de diversas formas entre os vários agentes interessados em crescimento econômico. Segundo ALMEIDA JÚNIOR, citado por RIBEIRO e BARROS (1997), a atividade econômica turística é uma das que visivelmente estão sendo influenciadas pela tentativa de elaboração de novos parâmetros que conceitualizem o desenvolvimento como um processo "ecologicamente viável e socialmente justo, em termos das gerações presentes e futuras".

Efetivamente, turismo não podia deixar de buscar a sustentabilidade, pois seu sucesso depende basicamente da qualidade do ambiente natural, cultural e humano. De acordo com MANNING e DOUGHERTY (1996), está bem estabelecido que as preferências de destinos, para os turistas, são fortemente influenciadas pelo ambiente cultural e natural do local.

A Oficina de Joinville (SC) do Programa Nacional de Municipalização do Turismo define o turismo sustentável como "*[...] o turismo explorado de forma consciente, organizado e planejado, onde se permite a sua continuidade*". (PROGRAMA NACIONAL DE MUNICIPALIZAÇÃO DO TURISMO, 1995).

*" O turismo já é chamado de indústria sem chaminés: em sua fase poética, hoje ultrapassada, situa-se no setor terciário e se caracteriza como organização que possibilita ou viabiliza viagens, hospedagem, alimentação e lazer às pessoas que se deslocam de suas residências para atendimento de seus objetivos diversos. "* (ALMEIDA, 1995, p.99).

Em 1992 realizou-se a Global Conference on Business and the Environment (Globe '92), em Vancouver, British Columbia. Foi uma declaração desafiadora para o setor turístico global. MANNING e DOUGHERTY (1996) afirmam que essa declaração



identificou alguns passos necessários para que a indústria se torne ambientalmente sustentável, a saber:

- Criar uma organização nacional institucional para o turismo sustentável, incluindo uma estratégia de desenvolvimento a longo prazo e a criação de uma política mais segura e estruturas de planejamento;
- Proteger os recursos centrais de base para o sucesso da indústria;
- Estabelecer associações de fornecedores do turismo com as comunidades locais e com a iniciativa privada para construção de um turismo sustentável;
- Desenvolver um melhor inventário e sistemas de monitoramento para ambos os recursos de base e as ações de turistas;
- Utilizar melhores tecnologias e "desing" para minimizar os impactos negativos;
- Tirar vantagens do mercado a favor de um produto turístico "verde"; e
- Desenvolver padrões para a indústria e encorajar a colaboração, em todos os níveis, no desenvolvimento e na implementação de efetivos mecanismos reguladores.

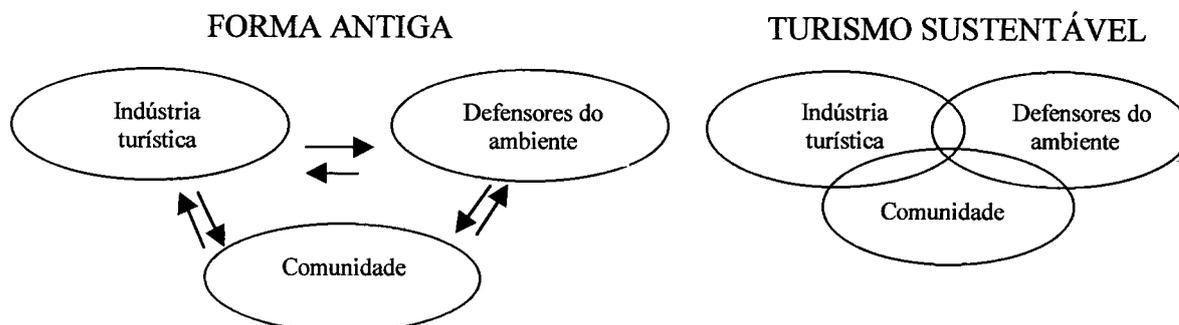
Juntos, essas metas constituem uma agenda para a indústria mudar seu próprio futuro, para construção de uma indústria mais sustentável através de um melhor planejamento, gerenciamento e cooperação, que são preocupações comuns do turismo.

É essencial que a comunidade local esteja envolvida nas tomadas de decisão a nível de planejamento, desenvolvimento e na gestão do turismo, recebendo benefícios equitativos deste setor.

### 3.6.1 Parceiros para o desenvolvimento sustentável do turismo

Por meio da interação e da cooperação entre comunidade, indústria turística e defensores do ambiente, todos podem obter benefícios e alcançar melhor qualidade de vida (ver figura 3).

**Figura 3 Interação e cooperação entre os atores envolvidos com o turismo: forma antiga e turismo sustentável.**



Fonte: Manual de Municipalização do Turismo (ca.1994).

Cada ator busca certos benefícios com o Desenvolvimento Sustentável do turismo. Tais benefícios estão representados na tabela 2.

**TABELA 2 O que cada ator busca com o desenvolvimento sustentável do turismo**

<b>INDÚSTRIA TURÍSTICA</b>	<b>DEFENSORES DO AMBIENTE</b>	<b>COMUNIDADE</b>
- Segurança econômica; - Mão-de-obra Qualificada e responsável; - Atrações com Qualidade para assegurar fluxo estável de visitantes.	- Proteção do ambiente através da preservação, do aperfeiçoamento, da recuperação de danos e de restauramento; - Motivar as pessoas a serem mais conscientes – ao invés de consumirem, cuidarem dos recursos.	- Alimentação, água limpa, educação, recreio, trabalho compensador com salário compatível; - Respeito pelas tradições culturais; - Oportunidades para tomar decisões relativas ao futuro.

Fonte: Adaptação do *Manual de Municipalização do Turismo* (ca. 1994).

Segundo MANUAL DE MUNICIPALIZAÇÃO DO TURISMO (ca. 1994), alguns dos interesses podem ser comuns às três partes, a saber:

- Assuntos referentes aos acessos, tais como o lugar e o modo de os turistas visitarem e se deslocarem;

- Assuntos referentes aos hóspedes e anfitriões, tais como o impacto cultural ou a utilização de infra-estrutura;
- Assuntos referentes à utilização de terrenos, tais como a caça/habitat de animais selvagens, agricultura/recreio, preservação/desenvolvimento, etc.

### 3.6.2 Planejamento do turismo visando o desenvolvimento sustentável

Segundo o PROGRAMA NACIONAL DE MUNICIPALIZAÇÃO DO TURISMO (1994), planejamento turístico é o processo que analisa a atividade turística de um país ou uma região, diagnosticando seu desenvolvimento e fixando um modelo de atuação por etapas, estabelecendo planos e programas com objetivos, metas e instrumentos definidos, com os quais se pretende impulsioná-la, coordená-la e integrá-la ao conjunto macroeconômico em que se encontra inserida.

Um turismo mal planejado acarretará um prejuízo muito grande para o local, pelo fato de consumir muitos bens, recursos e energia.

De acordo com a EMBRATUR (1996), o planejamento, tendo como base o turismo sustentável, envolve atividades de caráter multidisciplinar, assegurando:

1. Preservação dos processos ecológicos, da diversidade da fauna e flora e dos recursos naturais e culturais;
2. Qualidade de vida compatível com a cultura e os valores dos residentes, mantendo e fortalecendo a identidade da comunidade;
3. Geração de recursos econômicos para a sua exploração no presente e no futuro.

A finalidade do planejamento turístico consiste em ordenar as ações do homem sobre o território e ocupa-se em direcionar a construção de equipamentos e facilidades de forma adequada evitando, dessa forma, os efeitos negativos nos recursos, que os destroem ou reduzem sua atividade. [...] é fundamental e indispensável para o desenvolvimento turístico equilibrado e em harmonia com os recursos físicos, culturais e sociais das regiões receptoras, evitando, assim, que o turismo destrua as bases que o fazem existir. (RUSCHMANN, 1997, p.9-10)

A autora supracitada afirma que somente as ações planejadas, visando o desenvolvimento sustentável do turismo, podem conduzir a uma evolução favorável, tanto para os empresários, quanto para a população local, para os turistas e para todas as destinações.

A avaliação da qualidade de uma destinação turística baseia-se na originalidade de suas atrações ambientais e no bem-estar que proporcionam. Assim, é de suma importância o controle do crescimento quantitativo dos fluxos turísticos, devido à sensibilidade dos ecossistemas, que ficam comprometidos quando se ultrapassam os limites de sua capacidade de carga.

Capacidade de Carga, segundo BOO (1990, p.225), refere-se "*[...] ao número máximo de visitantes (por dia/mês/ano) que uma área pode suportar, antes que ocorram alterações nos meios físico e social [...]*", inteirando os diversos setores da economia, grupos e indivíduos. Ela depende do tipo e do tamanho da área, do solo, da topografia, dos hábitos da população, da vida selvagem e, ainda, do número e da capacidade dos equipamentos destinados a atender aos turistas.

O conceito de capacidade de carga e sua aplicação no turismo residem na necessidade de se determinar limites para as atividades turísticas ou recreativas. Segundo CERRO apud PIRES (1998), a extrapolação de tais limites faz aumentar os riscos de:

- Saturação do equipamento turístico;
- Degradação do meio ambiente;
- Redução da qualidade da experiência turística.

Esses três aspectos são importantes para o desenvolvimento do turismo, mas a questão da qualidade da experiência turística vem ganhando, cada vez mais, atenção especial de pesquisadores e planejadores, no sentido de considerar a reação dos turistas, em termos de satisfação ou frustração da sua experiência turística diante do fenômeno da aglomeração, o qual é muito freqüente no turismo de massa (PIRES, 1998).

A determinação da capacidade de carga para o turismo e a avaliação da importância de diferentes recursos deparam-se com os seguintes obstáculos, segundo MANNING e DOUGHERTY (1996):

- ⇒ O turismo depende de muitos atributos do meio ambiente, tais como presença ou diversidade de vida selvagem, limpeza, acesso ao litoral, abundância de flores silvestres e capacidade de suportar diversas atividades. Tais atributos respondem, de sua própria maneira, a diferentes níveis de uso.
  
- ⇒ O impacto da atividade humana no ambiente deve ser gradual e deve afetar várias partes do sistema e em diferentes proporções. Alguns aspectos devem ter limites precipitados (como *habitat* de espécies frágeis ou em extinção), enquanto outros se degradam gradualmente quando muito usados (como a qualidade da água).
  
- ⇒ A sensibilidade do ambiente depende, em parte, das ligações entre aquele ambiente e outros. Enquanto, em um lugar, não deve ser problema para ninguém se o rio é desviado ou se um quebra-mar é construído, em outros locais uma mudança de fluxo pode ser crítica porque rio abaixo ou mais adiante ao longo da costa, alguma pessoa, algum negócio ou espécie, depende dessa fonte de água.
  
- ⇒ Diferentes usos criam diferentes impactos (ex.: caminhadas destroem menos a terra do que deslocamentos de bicicleta, que, por sua vez, se tornam menos agressivos do que cavalgadas).

### 3.7 IMPACTOS DO TURISMO

Para se identificar e analisar os atributos-chaves de uma região, faz-se necessário a utilização do Estudo de Impacto Ambiental (EIA), que objetiva determinar, com antecedência, fatores que possam afetar a habilidade para construção de um desenvolvimento desejado e os atributos que serão afetados pela atividade proposta. Os resultados podem influenciar decisões, considerando, para prosseguir, escolhas de

"design", planos de construção e métodos para mitigar efeitos indesejáveis (WORLD TRAVEL TOURISM COUNCIL apud MANNING e DOUGHERTY, 1996).

*“Os impactos do turismo referem-se à gama de modificações ou à seqüência de eventos provocados pelo processo de desenvolvimento turístico nas localidades receptoras. As variáveis que provocam os impactos têm natureza, intensidade, direções e magnitude diversas; porém, os resultados interagem e são geralmente irreversíveis quando ocorrem no meio ambiente natural.”* (RUSCHMANN, 1997, p.34)

A autora esclarece também que os impactos têm origem num processo de mudança e que não constituem eventos pontuais resultantes de uma causa específica. Eles são consequência de um processo de interação entre turistas, comunidade e meios receptores. Às vezes, tipos de turismo parecidos causam diferentes impactos.

O meio ambiente é um elemento fundamental do turismo; logo, é essencial a sua manutenção para que a atividade evolua. Porém, é difícil avaliar os impactos sobre o meio ambiente, por cinco razões (METHIESON; WALL, apud RUSCHMANN, 1997):

↳ O homem vem modificando a Terra há milhares de anos; logo, torna-se difícil o estabelecimento de uma base para medir as modificações. O uso público de diversas destinações turísticas acontece há tanto tempo que é quase impossível compreender o meio ambiente sem os efeitos do turismo.

↳ É impossível dissociar o papel do homem ao da natureza. Mesmo sem a intervenção humana, o meio ambiente se altera, dificultando a definição das bases para os estudos de impactos. Muitos dos efeitos do turismo sobre o meio ambiente são resultados de processos ambientais normais, que ocorrem independentemente da ação do homem.

↳ As complexas interações do turismo fazem com que o impacto total da atividade seja quase impossível de medir. Os impactos primários podem dar origem aos secundários e aos terciários, gerando repercussões sucessivas, impossíveis de rastrear ou monitorar;

↳ Existe descontinuidade espacial e temporal entre causa e efeito (ex.: a erosão em certa área pode acarretar depósitos em outra, prejudicando o fluxo de águas e provocando a

extinção de algumas espécies da fauna e da flora). É necessário um espaço de tempo considerável para que os impactos de uma atividade sejam aparentes.

↳ O problema reside na identificação das variáveis a considerar na indicação das mudanças provocadas pelo turismo e, conseqüentemente, na determinação do que medir. Assim outro problema complementar se apresenta na atribuição de valores aos indicadores selecionados, uma vez que a importância dos impactos varia nos diversos sistemas estudados.

Essas cinco barreiras impedem que os estudos de impacto sejam amplos e exatos. Assim, tende-se para análises de situações ou de projetos específicos e selecionados, de forma isolada do fenômeno turístico. Os estudos se concentram nos impactos primários, na direção dos impactos mais qualificáveis e tangíveis. Os impactos positivos da atividade são valorizados excessivamente, e deixados de lado as conseqüências indesejáveis ou os custos.

Como o turismo é uma atividade dinâmica e como seus impactos e conseqüências mudam constantemente, é necessário seu monitoramento freqüente.

RUSCHMANN (1997) afirma que não existe, no Brasil, metodologia específica para a avaliação de impactos ambientais do turismo. Porém o "Manual de orientação para o Estudo de Impacto Ambiental – EIA" e o "Relatório de Impacto Ambiental - RIMA" distribuídos pela Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, fornecem informações para os trabalhos na área, apesar de exigirem adequações específicas para os projetos de equipamentos e de localidades turísticas.

A referida autora registra também diferentes impactos que o turismo pode causar, tais como impactos econômicos, impactos sociais, impactos culturais e impactos sobre o meio ambiente natural, e afirma que esses impactos podem dar-se de forma positiva ou negativa, ou seja, podem trazer benefícios e prejuízos.

### 3.7.1 Impactos econômicos do turismo

O turismo pode influenciar na economia, gerando benefícios e prejuízos, tais como os arrolados nesta tabela.

**TABELA 3 Impactos econômicos do turismo: benefícios e prejuízos**

<b>BENEFÍCIOS</b>	<b>PREJUÍZOS</b>
Geração de Empregos	Especulação Imobiliária
Geração de Rendas	Aumento da Economia Informal
Aumento de Divisas em Moeda Estrangeira	Aumento do Custo de Vida
Aumento da Arrecadação de Impostos	Inflação
Criação e Desenvolvimento de Empresas	Privilégio de Benefícios Econômicos
Descentralização de Riquezas	
Diversificação da Economia	
Maior Distribuição e Circulação de Renda	
Aumento da Renda "Per Capita"	
Expansão das Oportunidades Locais	
Atração de Investimentos diversificados	

Fonte: EMBRATUR (1996).

### 3.7.2 Impactos sociais do turismo

MATHIESON e WELL, apud RUSCHMANN (1997) identificam cinco estágios da crescente desilusão de uma população receptora com o turismo, no caso dos impactos sociais:

1º- *Euforia*, quando as pessoas vibram com o desenvolvimento do turismo. Recebem os turistas; registram-se sentimentos de satisfação mútua. Oportunidades de emprego, negócios e lucro são abundantes e aumentam com o crescimento do número de turistas.

2º- *Apatia*, na medida em que a atividade cresce e se consolida, a população receptora considera a rentabilidade do setor como garantia, e o turista é considerado meio para a obtenção de lucro fácil. Contatos humanos mais formais do que no estágio anterior.



3º- *Irritação* se manifesta à medida em que o turismo começa a atingir níveis de saturação ou o local já não consegue atender às exigências da demanda.

4º- *Antagonismo*, à medida que os moradores não disfarçam sua irritação e responsabilizam os turistas por seus males e pelos problemas da localidade. O respeito mútuo e a polidez desaparecem, o turista passa a ser hostilizado pela população receptora.

5º- *Arrependimento* ocorre quando a população se conscientiza de que, na ânsia de obter vantagens do turismo, não considerou as mudanças que estavam acontecendo e nem pensou em impedi-las. Conviverá com o fato de que seu ecossistema nunca será o mesmo que era antes do advento do turismo.

Além destes estágios, registram-se outros benefícios e prejuízos causados pelo turismo, à sociedade apresentados na tabela 4.

**TABELA 4 Impactos sociais do turismo: benefícios e prejuízos**

BENEFÍCIOS	PREJUÍZOS
Diminuição do índice de desemprego	Imigração Desordenada
Melhoria e Desenvolvimento da Infra - Estrutura	Aumento da Prostituição
Capacitação da Mão – de – Obra	Tráfego de Drogas
Aumento da Mão – de - Obra especializada	Acúmulo de Lixo Urbano e Rural
Melhoria da Qualidade de Vida	Aumento da Poluição, Congestionamento, e Tráfego Urbano
Conscientização e Educação da Comunidade	Exploração do Turista
Auto-Estima na Comunicação pela Participação Direta	Crescimento Desordenado e Desequilíbrio
Desenvolvimento da Estrutura Urbana	Aumento da Criminalidade e do Vandalismo
Aumento de Atividades de Lazer	Desconforto da População Local
Incremento da Qualidade de Prestação de Serviços	Evasão da População Local
Divulgação do Município	Rejeição do Turista pelos Residentes
Integração e Desenvolvimento Regional	Desagregação Familiar
Contribuição para a Paz entre os Povos	Doenças
	Aumento da População Sazonal
	Problemas de Infra - Estrutura Básica

Fonte: EMBRATUR (1996).

### 3.7.3 Impactos culturais do turismo

RUSCHMANN (1997) ressalta que é impossível desconsiderar a cultura de um povo como uma das mais importantes motivações das viagens turísticas.

SINGER, citado por RUSCHMANN (1997, p.50), conceitua cultura de um povo como "*[...] os padrões explícitos ou implícitos do comportamento, adquiridos ou transmitidos por símbolos, que constituem o patrimônio de grupos humanos, inclusive sua materialização em artefatos. O aspecto mais importante de uma cultura reside nas idéias tradicionais - de origem e seleção histórica - e, principalmente, no de significado*".

Existem muitas culturas diferentes, que passam a ser elemento de atratividade das nações e de regiões específicas dentro de um mesmo país.

#### Impactos culturais favoráveis

- Valorização do artesanato
- Valorização da herança cultural
- Orgulho étnico
- Valorização e preservação do patrimônio histórico

#### Impactos culturais desfavoráveis

- *Descaracterização do artesanato* - A produção de artesanato, voltada unicamente para o consumo dos turistas - como *souvenirs* - descaracteriza sua função original, utilitária, dos objetos para transformá-los em itens de decoração.
- *Vulgarização das manifestações tradicionais* - As ações mercadológicas do turismo geralmente apresentam aos turistas dos países desenvolvidos cenas e manifestações culturais dos países em desenvolvimento de forma inexata e romantizada, contribuindo para a criação de uma imagem simplista e estereotipada.

- *Arrogância cultural* – O folclore e outras manifestações culturais dos povos visitados são geralmente apresentados aos turistas em salões especiais, com ar-condicionado e poltronas confortáveis, para evitar o contato direto do turista com os nativos, transformando-os em objetos de observação.
- *Destruição do patrimônio histórico* - O acesso de turistas em massa pode comprometer as estruturas de bens históricos, devido à circulação excessiva de veículos e das ações depredatórias dos próprios turistas, nem sempre controláveis.

### 3.7.4 Impactos ambientais do turismo

RUSCHMANN (1997) registra que nem todas as intervenções do turismo sobre o meio ambiente se traduzem em degradação ou agressão ao meio ambiente. Qualquer mudança social ou econômica pode provocar mutações na relação do homem com seu espaço. O vazamento de óleo de um navio no mar provoca mais danos à natureza do que milhares de turistas nas praias em um fim de semana.

Essa autora explana também que os impactos do turismo sobre o meio ambiente podem ser:

#### Impactos ambientais positivos

- Recuperação psicofísica dos indivíduos;
- Utilização mais racional dos espaços e valorização do convívio direto com a natureza;
- Criação de planos e programas de conservação e preservação de áreas naturais, de sítios arqueológicos e, ainda, de monumentos históricos;
- Empreendedores turísticos investem em iniciativas preservacionistas, para manter a qualidade e conseqüente atratividade dos recursos naturais e socioculturais.

- Promove-se a descoberta e a acessibilidade de certos aspectos naturais em regiões não valorizadas, a fim de desenvolver o seu conhecimento por meio de programas especiais (ecoturismo).
- A renda dessa atividade, tanto indireta (impostos) quanto direta (taxas, ingressos), proporciona as condições financeiras necessárias para a implantação de equipamentos e outras medidas preservacionistas. Etc.

#### Impactos ambientais negativos

- O turismo implica na ocupação e na destruição de áreas naturais que se tornam urbanizadas e poluídas pela presença e pelo tráfego intenso de turistas;
- Poluição visual provocada pela construção de equipamentos turísticos modifica o meio, descaracterizando a paisagem;
- Poluição do ar, provocadas pelos motores, produção e consumo de energia;
- Poluição da água provocada por: descarga de águas servidas *in natura*, falta ou mau funcionamento dos sistemas de tratamento; descargas de esgotos de iates de recreio, gases emitidos por barcos a motor;
- Poluição sonora;
- Destruição da fauna e da flora; etc.

#### 3.7.4.1 Medidas para minimizar os impactos ambientais do turismo

Segundo RUSCHMANN (1997, p.73-75), existem algumas medidas que podem ser tomadas para que os impactos ambientais do turismo diminuam, Eis algumas delas.

### ***1. Na implantação/operação de equipamentos turísticos:***

- Identificar e minimizar os problemas ambientais originários da operação dos equipamentos, concentrando as atenções nos novos projetos;
- Cuidar dos impactos ambientais resultantes da arquitetura, planejamento, construção e operação dos equipamentos turísticos;
- Zelar pela preservação ambiental de áreas protegidas ou ameaçadas, de espécies de fauna e flora, de paisagens;
- Praticar a economia no consumo de energia;
- Reduzir e reciclar o lixo;
- Controlar o consumo de água fresca e tratar as águas servidas;
- Controlar e diminuir a emissão de gases e outros poluentes;
- Controlar, reduzir e eliminar os produtos nocivos ao meio ambiente natural, como inseticidas, pesticidas, corrosivos tóxicos ou materiais inflamáveis;
- Respeitar e proteger objetos e sítios históricos e religiosos;
- Respeitar os interesses da população local, incluindo suas tradições, sua cultura e seu desenvolvimento futuro;
- Considerar os aspectos ambientais como fatores fundamentais na capacidade de desenvolvimento de destinações turísticas.

### ***2. Soluções comportamentais para a proteção do meio ambiente:***

Essas soluções buscam identificar as condições sob as quais os agentes individuais do desenvolvimento restringem voluntariamente o uso dos bens públicos, sem coações ou obrigações externas, controlando seus ímpetos desenvolvimentistas. Essas soluções envolvem valores sociais, tais como o altruísmo, a confiança, a consciência, as normas coletivistas, a responsabilidade social, a informação e a comunicação.

A chave para a mudança comportamental reside na disseminação de novos conhecimentos e idéias através da educação.

No contexto turístico, essa disseminação se torna difícil pois apresenta uma série de circunstâncias específicas. Ela engloba uma série de diferentes empresas, organizações e indivíduos, dos quais oferecem inúmeros produtos tangíveis e intangíveis ao mercado.

Uma das maiores barreiras para a contenção ou a restrição voluntária da implementação de equipamentos e atividades turísticas que provocam danos ao meio ambiente está no medo de os empresários parecerem idiotas, nos interesses individuais e na desconfiança. Eles, por fazerem um sacrifício individual, serão considerados empresários simplórios e serão ridicularizados pelos seus atos.

Demonstrar aos agentes de desenvolvimento turístico os efeitos econômicos de uma postura empresarial oportunista e de visão a curto prazo é uma das formas de estimular a participação voluntária dos mesmos.

THORSELL, citado no MANUAL DE MUNICIPALIZAÇÃO DO TURISMO (ca. 1994), apresenta alguns fatores específicos que podem provocar impactos negativos e define medidas a serem tomadas para uma possível minimização destes impactos (ver anexo 4). Os fatores, impactos e medidas, irão depender das características das áreas locais de turismo.

### 3.8 PRINCÍPIOS PARA O EQUILÍBRIO ENTRE TURISMO E MEIO AMBIENTE

RUSCHMANN (1997, p.65-68) aponta estes seis princípios gerais para o equilíbrio entre o Turismo e o Meio Ambiente, são eles:

- 1. Garantir o equilíbrio entre proteção ambiental e programação de equipamentos turísticos constitui, atualmente uma necessidade imperativa.*

É difícil de se colocar em prática este princípio. Um dos motivos decorre do fato de que os agentes do desenvolvimento turístico não são os mesmos que os envolvidos com a proteção ambiental. Torna-se então necessário estimular o diálogo entre os profissionais

das duas áreas, para que se desfça o estereótipo de que os profissionais do turismo poluem e destroem a natureza, e os ambientalistas são doces visionários.

**2. *Não existe um turismo “bom” ou “mau”, ou um que respeita o meio ambiente e outro que o destrói.***

Pensar assim pode levar a erros a médio ou a longo prazo, pois nenhum tipo de turismo é capaz de não agredir o meio ambiente.

A atividade turística, ao mesmo tempo que gera enormes riquezas, constitui uma força de agressão à natureza, às culturas, aos territórios e às sociedades.

Logo, não se pode negligenciar o caráter agressor de todos os tipos de turismo e deve-se compreender aqueles que se apresentam como respeitadores do meio ambiente. As diversas novas alternativas de turismo, mesmo aquelas com estreito relacionamento com a natureza, podem tornar-se tão danosas como as outras, pois envolvem um número grande de pessoas que visitam os meios frágeis.

O turismo de massa é o tipo de atividade que mais agride o meio ambiente, pois concentra um excessivo número de turistas em localidades restritas. Ele funciona como protetor de outros meios ao concentrar-se em localidades específicas.

**3. *É preciso ter cautela com as afirmações muito generalistas.***

A atividade turística constitui um conjunto de equipamentos diversificados de empresas e práticas, cujos impactos sobre o meio ambiente diferem qualitativa e quantitativamente. Assim, devem ser avaliados singularmente.

Não se pode raciocinar genericamente, pois os problemas de uma área turisticamente saturada são diferentes daqueles de áreas virgens.

**4. Evitar as perigosas políticas do “tudo” ou “nada”.**

Estas políticas do *tudo* ou *nada*, caracterizam os sistemas rígidos e bloqueados, como os parques nacionais ou as estações ecológicas.

Nos casos em que tudo é permitido ou tudo é proibido estimula-se abusos em certos espaços e comportamentos excessivamente conservadores em outros.

**5. A consideração da qualidade do meio ambiente passa a constituir-se num critério essencial para a definição de um turismo qualitativo que, entretanto, apresenta certos custos.**

Este princípio se choca com diferente temporalidade do produto turístico, cuja rentabilidade é apreciada a curto e médio prazos e a proteção ambiental é avaliada a longo prazo.

A consideração do custo da qualidade deve partir da concepção do produto e estruturar-se nas características da região turística. Estas propostas devem partir da conscientização dos produtores turísticos e basear-se na existência de estruturas legais em diversos níveis. Deverão ser aplicadas em regiões turísticas, nas comunidades desigualmente dotadas de recursos turísticos e dentro das localidades turísticas para que, todos os que vivem do turismo suportem os custos resultantes da qualidade do produto.

**6. Apesar de os turistas dos países ricos começarem a ser sensibilizados para a proteção da natureza, continua-se, em nome dela, a devastar as localidades turísticas das nações mais pobres.**

O meio ambiente não possui fronteiras e os turistas sentem-se incomodados pelas suas barreiras, tanto as nacionais quanto as comunitárias.

A elevação dos custos de certas localidades turísticas, devida a investimentos na qualidade do produto, leva as camadas sócio-econômicas menos favorecidas a procurarem novas localidades para viajarem nas férias, passando a agredir os meios visitados.



Deve-se incentivar um novo relacionamento entre o turismo e o meio ambiente, pois o lazer, o turismo e as férias são importantes para a recuperação psicofísica dos indivíduos e proporcionam a oportunidade de reconciliar o homem com o seu meio e de contestar os círculos viciosos e os efeitos perversos dos movimentos turísticos.

### 3.9 FASES DO RELACIONAMENTO DO TURISMO COM O MEIO AMBIENTE

O relacionamento do turismo com o meio ambiente, segundo RUSCHMANN (1997), não tem sido muito harmonioso. A autora registra que vários estudos realizados pelo *Ministère de L'Environnement/Tourisme* (França) identificam quatro fases desse relacionamento: turismo x meio ambiente.

1ª Fase: Século XVIII, a qual se caracterizou pela "descoberta da natureza e das comunidades receptoras". Os turistas tinham muita curiosidade sobre os meios que visitavam; a leitura que faziam sobre essas áreas era bem diferente da atual. Os centros de interesse preponderantes correspondiam aos aspectos únicos da região, a saber, portos de pesca, céu estrelado e mar. Às vezes ignoravam a costa e iam para o interior. Motivações: buscavam ambientes onde a industrialização ainda não havia chegado ou de centros turísticos desenvolvidos à beira-mar. Essa é a fase do "relacionamento" e dos primeiros equipamentos turísticos.

2ª Fase: Final do século XIX e início do século XX, caracterizada por um turismo "dirigido" e elitista. Agente e turistas não se preocupavam com a proteção ambiental; a intensificação da demanda estimulou as construções e o "boom" imobiliário, que hoje caracterizam os centros turísticos mais antigos da Europa. Essa época, *Belle Époque*, lançava ao mar cassinos flutuantes e construía estradas de ferro nas montanhas. A natureza era domesticada, mas não era esquecida; as empresas limitavam seus produtos às estações e ao seu entorno, onde a natureza e as civilizações tradicionais tinham seus direitos garantidos.

3ª Fase: A partir de meados do século XX, tendo seu apogeu no decorrer dos anos 70 e 80, fase que se caracterizou pelo turismo de massa. A demanda turística dos países desenvolvidos cresce rapidamente, e as destinações turísticas vivem uma grande expansão.

Os vazios existentes nas zonas litorâneas mais acessíveis foram preenchidos, saturando-os. Para atender à demanda por esportes de inverno, cresce a urbanização dos vales das montanhas na Europa. A mais devastadora das fases caracteriza-se pelo domínio do turismo sobre as comunidades receptoras e sobre a natureza. Com a arquitetura medíocre da época, a falta de controle de afluentes e esgotos, a criação de marinas, portos artificiais e estações de esporte de inverno, várias estruturas ruíram pela falta de estudos geológicos.

4ª Fase: Metade dos anos 80, caracterizada pelo turismo de natureza ou turismo ecológico. O turismo perde a amplitude das fases anteriores. Surgem de novos esportes, que exige uma natureza preservada, tais como: ciclismo, caminhada, *mountain bike*, motocross, *rafting*, etc. A natureza torna-se pretexto para a descoberta, a educação, a iniciação e o espírito aventureiro, dando origem a um novo mercado.

BUDOWSKI (1977) registra que a relação existente entre a indústria turística e os que defendem a proteção da natureza pode proceder-se de três maneiras. Esta relação é de grande importância nos casos em que o turismo está baseado em valores derivados da natureza e seus recursos.

De acordo com o autor supracitado, essas três formas de relacionamento são:

1. **Conflito** - O turismo e a conservação da natureza podem estar em conflito, em particular quando a presença do turismo e o que ele implica é prejudicial à natureza e a seus recursos. Resultado: os conservacionistas vêem tal relação com receio e naturalmente, muitas vezes, replicam com toda a classe de interdições.
2. **Coexistência** - Ocorre quando os dois lados - a indústria turística e os conservadores da natureza - estabelecem pouco contato entre si. Isto ocorre porque nem o turismo nem os conservadores estão bem desenvolvidos em uma dada região, quer por barreiras administrativas, quer por ignorância de cada lado em relação ao outro. Essa relação de coexistência raramente permanece estática, especialmente quando um aumento do turismo é capaz de provocar mudanças substanciais, de modo que a esta etapa, se segue uma relação mutuamente satisfatória (simbiose) ou o conflito.

3. *Simbiose* - É o estado em que o turismo e os conservacionistas estão organizados de tal forma que ambos se beneficiam da relação. Do ponto de vista conservacionista, isto significa que, ainda que os bens naturais sejam conservados até onde é possível em sua condição original ou evoluam até uma situação ainda mais satisfatória, um crescente número de pessoas obtém benefícios maiores da natureza e de seus recursos, seja em sentido físico, estético, cultural, científico, seja educacional. Existem também vantagens econômicas. O apoio recíproco entre conservação e turismo pode e deve contribuir na tomada da consciência de que a conservação da natureza pode ser, na verdade, um instrumento útil para se ter uma melhor qualidade de vida.

O autor supracitado explana também que existem no mundo muitos exemplos que mostram os três tipos de intervenção. Mas, infelizmente, na maioria dos casos, a relação entre turismo e conservação é a de coexistência em direção ao conflito, devido ao crescimento do turismo e à contração das áreas naturais.

Ele ainda afirma que ambos, turismo e conservação, podem se beneficiar mutuamente. O turismo pode contribuir dando apoio aos programas de conservação que desenvolverão recursos educacionais, científicos e recreativos, tendo em vista que, com ele, atrairá maior número e variedade de turistas.

### 3.10 FUTURAS TENDÊNCIAS E INVESTIMENTOS NO TURISMO

Segundo BENI (1996), as tendências atuais observadas no turismo mundial serão firmadas dos próximos anos. Ele ainda enumera os seguintes desenvolvimentos:

- aumento da demanda de viagens e turismo pelo incremento do número de destinos com atrativos ecológicos, de aventura e histórico-culturais;
- encurtamento das distâncias de viagens em função do avanço tecnológico e exploração comercial de novas rotas de transporte aéreo e marítimo;

- domínio da imagem virtual como principal meio de comunicação para o turismo;
- criação de novas redes mundiais de comunicação como a Internet;
- crescimento mundial da classe média causado pelo aumento da produção das empresas e sua internacionalização;
- projetos de construção de novas aeronaves com capacidade entre 530 e 570 lugares já estão em desenvolvimento para operação em 2003;
- previsão pela *International Air Transport Association*, para os próximos dez anos, de 600 milhões de passageiros aéreos internacionais em relação aos 345 milhões de 1995;
- previsão de parte do mercado de viagens aéreas de turismo, por causa do congestionamento dos terminais, ser transferida para o mercado de cruzeiros marítimos, conforme estimativa da *Cruise Lines International Association*, que aponta 8 milhões de turistas até 2003, em vez dos com os 5 milhões de 1995;
- expansão da malha ferroviária de linhas de alta velocidade nos países ricos, gerando um efeito de substituição para viagens aéreas de média e longa distâncias;
- aumento da segmentação do mercado turístico internacional;
- conciliação entre trabalho/férias proporcionada pelo computador multimídia pessoal, em rede;
- aumento da competitividade e da qualidade entre bens e serviços turísticos;
- proliferação de mega-agências de viagens e turismo;

- superação das resistências socioculturais à globalização do turismo pela conscientização do que ele representa para as economias nacionais ou regionais e pela certeza de que justamente nas diferenças geográficas e culturais estão os mananciais das fontes do turismo internacional;
- a hotelaria estará oferecendo espaços, instalações e equipamentos adaptados, segundo padrões universais de conforto e qualidade, aos diversos meios ambientes sem agressão à ecologia e às culturas locais.

### 3.11 CONCLUSÃO

Este capítulo enfatizou a importância da atividade turística na economia mundial e o modo pelo qual ela vem crescendo ano após ano. Constatou-se que alguns dos aspectos que contribuem para o crescimento do turismo são: aumento do tempo livre, aumento na renda da população, evolução tecnológica, impactos psicológicos da vida nas grandes cidades.

Porque o turismo é considerado uma atividade bastante rentável, muitas regiões decidem investir no desenvolvimento dele e acabam esquecendo dos riscos que esta atividade encerra. Na maioria das vezes, tais riscos advêm de seu mau uso, que, por sua vez, tem origem na falta de informações e conhecimentos de suas peculiaridades.

Neste capítulo pode-se concluir que o turismo, como qualquer outra atividade, deve ir ao encontro dos conceitos do desenvolvimento sustentável, devendo ser muito bem planejado para que seus impactos no meio ambiente sejam minimizados.

## 4 ECOTURISMO

### 4.1 INTRODUÇÃO

Historicamente, o ecoturismo sempre existiu, mas nasceu com o interesse do indivíduo em conhecer os segredos da natureza e a sensação que eles produzem. Os naturalistas, desde o século XVI até a atualidade, associados aos ambientalistas, membros dos Partidos Verdes e as ONG's (Organizações Não Governamentais), são interessados na conservação e na defesa da natureza (SEBRAE, 1995).

A partir dos anos 60, novos estilos de comportamento humano e modelos de sociedade ocorreram devido a manifestações de caráter cultural e político/ideológicas. Com isso surge a necessidade de novas formas de relacionamento do homem com a natureza. No turismo esta tendência impulsionou o surgimento de propostas alternativas, voltadas para a natureza e para os valores étnico-culturais das regiões.

Neste período, pesquisas desenvolvidas sobre os ambientes naturais e ecossistemas de regiões intertropicais do planeta e a publicidade de seus resultados, começaram a despertar interesse pelo conhecimento desses destinos nas camadas sociais mais esclarecidas e interessadas pelo tema. Milhares de voluntários aventureiros empreenderam suas incursões em ambientes inóspitos e naturais em busca de emoções especiais, tornando-se a geração pioneira, nos tempos contemporâneos dos milhões de turistas de natureza e ecoturistas da atualidade (PIRES, 1998).

No Brasil destacou-se o Centro Excursionista Universitário, formado nas dependências da USP em São Paulo, que tem reunido jovens universitários ou não, idealistas e amantes do contato com a natureza e da prática de atividades como *trekking*, acampamento, montanhismo, etc. Dessa geração surgiram, nos anos 80, os primeiros investidores no negócio de agências de turismo ecológico em São Paulo (Ibid., 1998).

A partir da década de 70, fora do Brasil, o engajamento em viagens com maior significado, além do simples relaxamento, passou a ser iniciativa regular, originando o *turismo alternativo*, assim denominado na época. Por ele, grupos de turistas originários de

países desenvolvidos passaram a praticar o chamado “turismo da descoberta” em destinos distantes e exóticos. Essa experiência garantia ao turista um conhecimento das condições de vida das localidades visitadas (Ibid., 1998).

Esse interesse pela natureza selvagem motivou a implantação, por parte de empreendedores estrangeiros, dos primeiros hotéis de selva ou “loges” na Amazônia, a partir do final dos anos 70, período em que houve um incremento na procura por Parques Nacionais dos EUA (Ibid., 1998).

Em meados dos anos 80, começaram a surgir as primeiras agências de ecoturismo, especialmente na cidade de São Paulo, cujos empreendedores acreditavam que o turismo desenvolvido em ambientes naturais era uma forma alternativa de crescimento pessoal interior e de formação de uma consciência ambiental e ecológica (Ibid., 1998).

Mas, no Brasil, foi no final dos anos 80 e início dos anos 90 que o ecoturismo tomou impulso, tornando-se muito mais freqüentes as viagens de aficionados do acampamento. A EMBRATUR<sup>8</sup> começou a promover roteiros ecológicos, enquanto algumas empresas do ramo procuravam dinamizar suas atividades, principalmente em áreas como o Pantanal, poucas cidades serranas, hotéis fazenda.

#### 4.2 DEFINIÇÕES DO ECOTURISMO

Existem vários autores e instituições que conceituam o ecoturismo de forma diferenciada, mas sempre com a mesma intenção e objetivo, ou seja, preservar o meio ambiente e a natureza. A seguir, alguns conceitos mais fluentes estão dispostos em ordem cronológica para melhor compreender sua evolução:

*“Turismo ecológico é aquele que se dedica a viagens para áreas naturais não perturbadas e não contaminadas, com o objetivo específico de estudar, admirar e gozar a paisagem, suas plantas e animais selvagens, assim como as culturas passadas ou presentes que possam ter existido nessas áreas.”* (Ceballos-Lascuráin, 1987, apud PIRES, 1997).

---

<sup>8</sup> EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo.

Ecoturismo é uma forma de turismo inspirada primeiramente pela história natural de uma área, incluindo suas culturas indígenas. O ecoturista visita áreas relativamente desenvolvidas com um espírito de participação, apreciação e sensibilidade. Os ecoturistas praticam o uso não consumista [consumptivo no original] da vida silvestre e de recursos naturais, contribuem para a área visitada mediante a geração de empregos e financiamento direto para a conservação do lugar e a melhoria da economia das comunidades locais. (ZIFFER, 1989).

*“Ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das comunidades envolvidas.”* (EMBRATUR/IBAMA, 1994, apud PIRES, 1997).

*“ Ecoturismo é a prática de turismo de lazer, esportivo ou educacional, em áreas naturais, que se utiliza, de forma sustentável, dos patrimônios natural e cultural, incentiva sua conservação, promove a formação de consciência ambientalista e garante o bem-estar das populações envolvidas.”* (IEB, 1996).

Esta recente facção do turismo como um componente lógico de desenvolvimento sustentável requer um método multidisciplinar de ser encarado, planejamento cuidadoso, tanto gerencial quanto físico, e rigorosas normas e regulamentos que irão garantir essa sustentabilidade. *“Como economia sustentável, o ecoturismo é uma barreira a destraditionalização cultural, uma amálgama entre a tradição e a natureza, um elo existencial e vivo entre o local e o global, mas é sobretudo uma reestruturação social fundada no diálogo inteligente no interior das comunidades envolvidas e o desfrute dos bens naturais pela humanidade sem fronteira.”* (CORDEIRO, 1997).

Mas para que o ecoturismo aconteça, em primeiro lugar é preciso verificar se as possibilidades de se realizar esta atividade são reais. Em segundo lugar, é necessário criar uma cultura ecoturística. Essa cultura abrange desde a capacidade de identificar as diversas potencialidades até a capacidade de explorar os bens naturais, condicionada a não extravasar os limites de linha a partir de onde começa a preservação.



O ecoturismo não se apoia somente em atividades orientadas para a natureza, mas é também o precursor de uma filosofia que busca obter objetivos sociais, além dos individuais (porém inclui)[sic]. Se identifica como modelo de desenvolvimento dentro do qual as áreas naturais são planejadas como integrantes da atração turística de uma região ou país e relaciona os recursos biológicos com setores econômicos e sociais. (Estudo da Demanda Turística para a Região Amazônica, apud COELHO, 1995, p.11)

#### 4.3 TIPOS DE ECOTURISMO

Para efeito de classificação, RIBEIRO e BARROS (1997) subdividem o ecoturismo ou turismo ecológico em quatro categorias, que compartilham características, mas que se diferenciam nas dimensões e na qualidade das infra-estruturas disponíveis para sua realização e que são:

- "*turismo tipo Cancún*" - apresenta uma infra-estrutura complexa de serviços, transporte e comunicação na região receptora, "região-alvo", e em diversos pontos de saída, "de captação", dispersos no mundo; consiste em empreendimentos de capitalismo tradicional baseados no respeito ao meio ambiente e à cultura local;
- "*turismo tipo institucional - ambiental*" – em que o visitante de uma unidade de conservação é admitido e freqüentemente guiado dentro de um território delimitado, seguindo regras preestabelecidas para usufruir daquela área diferenciada;
- "*turismo tipo aventura de luxo pseudocientífico - humanista*" – em que o turista - em transporte rápido, confortável e seguro, guiado por ambientalistas - visita a mãe-natureza e o bom-selvagem;
- "*turismo tipo aventura desportista de grupo*" - (canoagem, alpinismo, *trekking*, etc.), que inclui modalidades alternativas de baixo investimento de capital fixo, mas de alto retorno; baseia-se em ideologias ambientalistas e/ou místico-religiosas.

PIRES (1996) divide o ecoturismo pelo critério das atividades, conforme a seguinte tabela.

**TABELA 5 Tipos de ecoturismo e respectivas atividades**

<b>Tipos de Ecoturismo</b>	<b>Atividades Ecoturísticas</b>
Ecoturismo Científico	Estudos e Pesquisas Científicas em Botânica, Arqueologia, Paleontologia, Geologia, Zoologia, Biologia, Ecologia, etc.
Ecoturismo Educativo	Observação da Vida Selvagem (fauna e flora), Interpretação da Natureza, Orientação Geográfica, Observação Astronômica.
Ecoturismo Lúdico e Recreativo	Caminhadas, Acampamentos, Contemplação da Paisagem, Banhos e Mergulhos, Jogos e Brincadeiras, Passeios Montados, etc.
Ecoturismo de Aventura	"Trekking", Montanhismo, Expedições, Contatos com Culturas Remotas, etc.
Ecoturismo Esportivo	Escalada, Canoagem, "Rafting", Bóia Cross, Rapel, "Surf", Vôo livre, Balonismo, etc.
Ecoturismo Etnico	Contatos e integração cultural do ecoturista com populações autóctones (primitivas/nativas) que vivem em localidades remotas em estreita relação com a natureza.
Ecoturismo Naturista	Prática do "Nudismo" ao ar livre e junto à natureza.

Fonte: Pires, P.S. 1996.

O autor ainda aponta que, apesar da classificação a nível teórico a qual distingue conceitualmente tipos de ecoturismo e atividades ecoturísticas, na prática, observa-se uma integração entre tipos e atividades ecoturísticas no momento de seu planejamento e realização. Por exemplo, atividades recreativas podem ser combinadas com atividades esportivas, ou atividades educativas com aventura, e assim por diante, dado que os ambientes naturais onde estas atividades são desenvolvidas proporcionam múltiplas possibilidades de realização.

#### 4.4 ATORES ENVOLVIDOS DIRETAMENTE COM O PLANEJAMENTO E O GERENCIAMENTO DO ECOTURISMO

O ecoturismo deve ser criado de tal maneira que leve em consideração as características próprias de cada região, permitindo uma manejo adequado dos recursos naturais e respeitando as comunidades locais.

Este segmento do turismo possui diferentes características de outras formas de turismo. Assim, existe a necessidade de um planejamento cuidadoso na sua concepção e implementação.

O delineamento de políticas e estratégias para esta atividade exige a colaboração de técnicos de diversas áreas do saber, das ciências exatas e sociais, necessitando de coordenação entre as áreas envolvidas (COELHO, 1995).

Segundo o autor supra citado, no desenvolvimento do ecoturismo, existe a possibilidade de superposição de responsabilidades e interesses a nível do governo federal, bem como dos estados, dos municípios, das comunidades e das entidades preocupadas com o meio ambiente. Torna-se, então, fundamental que todos os envolvidos no processo de implementação do ecoturismo sejam consultados, para que se atinja o sucesso nas ações a serem desenvolvidas.

Explorar-se-á, em seguida, o papel de cada "ator" neste processo de planejamento e gerenciamento do ecoturismo em certa localidade.

#### 4.4.1 Administração pública

Cabe a administração pública estabelecer a normatização da atividade, incentivar e promover a capacitação de recursos humanos e melhorar e viabilizar a necessária infraestrutura nas áreas de destino e adaptar os incentivos existentes para estimular a implantação de empreendimentos turísticos (BRASIL, 1994).

Os primeiros responsáveis pela criação de uma política e de uma estrutura nos lugares suficientes para este desenvolvimento, segundo COELHO (1995), são os oficiais do órgão nacional de turismo, serviço de parques e reservas, e dos departamentos financeiros, entre outros.

São fundamentais as iniciativas dos governos estaduais e municipais, harmonizadas e integradas com as ações do governo federal, para estimular o ecoturismo regional (BRASIL, 1994).

#### 4.4.2 Setor privado

Por meio da atuação do empresariado, o setor privado será fundamental para consolidar o ecoturismo como instrumento de crescimento econômico para promover as medidas indispensáveis à qualidade dos serviços prestados e, também, em resposta aos esforços do governo, para contribuir na melhoria da infra-estrutura e na capacitação da mão-de-obra (BRASIL, 1994).

Segundo COELHO (1995), a indústria do turismo é muito importante no desenvolvimento do ecoturismo, pois é ela que realmente proporciona as viagens e tem grande influência no destino dos turistas, atividades e experiências. Ela é vital não só nas informações das tendências do mercado, mas também nas funções de *marketing* e promoção. Cabe a ela mostrar a fragilidade do ecoturismo e a necessidade de sua preservação.

#### 4.4.3 Organizações não governamentais - ONG's

A função primária das ONG's é a viabilização de financiamentos e assistência técnica para projetos de ecoturismo. Elas também auxiliam nas definições e nas direções do crescimento do ecoturismo e estabelecem as relações dos turistas com a comunidade local. Estes grupos ainda podem participar das atividades de guia e de informações turísticas locais (COELHO, 1995).

*“ As organizações não governamentais, representantes da sociedade civil, têm desempenhado no Brasil e no mundo um papel de fundamental importância na produção e publicação de expressiva parcela da literatura existente sobre ecoturismo como alternativa de desenvolvimento sustentado.”* (BRASIL, 1994, p.33).

#### 4.4.4 Comunidade local

A comunidade local é de fundamental importância para o processo de desenvolvimento. Logo, deve ser integrada ao desenvolvimento do ecoturismo desde o início mais preliminar de planejamento até sua implementação e operação (BRASIL, 1994).

As comunidades adjacentes às áreas de proteção geralmente são espalhadas e isoladas, de difícil comunicação e, por isso, são menosprezadas no desenvolvimento do ecoturismo. Muitas vezes isso também ocorre pelo desinteresse dos planejadores em fazer com que a comunidade aprenda sobre ecoturismo e avalie a importância delas em suas vidas. Geralmente a comunidade local é dependente dos recursos naturais que atraem o turista. Os turistas, por sua vez, podem ser encarados como competidores, pois usufruem dos recursos básicos da comunidade. Portanto, se a comunidade não for envolvida e não receber benefícios que amenizem essa "perda", a competição entre as partes pode ocorrer e o programa pode ser prejudicado (COELHO, 1995).

#### 4.4.5 Consumidores

Os consumidores são a principal força do "boom" ecoturístico. Eles decidem aonde ir e o que fazer para se divertir nos locais. Não existem muitos estudos realizados com consumidores do produto "ecoturismo", o que almejam, suas opiniões e sugestões, mas devem-se incentivar estudos que levantem o perfil desse consumidor para que se possa adequar cada vez mais o produto ao cliente.

Os consumidores necessitam de educação a respeito dos custos e dos benefícios do ecoturismo para posteriormente estarem aptos a decidir sobre sua viagem e sua participação na conservação do meio ambiente.

#### 4.5 ASPECTOS DIFERENCIAIS DO ECOTURISMO

O conceito de ecoturismo apresenta diferentes aspectos em relação ao turismo de massa ou turismo convencional, como mostra HILLEN, citado por PIRES (1997) na tabela 6.

**TABELA 6 Aspectos diferenciais entre o turismo de massa e o ecoturismo**

<b>TURISMO DE MASSA</b>	<b>ECOTURISMO</b>
Alto custo financeiro	Adaptação do turista aos lugares visitados
Mega-empreendimentos	Pouca gente distribuída por muitos destinos
Impactos ambientais não considerados	Consciência ecológica
Impactos sociais não considerados	Preocupação com os anfitriões

Fonte: HILLER, apud PIRES, P.S. (1997)

PIRES (1997) ainda ressalta outras características do ecoturismo:

- ⇒ Maior capacitação profissional dos guias.
- ⇒ Monitoramento constante das atividades realizadas.
- ⇒ Atividades de baixo impacto ambiental.
- ⇒ Tratamento individual ao cliente.
- ⇒ Atração de um segmento de demanda motivada pela natureza.

O ecoturismo abrange uma gama muito vasta de turistas, englobando desde o turista clássico até o cientista altamente especializado (COELHO, 1995). Eles preferem locais afastados, são motivados pela natureza, estão dispostos a aventuras e se acomodam da maneira que for possível.

Já o turista que realiza o chamado turismo de massa, segundo ANDRADE (1995), prefere locais conhecidos, quer conforto e o maior número de facilidades turísticas, viaja geralmente nas férias para reunir a família, etc.

#### 4.6 CIFRAS DO ECOTURISMO

Com a mudança da amplitude do turismo, os estilos de vida se tornaram mais próximos à natureza e ao meio ambiente, levando a acreditar que uma das atividades mais atraentes para as pessoas, a partir de então, seria o ecoturismo, fenômeno recente, o qual tem a proposta de colocar as pessoas em contato direto ou indireto com a natureza.

Outro fator que impulsiona o ecoturismo é o fato de o Brasil possuir e gerir um enorme banco de biodiversidade. Logo, o ecoturismo apresenta-se como um dos mais inteligentes instrumentos de viabilização econômica para o gerenciamento correto dos recursos naturais, proporcionando aos brasileiros uma alternativa digna de conquistar seu sustento e uma vida melhor, ao mesmo tempo em que assegura às gerações futuras o acesso às heranças da natureza (OLIVEIRA, 1997).

É isso que está acontecendo realmente, pois ele constitui uma das práticas de lazer que mais cresce atualmente. RUSCHEL (1994) aponta dados do *World Travel & Tourism Council* (WTTC - Conselho Mundial de Viagens e Turismo), os quais confirmam que o ecoturismo representa atualmente 5% a 8% do turismo como um todo, podendo alcançar 15% do volume total no ano 2005.

Outros dados do WTTC ajudam a reforçar a importância desse fenômeno.

Dez por cento de todas as pessoas que viajam no mundo estão em busca de contato com a natureza. Até o ano 2000 serão 15%, o que vai movimentar US\$ 1,185 trilhão anuais. A receita gerada no Brasil com a atividade é de US\$ 2,2 bilhões/ano, ou 5% do total movimentado com o turismo no país. Enquanto o turismo convencional no mundo cresce em média 5% ao ano, o ecoturismo chega a crescer 20%.

No Brasil, cerca de 2 milhões de pessoas fazem ecoturismo todos os anos. Uma pequena parcela desse número corresponde aos estrangeiros - apenas 140 mil em 1994. Ou seja, o país está apenas mordiscando um enorme mercado quase inaproveitado. Nos Estados Unidos, 800 milhões de pessoas visitaram os parques naturais no ano passado (1995) e 2,5 milhões de americanos observadores de pássaros viajaram ao exterior. Na Grã-Bretanha 80% da população viaja regularmente para o campo. (DIÁRIO CATARINENSE, apud SILVEIRA, 1996).

Segundo o IEB - Instituto de Ecoturismo do Brasil (apud SILVEIRA 1996), estima-se "que haja mais de meio milhão de pessoas praticando o ecoturismo no Brasil e mais de 50 milhões no mundo. Com crescimento superior a 15% ao ano, o ecoturismo será uma das principais modalidades do lazer e turismo nos próximos anos".

Segundo o documento da EMBRATUR – Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo - (BRASIL, 1994), em 1988 o Quênia obteve, com o turismo, US\$ 400 milhões. Em Ruanda, os turistas querem ver os gorilas do Parque Nacional dos Volcans, e despendem, anualmente, US\$ 1 milhão em ingressos e de US\$ 2 a 3 milhões em outros gastos.

Nos países desenvolvidos, o ecoturismo é uma atividade muito vantajosa. Somente o sistema de parques nacionais dos Estados Unidos recebeu mais de 270 milhões de visitantes em 1989. Os parques estaduais atraíram mais de 500 milhões (ibid., 1994).

#### 4.7 IMPACTOS DO ECOTURISMO SOBRE O MEIO AMBIENTE

Como já foi mencionado, RUSCHMANN (1997) ressalta que os impactos do turismo se referem à gama de modificações ou à seqüência de eventos provocados pelo processo de desenvolvimento turístico nas localidades receptoras, e que eles são consequência de um processo de interação entre, turistas, comunidade e meios receptores.

O documento *Diretrizes para uma Política Estadual de Ecoturismo* (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1997) destaca que o ecoturismo, sendo uma atividade econômica, produz impactos, benéficos ou negativos nas áreas visitadas. Porém, tanto seus benefícios quanto os problemas dele decorrentes são potenciais, ou seja, dependem de como seu planejamento, implementação e monitoramento forem organizados e realizados.

O documento ainda aponta alguns impactos positivos que o ecoturismo pode produzir:

- sensibilização de turistas e populações locais para a proteção do ambiente, de valores culturais e do patrimônio histórico;



- ampliação dos investimentos voltados à conservação de áreas naturais e bens culturais;
- geração de emprego, renda e estímulo ao desenvolvimento econômico em diversos níveis (local, regional, estadual, nacional);
- possibilidade de melhoria de equipamentos urbanos e da infra-estrutura (viária, médica, sanitária, de comunicações e de abastecimento);
- estímulo à comercialização de produtos locais de qualidade;
- fomento de outras atividades econômicas potencialmente sustentáveis, como o manejo de plantas medicinais, ornamentais etc.;
- intercâmbio de idéias, costumes e estilos de vida; e
- melhoria do nível sociocultural das populações locais.

Em contra partida, o documento afirma que o ecoturismo pode, igualmente, produzir impactos negativos, dentre os quais:

- consumo do solo e transformação negativa da paisagem pela implantação de construções e infra-estrutura;
- alteração de ecossistemas naturais devido à introdução de espécies exóticas de animais e plantas;
- incremento do consumo de recursos naturais, podendo levar ao seu esgotamento;
- estímulo ao consumo de *souvenirs* produzidos a partir de elementos naturais escassos;
- aumento da produção de lixo e resíduos sólidos e efluentes líquidos;
- perda de valores tradicionais em consequência da homogeneização das culturas;
- geração de fluxos migratórios para áreas de concentração turística,
- adensamentos urbanos não planejados e favelização; e
- aumento do custo de vida, supervalorização dos imóveis e conseqüente perda da propriedade de terras, habitações e meios de produção por parte das populações locais.

Para que os impactos negativos sejam minimizados, deve-se determinar a capacidade de carga do local que, como já foi citado, é o número de visitantes e o grau de

desenvolvimento ótimo que um local pode receber, sem que implique em efeitos prejudiciais aos recursos e à perda da qualidade da atração (GÓMEZ et al., 1993).

#### 4.8 PRINCÍPIOS BÁSICOS PARA IMPLEMENTAÇÃO DE PROJETOS EM ECOTURISMO

Para se desenvolver qualquer tipo de projeto voltado para a atividade de ecoturismo, alguns princípios foram criados, visando o desenvolvimento de um turismo sustentável. Segundo EVER (apud GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1997, p. 14), são eles:

- ⇒ uso sustentável dos recursos naturais;
- ⇒ manutenção da diversidade biológica e cultural;
- ⇒ integração do turismo no planejamento;
- ⇒ suporte às economias locais;
- ⇒ envolvimento das comunidades locais;
- ⇒ consulta ao público e aos atores envolvidos;
- ⇒ capacitação de mão-de-obra;
- ⇒ marketing turístico responsável;
- ⇒ redução do consumo supérfluo e desperdício; e
- ⇒ desenvolvimento de pesquisas.

Segundo BOO (1992), existem poucas destinações que demonstram todos os princípios do ecoturismo. Não existem muitos lugares que demonstrem como o turismo, por si só, pode promover conservação e desenvolvimento sustentável.

Conforme essa autora, pode-se pensar em poucos locais onde o ecoturismo acontece, como a Montanha dos Gorilas em Ruanda, as Ilhas Galápagos no Equador, Monteverde em Costa Rica, o Santuário Baboon em Belize.

Mas existem diversos parques e reservas ao redor do mundo. Existem somente poucos onde o ecoturismo acontece? O ecoturismo é somente para poucos parques onde os recursos são únicos e espetaculares e recebe maior atenção internacional? É só para locais

onde existem gorilas da montanha ou elefantes, ou, ainda, a maior queda d'água do mundo? E sobre as outras áreas incultas? (BOO, 1992)

Em muitos dos casos, o ecoturismo acontece, mas ou ele não é formalmente reconhecido como tal ou os gerentes preferem não promovê-lo internacionalmente. Mas, para a maioria dos parques, a razão pelo qual o ecoturismo não se efetua é pelo fato dessas áreas não estarem prontas para o turismo (ibid., 1992).

Muitos dos parques não possuem planejamento turístico. Não existem sistemas turísticos no local. Não possuem infra-estrutura e facilidades, tais como bares, lojas de *souvenirs*, não cobram taxa de entrada, os quais trazem ganhos para o parque. As pessoas que gerenciam esses parques não são treinadas para o turismo. E igualmente a comunidade local não está preparada para essa nova atividade (ibid., 1992).

#### 4.9 INFRA-ESTRUTURA PARA DESENVOLVIMENTO DO ECOTURISMO

Em qualquer plano de desenvolvimento do ecoturismo, um aspecto muito discutido e de caráter muito especial é a seleção dos lugares para a construção das facilidades - alojamentos, lanchonetes, postos de informação, etc. Deve-se julgar a distribuição e a qualidade dos recursos naturais existentes e o valor estético do entorno<sup>9</sup> (GÓMEZ et al., 1993).

A respeito das instalações de alojamento, existem tendências diferentes: as realizadas fora das áreas protegidas para manter o máximo de sua integridade ou dentro das áreas protegidas mas ocupando territórios pouco extensos e em sítios que produzam impacto mínimo sobre os recursos e valores existentes (ibid., 1993).

Esse autor relaciona algumas características que os alojamentos destinados ao ecoturismo devem possuir, a saber:

---

<sup>9</sup> Todas as circunstâncias de uma situação ou de uma região que se situa em torno de um determinado ponto. O conjunto de todos os elementos (área verde, construções vizinhas, anexas, etc.) que interferem na paisagem do entorno (PNMT, 1994).

- As construções e os equipamentos infra-estruturais devem ser desenhados em harmonia com o entorno natural.
- O processo de construção e o desenvolvimento devem integrar os requisitos para a conservação da vida silvestre e as características naturais relevantes.
- Deve-se minimizar o consumo de energia e a geração de resíduos líquidos e sólidos.
- Deve-se promover o estabelecimento e manejo de áreas protegidas na zona de influência do alojamento.
- Deve-se fomentar uma maior compreensão e apreciação sobre a natureza e o meio ambiente.
- Deve-se realizar um uso sustentável dos recursos e características naturais da área.
- Deve-se oferecer alimentos, bebidas e serviços que promovam uma vida saudável.
- Os produtos e os serviços oferecidos devem refletir a cultura local e suportar a economia local.

É muito importante destacar que os serviços ecoturísticos requerem um nível qualitativamente maior de atenção ao turista, especialmente no que diz respeito às ofertas gastronômicas – oferecer alimentos naturais, locais e livres de contaminação.

Outro aspecto de fundamental importância é o dos serviços de informação, que devem ser vinculados a programas de educação e interpretação ambiental. Devem-se oferecer aos visitantes mapas das áreas, guias de campo, material promocional, etc.

Enfatiza-se a necessidade de uma infra-estrutura de apoio para a realização de determinadas atividades. Utilizam-se com frequência as torres de observação, estações de apoio às atividades de montanhismo ou outras vinculadas ao turismo de aventura, áreas de atendimento médico, sinalização nas trilhas, etc.

#### 4.10 POLÍTICAS DO ECOTURISMO

O SEBRAE, de Salvador, desenvolveu um “Estudo Analítico do Ecoturismo na Bahia” (SEBRAE, 1995) no qual ressalta que o desenvolvimento do ecoturismo deve estar apoiado em políticas bem definidas a serem operacionalizadas através de planejamento. Tais políticas se referem a:

- ⇒ Exploração dos recursos naturais que devem ser controlados pelas normas e legislações vigentes;
- ⇒ Capacidade de carga dos ecossistemas que só pode ser definida após os estudos de impactos ambientais, realizados por especialistas das universidades, consultorias especializadas ou organizações ambientalistas, influenciando na definição de áreas a serem exploradas turisticamente. Também pressionam para o cumprimento da legislação vigente, pois, em se tratando do meio ambiente, a atividade empresarial não pode agir sozinha, visto que sua visão é meramente mercadológica;
- ⇒ Uso dos recursos naturais, que é definido pela competência e pelas atitudes adotadas, pois os mecanismos adequados são difíceis de serem encontrados;
- ⇒ Facilitação de importações de equipamentos ou transportes, pois nem todos os países dispõem de tecnologias e produção desses bens, absolutamente necessários ao bom desempenho das atividades do ecoturismo;
- ⇒ Os recursos do ecoturismo, proporcionando estímulos aos operadores e aos destinos para o desenvolvimento e crescimento da atividade;
- ⇒ A participação do habitante local na atividade turística;
- ⇒ A criação de organismos e órgãos que definam as políticas nacionais de administração do meio ambiente, bem como os mecanismos de controle do meio ambiente.

Por ser uma atividade especializada e pela fragilidade dos atrativos, o ecoturismo deve se fundamentar nas políticas definidas para o setor, no planejamento e estratégia nacional de desenvolvimento ecoturístico.

#### 4.11 TENDÊNCIAS PARA O ECOTURISMO

De acordo com MARKUS SCHWANINGER apud RUSCHMANN (1997), foi prognosticada uma série de tendências para o turismo ambiental entre os anos 2000-2010:

- ⇒ Conscientização do estreito relacionamento entre o homem e a natureza ampliará a importância dos aspectos ambientais, incentivando os movimentos conservacionistas. Os projetos de equipamentos que excedam os limites da agressão ao meio ambiente serão rejeitados pelos especialistas e pelos próprios turistas;
- ⇒ A comunidade de áreas turísticas receptoras, adotarão estratégias adequadas à preservação do seu patrimônio natural e cultural;
- ⇒ As autoridades públicas e as instituições políticas contribuirão para o desenvolvimento dos interesses das comunidades e de seu ambiente original;
- ⇒ Alguns dos esforços no sentido de preservar o meio ambiente ou alguns locais privilegiados pela natureza virão tarde demais, pois algumas depredações são irreversíveis. Assim, ocorrerá o declínio de algumas destinações clássicas e surgirão lamentavelmente substitutas, desenvolvidas em ambientes antes intocados;
- ⇒ Adaptação dos espaços para a atividade de lazer, como forma de compensar a falta de contato com a natureza nos ambientes urbanos;
- ⇒ Conscientização ambiental atingirá o setor dos alojamentos turísticos. O futuro indica uma tendência de restaurações ou reformas;
- ⇒ Sensibilidade ambiental crescente estimulará os esforços no sentido de proteger, conservar e valorizar o meio natural e também o sociocultural, criando expectativa de que empresários do turismo abandonem a visão estreita que têm de seus negócios e o imediatismo do lucro e assumam uma mentalidade de planejamento a longo prazo, conscientizando-se de que uma estratégia ecológica será essencial para o sucesso da empresa.

#### 4.12 EXEMPLOS DE ECOTURISMO

Como uma tendência positiva, existem sinais de que as atitudes em direção a um turismo convencional estão finalmente mudando e que estas novas atitudes devem se direcionar para o modo de desenvolver a indústria em novas destinações. Alguns jargões

populares que estão surgindo para estas novas atitudes são: *turismo alternativo*, *turismo responsável*, *ecoturismo*, *turismo rural* e outros.

Esta nova ideologia sensível ambientalista está refletida em destinações que têm, conseguido, só recentemente, embarcar na nova onda do desenvolvimento do turismo. Belize, um local relativamente novo na indústria do turismo, é bom exemplo. Este país caribenho tem promovido ativamente o crescimento do turismo desde o início dos anos 80. Seguindo recomendações de um plano de turismo da UNDP (*United Nations Development Program*), políticos de Belize têm feito esforços conjuntos para evitar o curso de armadilhas evolucionárias que se caracterizam em muitos outros *resorts* Caribenhos. Eles esperam desse modo, contribuir para a promoção do Ecoturismo – forma de turismo que depende das atrações naturais ecológicas da destinação – e atrair pessoas com amplos interesses diversificados incluindo caminhada, observação de pássaros, montanhismo, etc. Belize quer evitar a construção de Hotéis de grande porte que desordenam as paisagens de muitos outros países de terceiro mundo. Em vez disso, Belize enfatiza facilidades de pequeno porte com a intenção de contribuir para a sustentabilidade (IOANNIDES, 1995).

Aproximadamente 46% de todos os turistas da Costa Rica, México, Belize, Equador e República Dominicana visitam estas cidades especificamente para ver as áreas selvagens protegidas que as mesmas possuem (ENVIRONMENTAL ALMANAC, 1993). Como já foi citado, o Ecoturismo pode resultar em grandes ganhos para certas destinações. Kenya, por exemplo, depende pesadamente dos dólares que os turistas gastam com a rica participação dos estrangeiros em fotos de *safares* (Ibid., 1995).

Alguns países tem usado o Ecoturismo como uma ferramenta para promover a conservação ambiental. O Parque dos Vulcões, Ruanda, por estimular o ecoturismo para a preservação de sua vida selvagem, é capaz de salvar da extinção seus famosos gorilas. Antes disso, os gorilas eram ameaçados por caçadores e agricultores locais, que, com suas práticas, acabavam destruindo o habitat natural dos gorilas (Ibid., 1993).

Por cobrar de cada visitante aproximadamente U\$200,00, o governo de Ruanda é capaz de limitar o número de visitantes dentro do parque enquanto gera rendimentos para a manutenção do mesmo (IOANNIDES, 1995).

O ecoturismo não se realiza sem a consideração de numerosas armadilhas. É cedo para dizer que um país como Belize terá sucesso com esta alternativa de desenvolvimento. Muitos críticos concordam em afirmar que tais destinações se tornam mais populares com o ecoturismo, correndo um risco de se tornarem mais uma destinação do turismo de massa. CATER, apud IOANNIDES (1995), avisa que, sem um entendimento adequado dos fatos registrados e sem planejamento e gerenciamento cuidadosos, o ecoturismo poderá incluir aspectos não sustentáveis e não será substancialmente diferente do turismo convencional.

Infelizmente muitas das atrações que os ecoturistas procuram, tais como picos de montanhas, calotas de gelo na Antártida ou florestas equatoriais, já estão com suas capacidades de carga baixas. Não é preciso turistas com “sensibilidade ambiental” para ocasionar danos irreversíveis em tais ecossistemas precários. Milhares de ecoturistas em Galápagos agora ameaçam os mesmos recursos que os levaram lá: a flora e a fauna nativa. É comum visitantes descuidados aventurarem-se em trilhas e contribuírem para graves erosões do solo. Pelo fato de muitas destinações ecoturísticas não terem infra-estrutura adequada, os turistas acabam poluindo o ambiente, como ocorreu no Nepal (IOANNIDES, 1995).

Assim, como os muitos tipos de turismo convencionais, o ecoturismo é freqüentemente controlado por companhias com base em países ocidentais; por isso, muito do dinheiro gasto não pertence às destinações. CARTER (apud IOANNIDES 1995) argumenta que, apesar de a maioria dos visitantes não fazerem parte de pacotes turísticos, suas necessidades de viagem e acomodação são coordenadas por empresas de seus países de origem.

A maioria dos ecoturistas querem a adrenalina de atuarem como modernos Robinson Crusoes e, ao mesmo tempo, manter todo o conforto de casa. Ironicamente, como o ecoturismo é desenvolvido desde Belize até as florestas do norte da Tailândia, visitantes demandam mais facilidades convencionais, normalmente associadas com o turismo convencional.

Na medida que mais e mais ecoturistas chegam, novas facilidades de acomodação têm que ser providenciadas, direcionando a preocupação em suprir água e em prover o



sistema de esgoto. Assim, se o ecoturismo não for propriamente gerenciado, pode se tornar simplesmente um turismo de massa.

#### 4.13 CONCLUSÃO

O ecoturismo é uma das facções do turismo que mais cresce no mundo inteiro. Porém, devem existir limites a este crescimento, pois os recursos naturais são finitos. Se o ecoturismo é viver de acordo com seu potencial, contribuindo para a qualidade ambiental, deve ser necessário permanecer restrito. Deve permanecer uma base de empenho fundamentada na economia local, sendo fonte de orgulho e envolvimento da população e não sendo somente um veículo de lucro.

Utilizado como instrumento para preservação biológica e promoção do desenvolvimento sustentável, o advento do ecoturismo deve ser aplicado de forma benéfica, visando a conservação dos ecossistemas. Ele pode ser uma parte para se solucionar os problemas de conservação de áreas frágeis, mas ele deve ser reconhecido somente como parte de um grande quadro ambiental e econômico.

Somente com a ação conjunta de todos os agentes interessados no desenvolvimento local, ou seja, governo, setor privado, organizações não governamentais (ONG's), comunidade local e consumidores, poderá se obter e manter um desenvolvimento sustentável, baseado na atividade ecoturística. Existe a necessidade de um planejamento adequado para o desenvolvimento desta atividade, tanto no sentido de sua otimização e melhoria dos serviços oferecidos, quanto no sentido da preservação do patrimônio histórico, cultural e natural e das condições de qualidade de vida da população local.

## **5 MODELO DE PLANEJAMENTO PARA IMPLEMENTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO ECOTURISMO**

### **5.1 INTRODUÇÃO**

Às vésperas do século XXI, a sociedade está vivenciando a “quarta onda”, a era da globalização, da informação e do conhecimento, na qual o “saber fazer” se torna imprescindível (TOFFLER, 1995).

As mudanças ocorrem tão rapidamente que se torna difícil a reação da organização local. Atualmente, faz-se necessário uma administração arrojada, que obtenha informações suficientes e atualizadas para acompanhar os acontecimentos e prever o futuro, desencadeando ações estratégicas que garantam o contínuo desenvolvimento. Uma região só consegue manter-se em desenvolvimento se tiver um planejamento estratégico que contemple a grande maioria das variáveis que o condicionam.

Há um aspecto do desenvolvimento econômico ainda quase intocado em termos de políticas públicas e análises acadêmicas: o desenvolvimento local. Este, pode-se dizer, constitui o novo paradigma do desenvolvimento econômico (MASUTTI, 1998).

### **5.2 DESENVOLVIMENTO LOCAL**

CALCAGNO (1990), entende que desenvolvimento são processos de crescimento e de troca relacionados sistematicamente entre si e que expressam uma aspiração por uma sociedade melhor. Assim, se incorporam elementos de poder político e econômico, sociais, tecnológicos, setoriais e regionais, que configuram o tipo de sociedade a qual se quer chegar. O tipo de sociedade à qual se aspira não é um conceito global, mas sim um conceito que se vincula às características regionais em todas as suas dimensões.

ROJAS (1995) frisa que não se deve esquecer o mecanismo global do desenvolvimento e suas conseqüentes relações entre regiões. Não se pode pretender

desenvolver uma região totalmente isolada; deve-se considerar todas as possíveis interações, de qualquer tipo, com outras regiões, vizinhas ou não.

Durante as duas últimas décadas, segundo GAROFOLI (19--), tem-se observado o progressivo surgimento de novos modelos de desenvolvimento que incorporam o nível local, que tradicionalmente se situava à margem das estruturas teóricas. As regiões têm agora a possibilidade de promover seu desenvolvimento, aproveitando suas características próprias, que determinam, na grande maioria, a capacidade para criar novas formas de atividade econômica e fortalecer as existentes.

Está comprovado empiricamente que o crescimento econômico vem acompanhando o crescimento urbano. Existe uma relação direta entre o crescimento da renda, do investimento, do emprego e o crescimento e a expansão do sistema de cidades de um país. Continua sendo objeto de discussão o tipo e a forma das relações que se estabelecem entre as cidades durante o processo de crescimento e mudança estrutural (ibid., 1998). LASÜEN (1974), assinala que uma das preocupações da teoria do desenvolvimento regional tem sido responder a pergunta: Onde se localizam os investimentos?

O desenvolvimento local depende da formação de um processo empreendedor e inovador, fortemente articulado ao território, onde um dos fatores condicionantes é a origem do investimento (MASSUTI, 1998).

Segundo GAROFOLI e CAMAGNI, citados por MASUTTI (1998), a teoria do “milieu innovateur” sobre o papel do território no desenvolvimento, valoriza positivamente os impulsos que proporcionam os fatores locais e reconhecem que a troca tecnológica é uma variável não substitutiva no processo de reestruturação produtiva. Essa interpretação difere em importância em função da história produtiva de cada localidade e na forma de perceber a mudança tecnológica no território.

Partindo da hipótese de que todas as comunidades territoriais dispõem de um conjunto de recursos (humanos, econômicos, institucionais e culturais), que constituem seu potencial de desenvolvimento endógeno, a nível local se detecta, por exemplo, a dotação de uma determinada estrutura produtiva, mercado de trabalho, capacidade empresarial, recursos naturais, estrutura social e política, tradição e cultura, sobre a qual se pode

articular o crescimento econômico e a melhora do nível de vida da população (MASUTTI, 1998).

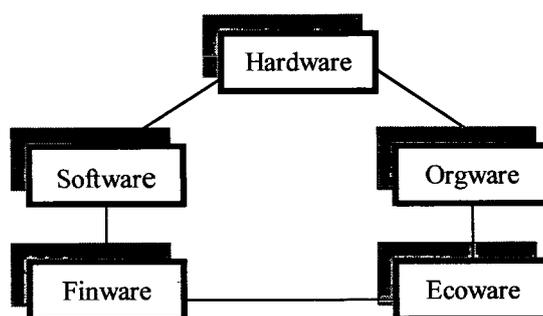
Segundo VÁZQUEZ (1993), o êxito de qualquer programa dependerá da atuação de cinco grandes grupos de intervenção que ele define como ações para melhorar a resposta local, a saber:

- **Hardware:** É formado por todas as infra-estruturas que suportarão o processo de mudança e que são instrumentos indispensáveis para o funcionamento do sistema produtivo. Dentre estas pode-se mencionar a rede de transportes e das comunicações e as instalações sociais como hospitais, escolas, etc.;
- **Software:** É formado pelos fatores qualitativos necessários ao crescimento e que têm caráter imaterial. Incluem-se aqui as ações que se propõem a melhorar a qualificação da mão-de-obra, o *know-how*, a capacidade empreendedora e a cultura local;
- **Orgware:** É formado pelos fatores qualitativos que são necessários para o crescimento e que têm caráter imaterial. Corresponde à capacidade local de organização que permita dar respostas eficazes aos desafios. Considera-se nesta classificação a forma como as organizações locais podem articular-se através de acordos de cooperação, redes de empresas e instituições de apoio ao desenvolvimento;
- **Finware:** É formado pelo conjunto de instrumentos financeiros disponíveis para o desenvolvimento estratégico de um local. Não se podem incluir somente os recursos públicos, mas também os recursos financeiros de bancos, empresas e particulares interessados em investir;
- **Ecoware:** Corresponde ao conjunto de instrumentos que organizam o uso adequado de recursos naturais existentes. Têm-se aberto caminhos para a idéia de que a manutenção do meio ambiente e do patrimônio artístico e cultural constituem uma dimensão estratégica do desenvolvimento, não somente porque

supõem uma melhora na qualidade de vida da população, mas também devido à qualidade do entorno, que se converteu em uma vantagem competitiva para a localização das empresas.

Estes cinco grupos se resumem no Modelo do Pentágono (VÁZQUEZ, 1993). Importa salientar que deve existir uma integração entre eles, como mostra a figura a seguir.

**FIGURA 4 Ações para Melhorar a Resposta Local**



Fonte: Vázquez, 1993.

A utilização de cada um dos instrumentos depende das necessidades de cada localidade ou região e dos problemas que apresenta cada território. Cada tipo de território requer tratamento específico e a utilização dos instrumentos adequados para resolver seus problemas.

VÁZQUEZ, apud ROJAS (1995), afirma que o êxito de qualquer estratégia de desenvolvimento local está condicionado pela disponibilidade de recursos (humanos, empresariais e financeiros), mas depende, em grande parte, da capacidade de criar condições que facilitam o surgimento de novas empresas.

Para tal, as regiões necessitam de um sistema organizativo capaz de orientar a melhor aplicação dos planos e dos recursos, objetivando atingir seu desenvolvimento.

Assim, percebe-se a necessidade de elaborar um modelo de planejamento que possa ser aplicado às regiões com potencialidades ecoturísticas, que contemple a atual situação econômica, mercadológica, tecnológica e que procure se enquadrar às características da próxima década, visando ao desenvolvimento local sustentável.

### 5.3 MODELO PROPOSTO

Como foi visto, o ecoturismo é uma atividade que, se bem desenvolvida, pode ser uma ferramenta de preservação biológica e de promoção do desenvolvimento local sustentável. Mas, para sabermos se esta hipótese é real, torna-se necessária a realização de um estudo de caso, a realização de um diagnóstico do local.

Os impactos causados pelo ecoturismo, seus custos e benefícios já são conhecidos. Não se sabe até que ponto esses benefícios podem ser maximizados e os custos minimizados. Mas sabe-se que, sem planejamento e sem boa administração, o ecoturismo não terá sucesso.

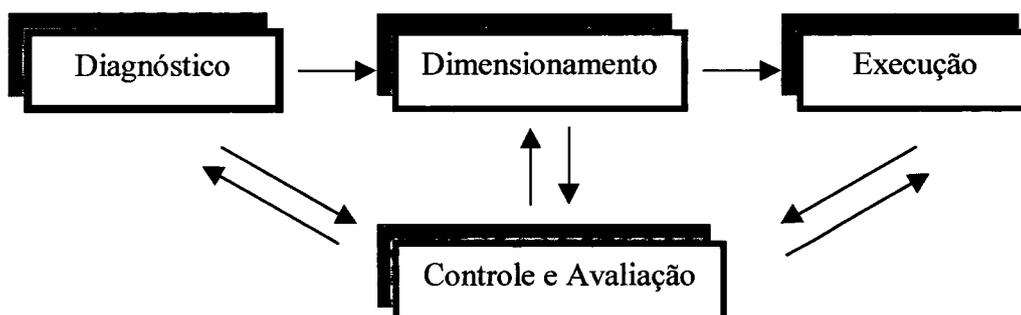
Muitas áreas, consideradas naturais, estão diante de um acelerado crescimento nos números de visitantes. A maioria dessas áreas estão despreparadas para essa tendência consumista. Muita destas áreas não são designadas ou desenhadas como locais turísticos e carecem de fundos e recursos humanos para a satisfação das necessidades dos turistas (BOO, 1993).

O local em que se desenvolverá o ecoturismo deve ser avaliado e deve-se decidir qual o melhor nível de turismo, para então elaborar um Modelo de Planejamento para alcançar tal nível. Este modelo deverá ser um guia de desenvolvimento e administração do ecoturismo, para assegurar que essas áreas não serão devastadas e destruídas pelos turistas, estabelecendo mecanismos de geração de empregos e renda para a área e comunidades locais e vizinhas (BOO,1993).

O modelo utilizado no presente trabalho está dividido em quatro ações:

1. *Diagnóstico* - Análise do local, identificação das potencialidades ou, no caso de áreas onde o ecoturismo já está desenvolvido, identificação das oportunidades de melhoria (Qual o estado dos recursos naturais? Qual o nível da demanda do turismo e desenvolvimento? Quem são os beneficiados pelo turismo? Quais os custos? Qual é o potencial do desenvolvimento turístico?). Cabe aqui ressaltar que cada dado coletado será analisado e classificado em função dos 5 (cinco) grupos de intervenção apontados por VÁZQUEZ (1993) que são: *hardware, software, orgware, finware e ecoware*.
2. *Dimensionamento* - Elaboração de Planos de Ação (Deve-se decidir qual é o melhor nível de turismo para o local. Essa decisão deve refletir um balanço entre necessidades dos visitantes, recursos naturais, comunidades vizinhas e governo local. Após chegar a um consenso sobre a decisão a ser tomada, determinar que necessidades devem ser supridas, que habilidades são requeridas para cada tarefa, quem irá fazer o que, quanto tempo irá levar e como será financiado. Priorizar essas atividades.
3. *Execução* - Operacionalização dos planos elaborados na fase 2.
4. *Controle e Avaliação* - Essa fase é realizada paralelamente a todas as fases anteriores. Ela irá acompanhar e controlar os esforços de cada ação em cada fase.

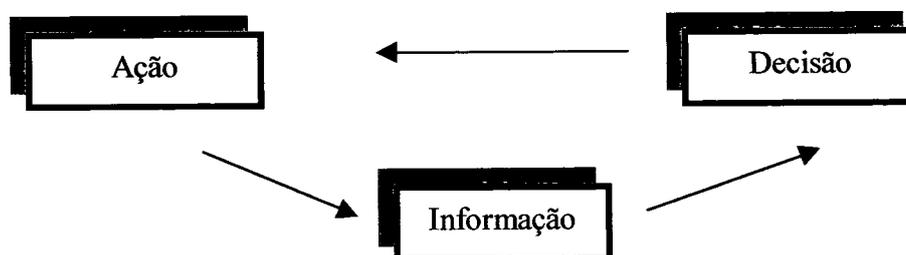
**FIGURA 5 O Modelo aplicado**



Cabe ressaltar que, por limitações de tempo, foi aplicada somente a fase de diagnóstico.

Este modelo tem por base o enfoque sistêmico do Planejamento<sup>10</sup>, no qual se devem colher **informações** sobre o caso pesquisado, analisar tais informações e tomar uma **decisão**. Agora o sujeito está em condições de realizar a **ação**. Em seguida o sistema é realimentado por uma nova informação, resultante de suas ações, e o ciclo inicia novamente (Petrocchi, 1998).

**FIGURA 6 Enfoque sistêmico do planejamento**



Fonte: PETROCCHI (1998)

### 5.3.1 Diagnóstico

O diagnóstico tem por objetivo identificar os elementos necessários ao conhecimento do local, compreender o processo de análise da situação comunitária, desenvolver habilidades e conhecimentos básicos sobre a qualificação de recursos.

O processo de diagnóstico do local apresenta duas fases:

- Coleta de informações;
- Análise dos dados e informações.

---

<sup>10</sup> Planejamento – É a definição de um futuro desejado e de todas as providências necessárias à sua materialização. Petrocchi (1998)



São coletados dados e informações do local, sobre o seu entorno físico natural - atrativos naturais, elementos silvestres, condições ambientais, hidrografia, morfologia, potencialidades do espaço - e sobre o seu entorno físico artificial - bens culturais, históricos e religiosos, bens e serviços de infra-estrutura (geral e turística), vias de acesso e meios de transporte, superestruturas e modo de vida e comportamento. Esses dados são analisados e, conseqüentemente, mostram os pontos fortes e fracos do local. Os pontos fortes devem ser reforçados, enquanto que os pontos fracos devem ser minimizados.

Outra análise essencial é a análise externa ao local, ou seja, estudar ameaças e oportunidades através da participação das partes interessadas, envolvidas direta ou indiretamente com o turismo, tais como: "trade" turístico, agências de viagens e operadoras, entidades do turismo, governo federal, estadual e municipal, faculdades de turismo, sindicatos, imprensa, hoteleiros, segurança pública, educação e pesquisa, etc.

Essa análise deve mostrar os pontos fortes e fracos do local, bem como as possíveis ameaças e oportunidades que, o rondam. As ameaças serão transformadas em oportunidades e as oportunidades, desenvolvidas. Todas as informações coletadas serão sintetizadas e dispostas em um documento.

Para a coleta e a qualificação de fatores no local, serão utilizadas algumas fontes, tais como:

**Fontes Secundárias:** documentos, estudos, experiências, projetos e pesquisas existentes que possam ser catalogados e que contenham informações sobre o local em questão ou sobre outras regiões do país e do mundo.

**Fontes Primárias:** existem quatro formas de contato direto com os principais atores:

- *Questionários* - Serão respondidos com a presença de pesquisadores em empresas e instituições de apoio, segundo amostra representativa de cada segmento e porte organizacional.

- *Entrevistas* – Serão realizadas pela equipe técnica do projeto com os principais atores, a serem identificados previamente.
- *Reuniões de Integração Social* – Haverá encontros com as lideranças comunitárias e com a sociedade em geral, quando serão apresentadas as etapas do projeto e a importância da colaboração da comunidade em todas elas. São previstos ainda encontros nas comunidades rurais, onde, a exemplo dos anteriores, sugestões, críticas e contribuições ao projeto serão encaminhadas.
- *Opiniões de Especialistas* - De acordo com o assunto em questão, consultores poderão ser contratados para proferirem palestras e/ou apresentarem estudos e pareceres técnicos sobre questões específicas. Esses especialistas podem vir a participar de grupos, coordenados por um moderador, visando identificar percepções sobre uma ou mais questões levadas a discussão, objetivando a riqueza de elementos qualitativos provenientes de um debate.

Comunidade local, administração pública, setor privado, representantes da indústria turística e ONG's serão fontes potenciais de informação.

A partir dessas informações coletadas, é possível estabelecer horizontes de trabalho, definir políticas e traçar os planos de ação necessários para a implementação do ecoturismo em um determinado local.

Para tal, BOO (1993) apresenta uma série de perguntas que irá servir como guia para se obter a situação atual do ecoturismo. Cabe ressaltar que estas perguntas foram elaboradas para o diagnóstico de parques florestais. Algumas perguntas poderão ser excluídas ou adaptadas para cada situação, e muitas outras poderão ser acrescentadas a esta lista.

Eis, a seguir, as perguntas propostas por BOO (1993) para serem feitas por gestores de áreas protegidas ao realizarem diagnósticos ecoturísticos e planejamentos.

## 1. Sobre as características do local

### Recursos Naturais

- ◆ Descreva brevemente os recursos naturais do parque. Eles estão intactos ou estão ameaçados? (Defina ameaças no contexto local). Geralmente, ameaças são coisas que afetam as habilidades das espécies de se reproduzirem ou sobreviverem. Pode-se incluir o turismo, acampamento, mineração, pesca ilegal, etc. Explique.
- ◆ Que estudos estão sendo conduzidos sobre a fauna e a flora da área? Os tópicos podem ser: tipos de florestas, pássaros, recursos minerais e hídricos.
- ◆ Quais desses estudos são relevantes para o planejamento do ecoturismo no parque?
- ◆ Que lugares e/ou vidas selvagens são mais comuns e são atração turística em potencial no parque? Por que eles são atração?
- ◆ Algum desses lugares possuem recursos naturais frágeis? Algumas dessas vidas selvagens estão em extinção ou ameaçadas? Explique.
- ◆ Algum esforço tem sido feito para quantificar o impacto do turismo nesses recursos? Cite e reveja esses estudos. Se não existe nenhum estudo formal, existe algum fato informal disponível?
- ◆ Existem estudos que descrevam o impacto do turismo em outros locais que possam ser úteis para este caso?

### Informação sobre visitação e níveis de visitação

- ✓ ◆ Existe um sistema para registrar estatísticas de visitação no parque? Se existir, descreva-o.

- ◆ Quantas pessoas visitam o parque anualmente? (Estime caso não haja um sistema).
- ◆ Qual a proporção de turistas estrangeiros e nacionais?
- ◆ Que outras informações geográficas estão disponíveis sobre os visitantes? (exemplos: idade, cidade de origem, etc.) Se não existem registros oficiais no local, talvez donos de hotéis ou guias possuam estatísticas ou informações que podem ser úteis.
- ◆ Quais são as estações baixas e altas de visitação? Por quê?
- ◆ O que os visitantes fazem no parque? Liste as atividades e indique as mais populares.
- ◆ Quais investigações estão sendo conduzidas sobre visitação no parque? Quais foram os resultados?
- ◆ Qual é a quantia média de dinheiro que os turistas gastam no parque? (aproximadamente, caso não existam números oficiais) Onde os turistas gastam seu dinheiro no parque?
- ✓ ◆ Que tipo de promoção ou *marketing* o parque tem seguido para atrair visitantes? Colete...
- ◆ Que nível de visitação pode ser realisticamente esperado para o futuro?
- ◆ Que mercado o parque serve, atual e potencial (visitantes locais, estrangeiros em massa, elite estrangeira, outro)? Como isso afeta o tipo de experiência do visitante e a infra-estrutura que é desejada?

#### Infra-estrutura do local

- ↳ ◆ Liste toda a infra-estrutura do parque (exemplos: centro de visitantes, trilhas, restaurantes/bares, lojas de presentes, hotéis, etc.)

- ◆ Essas facilidades são usadas? Com que frequência? Por quem? Liste separadamente.
- ◆ Descreva as facilidades. Elas são novas ou velhas? Elas são mantidas? Quem é responsável pela manutenção?
- ◆ A quem pertencem as facilidades? Se o setor privado estiver envolvido, eles são locais, nacionais ou estrangeiros? Especifique cada caso.
- ✓ ◆ Quais são as facilidades/infra-estruturas que contribuem com a educação ambiental dos visitantes? (exemplos: sinais interativos em trilhas, centros de informações para os visitantes, vídeos, etc.)
- ✓ ◆ Que tipo de material educacional está disponível no parque? Descreva-os.
- ◆ Quem prepara e produz esses materiais?
- ◆ Como esse material educacional é distribuído? Eles são úteis?
- ↳ ◆ O parque traz contribuições financeiras para os residentes ? (exemplos: lojas de presentes, hotéis, restaurantes, etc.) Como? Esses ganhos financeiros dos residentes locais podem ser quantificados?

### Recursos Humanos

- ✓ ◆ Quantas pessoas estão envolvidas com os turistas no parque? Quais são suas funções? Eles são voluntários ou assalariados? Qual é a origem da verba para os salários?
- ✓ ◆ Que tipo de treinamento o pessoal recebeu para trabalhar com os turistas? Explique.
- ✓ ◆ Os recursos humanos são em número suficiente para o nível de turismo? Eles podem proteger adequadamente os recursos naturais do parque? Explique.

## 2. Sobre as característica externas ao local

### Interação entre o local visitado e a comunidade local

- ✓ ◆ Identifique os indivíduos locais, comunidades e organizações não governamentais envolvidas com ou afetadas pelo turismo no parque.
- ◆ Quais os custos e benefícios do turismo para essas pessoas? Especifique cada um.
- ◆ Identifique os tipos de negócios turísticos ou outros produtos e serviços que envolvem a população local.
- ◆ Existe alguma cooperativa ou associação turística na área? Quem participa? O que eles fazem? Eles são efetivos?
- ◆ Para esses residentes da comunidade local que não são envolvidos com o turismo ou para os que possuem um envolvimento parcial, quais são os outros tipos de atividades econômicas/empregos que eles procuram?

### Infra-estrutura regional

- ◆ Quanto é acessível o parque? Descreva sua localização e região que o cerca.
- ✓ ◆ Como os turistas normalmente se transportam para o parque, tanto estrangeiros como nacionais?
- ✓ ◆ Quais as condições das estradas? Existem dificuldades sazonais como chuvas, etc.? Quem é responsável pela manutenção das estradas?

Outras atrações regionais

- ◆ Que outras atrações turísticas existem na região? (culturais, históricas, naturais, urbanas, etc.) Liste cada uma delas separadamente e o número anual de visitantes. Quais dessas atrações é mais visitada do que o próprio parque?
- ◆ Existe algum pacote turístico que inclui o parque como parte de um longo itinerário turístico? Existe algum outro tipo de interação entre o parque e outra atração turística da região?
- ◆ Quais são os centros populacionais dentro de 150km do parque? Liste cidades, número de habitantes e distância do parque.

Estrutura legal, considerações políticas e questões orçamentárias

- ↳ ◆ Qual é a existência (ou proposta) de documentos legais que regulamentam as atividades turísticas no parque?
- ◆ Quais são especificamente as normas e os regulamentos que constam nestes documentos para atividades turísticas? Cite-os.
- ◆ Quais os objetivos do turismo para o parque?
- ◆ Existe alguma seção de turismo no plano administrativo do parque? Se existe, é efetiva? Se não, quais são as restrições?
- ↳ ◆ O parque possui zonas para certas atividades? Existe uma zona turística?
- ↳ ◆ Quem é o responsável por estabelecer e monitorar as políticas de turismo no parque – oficiais de turismo, empresa privada, etc.? Se existir mais de um grupo responsável, eles trabalham independentemente ou em conjunto? Se não, por quê?

- ✓ ◆ Existe um sistema para coletar taxa de entrada na área? Se sim, descreva-o. Se não, por quê?
- ◆ Os rendimentos vindo desse sistema de taxa de entrada ficam no parque? Explique o processo?
- ◆ Qual é a origem da verba destinada ao parque? (Por exemplo, tesouro nacional, doadores estrangeiros, doações, etc.)
- ◆ Esta verba é adequada para o gerenciamento das atividades de turismo atual? Existe verba disponível para o gerenciamento das atividades turísticas futuras?
- ◆ Como é dividido todo este orçamento do parque entre parques individuais e reservas?

#### *Envolvimento do setor privado*

- ◆ Qual é o setor privado envolvido com o turismo no parque?
- ◆ O parque colabora com algumas operadoras ou companhias de turismo particulares? São nacionais ou internacionais? O parque tem algum relacionamento exclusivo?
- ◆ Como o parque seleciona os operadores/companhias de turismo com quem irá trabalhar?
- ✓ ◆ O setor privado tem sido envolvido em algum projeto ligado à conservação do parque ou áreas vizinhas? Descreva.
- ✓ ◆ O parque ou governo local possui alguma política ou regulamentos sobre o envolvimento do setor privado no local?

Estas são as perguntas básicas que se devem ser respondidas para se obter um diagnóstico completo da área.



### 5.3.2 Dimensionamento

Nesta fase, deve-se decidir o quanto o turismo deve ser incrementado e criar um plano a partir das informações e dos dados coletados na fase anterior. A situação do turismo pode ser melhorada de várias maneiras: aumentando ou diminuindo o número de visitantes, mudando a época de visitas, melhorando as facilidades e os serviços oferecidos, oferecendo mais proteção aos recursos naturais, etc. A criatividade é de fundamental importância nesta fase.

A finalidade desta fase é definir as decisões básicas que articulam as políticas turísticas do local, ou seja, estabelecer as diretrizes que orientarão as decisões para o desenvolvimento do ecoturismo, as atividades que se quer desenvolver, os mercados a serem atingidos, a posição desejada nesse mercado, as estratégias dos planos de ação, as metas a serem alcançadas, a definição de programas específicos, etc. (BOO, 1993).

Ela consiste em ordenar as ações do homem sobre o território e ocupa-se em direcionar a construção de equipamentos e facilidades de forma adequada, evitando, dessa forma, os efeitos negativos nos recursos que os destroem ou que reduzem sua atividades (RUSCHMANN, 1997).

Antes disso, devem-se avaliar os objetivos do turismo no local. Estes podem ser: oferecer uma nova forma de proteção para os recursos, trazer capital estrangeiro para o país, oferecer educação ambiental para os visitantes, e criar novas oportunidades de emprego para as comunidades local e vizinhas, etc. (Ibid., 1993).

Após traçar os objetivos, deve-se estabelecer o número desejável de turistas e as atividades disponíveis na área. Isso deve levar em conta os diversos interesses, como: conservar os recursos, promover o desenvolvimento sustentável na comunidade local, aumentar o balanço comercial nacional, e realçar a experiência dos turistas. Deve-se chegar a um consenso do perfil do turismo no local e criar uma estratégia (Ibid., 1993).

A estratégia deve incluir uma lista de atividades necessárias para o desenvolvimento do ecoturismo no local, detalhando-as em ordem de prioridade: quanto

tempo irá levar para ser finalizada, e qual será o custo de cada uma das atividades. É importante considerar a existência, no local, de algumas áreas, que são mais ameaçadas pelo turismo, as quais requerem maior atenção.

Mas não é só porque a estratégia foi traçada que a tarefa acabou. Deve-se estabelecer um sistema de monitoramento dessa estratégia. Ela é um processo dinâmico, que necessita de *feedbacks*, nos quais se terá uma avaliação de seus impactos e, quando necessário, se fará modificação ou ajuste da mesma, mas esta fase será detalhada mais abaixo.

No decorrer do projeto devem ser realizados *workshops*<sup>11</sup> com a participação de representantes de diversos grupos, pois existem muitas questões envolvidas na determinação de um desenvolvimento ideal do turismo para uma área. Os representantes devem ser da comunidade local e vizinha, da indústria turística, do ministério do meio ambiente ou recursos naturais, do ministério do turismo e da comunidade conservacionista.

## 1. Características do local

Segundo BOO (1993), existem estes quatro componentes na fase de dimensionamento:

### 1. O primeiro irá considerar os recursos naturais do local:

Levantará mecanismos para monitorar o impacto ecológico do turismo. Será útil coletar informações de outros locais sobre como fazer isso. Listará as habilidades necessárias para tal projeto, quem irá monitorá-lo, quanto tempo levará para pesquisar e levantar os dados, e quanto irá custar.

---

<sup>11</sup> Esses *workshops* têm como objetivos:

- Trazer representantes de muitos setores no intuito de traçar metas para o desenvolvimento do ecoturismo no local;
- Construir uma coalizão entre grupos, formando um comitê de ecoturismo para o local;
- Identificar o melhor cenário de desenvolvimento do ecoturismo;
- Determinar uma estratégia para alcançar tal cenário (BOO, 1993).

Conduzirá inventários para os locais de região selvagem, ecossistemas ou espécies que não têm sido estudadas adequadamente. Isso é muito importante para aqueles que são ou se tornarão atrações turísticas. Listará as habilidades necessárias para este projeto, quem irá conduzir o inventário, quanto tempo irá levar para completar os inventários e quanto irá custar.

2. O segundo irá considerar as informações sobre as visitas no local e seus níveis:

Criará um sistema para registrar as estatísticas de visitantes. Este deverá incluir não só números, mas informações demográficas. Listará as habilidades necessárias para este projeto, quem irá fazê-lo, quanto tempo irá levar para organizar um sistema de registro, qual será o seu custo.

Planejará uma série de investigações com os visitantes. Perguntas investigativas irão completar os dados não incluídos no sistema de registro de visitantes e dar uma importante informação de *marketing* e gerenciamento. Fará perguntas, como: O que te agrada e desagrada no local? Como você soube do local?, etc. Listará as habilidades necessárias para esse projeto, quem será encarregado pelas investigações, quando elas ocorrerão e quanto irá custar conduzir tais investigações e processar as informações.

3. O terceiro irá considerar a infra-estrutura do local:

Criará um plano mestre para as infra-estruturas existentes no local e para as sugeridas, incluindo trilhas, sinais, facilidades e outros. Consultará *experts* para dar as últimas tendências em *designs* ecológicos usando material local. Listará as habilidades necessárias para este projeto, quem será encarregado pelo plano mestre, quanto tempo irá levar para criá-lo, e quanto custará.

Quando o plano mestre estiver completo, listará as atividades prioritárias (melhorar as estruturas existentes ou construir novas), identificará arquitetos e construtores adequados, e começar a construir. Garantirá que os produtos e serviços locais estão sendo

usados quando possível. Listará as habilidades necessárias para este projeto, quem será encarregado pela coordenação da construção, quanto tempo este projeto irá levar, e quanto cada um irá custar.

4. O quarto e último irá considerar os recursos humanos disponíveis no local:

Decidirá quais as habilidades e qual o número de pessoas são necessários para administrar o nível desejável de turistas do local, incluindo *staff* gerencial, guardas, guias, e outros. Contratar o pessoal necessário. Listará quem será encarregado pelo pessoal, quanto tempo irá levar para contratá-los, e qual será o custo.

Decidirá que nível de treinamento turístico é necessário para todo o pessoal. Ele provavelmente variará de acordo com a posição. Determinará a melhor maneira de conduzir treinamento. Incluirá: contratar um treinador para ir no local, enviar pessoal para programas formais de treinamento, ou enviar pessoal para visitar outros locais com pessoal treinado. Listará quais as habilidades necessárias para o *staff*, quem será encarregado pelo treinamento do pessoal, qual é o melhor método de treinamento, quanto tempo irá levar para contratá-los, e qual será o custo.

## 2. Características externas ao local

De acordo com BOO (1993), existem estas cinco considerações a serem feitas na hora de dimensionar as características externas ao local:

1. A primeira deve levar em conta a interação entre o local visitado e a comunidade local:

Depois de identificar que comunidades sofrerão impactos pelo turismo no local na fase um, a interação com a comunidade deve continuar. A interação irá depender da cultura local e condições sócio-econômicas. Por exemplo, deve ser apropriado interagir somente com os mais velhos em alguns lugares e com toda a comunidade em outros. Deve-se:

estabelecer encontros individuais com cada comunidade para debater seus interesses no turismo e que papel eles gostariam de desempenhar com o turismo no local; listar que habilidades são necessárias para trabalhar com comunidades, quem se encarregará das relações com a comunidade, quanto tempo irá levar para fazer os contatos iniciais, e qual será o custo.

Deve-se selecionar representantes das comunidades para participar dos planos de desenvolvimento turístico e para serem membros do comitê de ecoturismo do local.

Deve-se dar assistência e suporte às comunidades que quiserem mais informações sobre o turismo no local, tiverem interesse no assunto ou quiserem ter acesso ao treinamento ou receber dinheiro em troca da participação no desenvolvimento do turismo; listar quais as habilidades necessárias para auxiliar a comunidade, quem será encarregado das relações com a comunidade, quanto tempo irá levar e quanto irá custar.

Realizar encontros regulares com comunidades para assegurar que eles estão sendo beneficiados pelo turismo e que o custo de vida está sendo minimizado. Listar quem se encarregará das relações com a comunidade, quanto tempo irá levar e quanto irá custar.

2. A segunda consideração deve levar em conta a infra – estrutura regional (dentro do país):

Decidir quais os progressos regionais (estradas, clínicas de saúde, acomodações, etc.) necessitam ser construídos no local para suportar a proposta de ecoturismo.

Formar grupos apropriados (governo, setor privado) para desenvolver o que for necessário. Será importante a capacidade de articular os benefícios do ecoturismo para o local a favor de toda a região.

3. A terceira consideração trata de outras atrações regionais existentes na região:

Decidir, se na região existe outras atrações turísticas que o local gostaria de coordenar criando pacotes turísticos regionais. Isto seria parte da promoção e *marketing* do local. Contatar pessoas dessas atrações que fariam boas parcerias e planos para isso. Listar quais são as habilidades necessárias para trabalhar com outros locais, quem será responsável por esse esforço de *marketing*, quanto tempo isso irá levar e quanto irá custar.

4. A consideração seguinte foca a estrutura legal, as considerações políticas e as questões orçamentárias:

Identificar o grupo (individual, agência ou consórcio) que está oficialmente encarregado pelo gerenciamento do turismo no local.

Determinar zonas turísticas para o local. Delimitar essas áreas com normas oficiais. Listar quais as habilidades necessárias para criar zonas, quem será encarregado pelo zoneamento, quanto tempo irá levar e qual será o custo.

Determinar uma taxa de entrada para o parque. Poderá ser melhor possuir diferentes taxas para visitantes estrangeiros e nacionais. As taxas devem incluir tarifa diária, semanal, para grupos, etc. Estabelecer um sistema de entrada para determinar quais estruturas físicas e pessoal são necessários. Listar quais as habilidades necessárias para desenvolver um sistema de taxa de entrada, quem será responsável por essa atividade (deverá envolver um processo legal nacional), quanto tempo irá levar para o estabelecimento do sistema, e quanto irá custar.

Determinar a distribuição orçamentária entre o próprio parque. Se o turismo for uma prioridade para o local, apropriar fundos adequados para o desenvolvimento turístico; assim o local é preparado e pode ser beneficiado pelo turismo. Listar quais as habilidades necessárias para lidar com orçamentos, quem será responsável pelo orçamento do local, quanto tempo irá levar para a finalização e quanto irá custar.

5. A quinta e última consideração leva em conta o envolvimento do setor privado:

Decidir que operadores turísticos são os melhores para colaborar com o projeto. Decidir que papel esses operadores turísticos deverão desempenhar. (Por exemplo, eles deverão trazer seus próprios guias ou os guias serão fornecidos pelo local?) Listar quem será encarregado de lidar com os operadores turísticos, quanto tempo isso irá levar e quanto irá custar.

Decidir que informação o local quer ou necessita sobre a demanda turística. (Por exemplo, informação demográfica sobre os visitantes, o que eles gostam ou não gostam sobre o local.) Obtenha apoio de operadores turísticos quando necessário para aprender mais sobre demanda turística. Conduzir estudos ou levantamentos para completar informações que estão faltando. Listar as habilidades necessárias para pesquisar informações, quem será encarregado pelas informações turísticas, quanto tempo isso irá levar e quanto irá custar.

Decidir como promover e vender o local. Deve incluir: desenvolver uma campanha de visitação ao local, contatar escritores de viagens para fazer histórias, imprimir panfletos, ou deixar tudo para os operadores turísticos. Estabelecer um programa de *marketing*. Listar as habilidades necessárias para promover o local, quem será responsável pela promoção do local, quanto tempo isso irá levar e qual será o custo.

### 5.3.3 Execução

Depois de definidos e aprovados os planos de ação, deve-se executá-los de acordo com a prioridade de cada um, através da atuação de equipes locais e de consultores externos.

Nesta fase os esforços são para a integração física de esforços regionais, através dos atores regionais de desenvolvimento em função de projetos de desenvolvimento específicos e/ou apresentados na segunda fase do projeto.

Mais do que começar a execução, busca-se a formação de uma estrutura física, sólida e permanente que garanta a continuidade dos esforços iniciados. É muito provável que, nesta fase, seja proposta a criação de uma estrutura física para o fomento do ecoturismo no local.

Não basta ter boas idéias e excelentes projetos. Importa colocar em prática os projetos definidos como prioritários nas fases anteriores.

Deve-se criar condições ideais para o surgimento do projeto, e prover, ainda, o surgimento e a manutenção do mesmo.

#### 5.3.4 Controle e avaliação

Esta fase deve ser realizada paralelamente a todas as fases anteriores. Ela irá acompanhar e controlar os esforços de cada ação em cada fase – auditoria – para a agilização e precisão das informações.

À medida que se verifica a implantação dos planos de ação, há necessidade de controlar, avaliar e rever todos os passos do processo. Ao se controlar a implementação, criam-se bases para que uma avaliação permita testar o sucesso dos planos, compará-los e dimensioná-los. Tanto do resultado positivo quanto do negativo, da avaliação surgirão os comandos necessários de revisão do processo, adequando-o e adaptando-o para o contorno de imprevistos encontrados na implementação dos planos de ação.

O Controle e a Avaliação têm função de acompanhar o desempenho do sistema, comparando as situações alcançadas e as previstas, principalmente quanto aos objetivos, aos desafios, às estratégias e políticas adotadas, ou seja, assegurando que o desempenho real possibilite o alcance dos padrões que foram anteriormente estabelecidos.

OLIVEIRA (1996) define controle “[...] como uma função do processo administrativo que, mediante a comparação com padrões previamente estabelecidos, procura medir e avaliar o desempenho e o resultado das ações[...]” Sua finalidade é de



realimentar os responsáveis pelas decisões para que possam corrigir ou reforçar esse desempenho ou ainda interferir em funções do processo administrativo, assegurando-se que os resultados satisfaçam aos objetivos, desafios e às metas estabelecidas.

### **1. Produto final do processo de controle**

O produto final do processo de controle é a *informação*. Logo, deve-se estabelecer um sistema de informações que possibilite efetiva e constante avaliação dos objetivos, desafios, estratégias e projetos.

Existem alguns aspectos que merecem atenção antes de se iniciar o processo de avaliação e controle:

- *Capacidade* - verificar se os funcionários estão habilitados para realizar o processo;
- *Informação* - verificar se todas as informações e dados necessários para o processo foram comunicados a todos os interessados;
- *Tempo* - verificar se todos os funcionários têm tempo para se dedicar ao processo;
- *Motivação* - verificar se o nível de motivação está adequado para o desenvolvimento do processo.

### **2. Finalidades do controle e avaliação**

Segundo OLIVEIRA (1996), algumas das finalidades são as seguintes:

- identificar problemas, falhas e erros que se transformam em desvios do que foi planejado, corrigindo-os e evitando sua reincidência;
- fazer com que os resultados obtidos através das operações estejam bem próximos dos resultados esperados e possibilitem a consecução dos objetivos e o alcance dos desafios;

- verificar se as políticas e estratégias estão apresentando os resultados esperados;
- oferecer informações periódicas, para a rápida intervenção no desempenho do processo.

### **3. Utilidades do controle e avaliação**

- corrigir ou reforçar o desempenho apresentado;
- informar sobre a necessidade de se alterar as funções administrativas de planejamento, organização e direção;
- informar se estão utilizando os recursos da melhor maneira possível;
- informar se estão desenvolvendo programas, projetos e planos de ação de acordo com o estabelecido e apresentando resultados desejados; e
- garantir a manutenção ou aumento de eficiência e eficácia na consecução dos objetivos, metas e desafios.

O sistema de controle e avaliação deve estar focalizado em pontos críticos, evitando aumento de custos ou perda de tempo; deve estar bem claro para facilitar seu entendimento e aceitação; deve ser ágil e proporcionar medidas de correção rápidas; deve ter objetividade, desencadeando sempre uma ação corretiva ou de reforço do processo; deve ser realista e operacional; deve ser preciso e rígido, mas apresentando alguma flexibilidade por a empresa estar num ambiente incerto, dinâmico e flexível e apresentar um custo de realização menor do que os benefícios que consegue proporcionar para a empresa.

É muito importante esta etapa para qualquer tipo de projeto, pois, a partir de um controle e de uma avaliação, pode-se mudar o rumo do mesmo e colocá-lo de acordo com as metas e objetivos propostos.

A metodologia acima proposta servirá como planejamento do ecoturismo em determinada área, tanto para implementá-lo, como para incrementá-lo, caso ele já esteja sendo desenvolvido.

## 5.4 CONCLUSÃO

Foi visto neste capítulo que o desenvolvimento local possibilita que as regiões promovam seu desenvolvimento aproveitando suas próprias características que determinam a capacidade para criar novas formas de atividade econômica e fortalecer as existentes.

Mas, para que isso aconteça, deve haver um processo de planejamento, tentando sair de uma situação atual para uma situação planejada e desejada. Para o sucesso deste processo é imprescindível que haja um conhecimento da situação atual.

Assim, o diagnóstico torna-se peça fundamental, pois, a partir dele, podem-se detectar todas as potencialidades e oportunidades do local, objetivando traçar os dimensionamentos necessários.

## 6 DIAGNÓSTICO ECOTURÍSTICO – UM ESTUDO DE CASO

### 6.1 INTRODUÇÃO

No capítulo anterior, explicou-se que cada região possui características e especificidades, cabendo a cada uma identificá-las e, a partir delas definir as melhores opções de desenvolvimento.

O presente capítulo destina-se a registrar informações do diagnóstico ecoturístico realizado no *Resort Plaza Caldas da Imperatriz*, situado a Estrada Geral, Km 04 – Santa Catarina (ver anexo 5). A escolha deste empreendimento foi baseada em uma percepção de que, na região existe potencialidade para se efetivar uma alternativa de desenvolvimento voltada para o ecoturismo.

O diagnóstico teve por base as questões propostas por BOO (1993), transcritas no capítulo anterior. Cada informação coletada será analisada e classificada em função dos 5 (cinco) grupos de intervenção apontados por VÁZQUEZ (1993), que são: *hardware*, *software*, *orgware*, *finware* e *ecoware*. Como no *Resort* em causa, a atividade de ecoturismo já é desenvolvida, o objetivo deste diagnóstico é identificar as oportunidades de melhoria, bem como as possíveis potencialidades que ainda não foram exploradas, ou melhor, descobertas.

Este processo está dividido em duas etapas: a primeira diz respeito à determinação das características internas do *Resort*; e a segunda refere-se à determinação das características externas ao *Resort*, que serão descritas a seguir.

### 6.2 ETAPA 1: DETERMINAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS INTERNAS DO *RESORT*

O *Resort* é um bom exemplo de que a convivência harmoniosa do homem com a natureza não só é possível mas também rentável. Conhecido pela qualidade das águas termais das fontes do município de Santo Amaro da Imperatriz, especificamente no bairro

de Caldas da Imperatriz, localizado na microrregião de Florianópolis, o hotel conta com uma atração a mais, muito especial, a de estar voltado para o ecoturismo.

Vizinho do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, o maior do estado de Santa Catarina, com 87.405 ha, criado em 1º de novembro de 1975, através do Decreto Estadual nº 1.260/75, e cercado por uma área própria de 138 ha de mata preservada, há mais de oito anos o hotel mantém um programa de turismo ecológico que envolve passeios, pesquisas e educação ambiental.

Muitas informações devem ser coletadas a respeito das características internas do *Resort Plaza Caldas da Imperatriz* para se ter um diagnóstico do mesmo. A apresentação delas levará em conta os aspectos propostos por BOO (1993), a saber: recursos naturais, informação sobre visitação e níveis de visitação, infra-estrutura e recursos humanos.

### 6.2.1 Recursos naturais

Devido à sua localização, o *Resort* aproveita os recursos naturais existentes para a realização de algumas atividades que serão examinadas abaixo.

Sobre os Recursos naturais, os itens analisados foram:

- a) Levantamento dos recursos naturais;
- b) Situação dos recursos naturais e vidas selvagens existentes;
- c) Lugares e vidas selvagens que são atrativos potencial;
- d) Estudos conduzidos sobre os recursos naturais do local;
- e) Impactos do turismo no local.

A seguir, serão apresentadas as informações levantadas em cada um dos itens acima relacionados.

## a) Levantamento dos recursos naturais

- Águas Termais - 2 fontes de Águas Termominerais abastecem o *Resort*, com uma temperatura de 40° na fonte e chegando às banheiras com temperatura de aproximadamente 38°. Essa água é a segunda melhor água do mundo, só perdendo para as águas de Vichy na França. Ela possui PH 7 - neutra, é inodora e incolor, rica em ferro, cálcio, fósforo e potássio.
- Floresta de Mata Atlântica – As árvores centenárias como a canela preta (*Ocotea catharinensis*), a peroba, o pau- óleo, o garaparim (*Vantanea compacta*) sustentam os jardins suspensos de bromélias (*Vriesea sp.*), orquídeas (*Zygopetalum maxillare*), samambaias, lianas (cipós endurecidos como madeira) e sombreiam os palmiteiros (*Euterpe edulis*) e xaxins. No chão, formam-se tapetes de bromélias terrestres, samambaias e caetés.

Dados levantados num estudo realizado pelo biólogo ROBERTO KLEIN (1981) demonstram a grande diversidade da flora do local. A seguir, algumas das 128 famílias e respectivos números de espécies coletadas, que no total somam 1146 espécies (ver anexo 5):

**TABELA 7 Famílias de vegetais encontradas no parque estadual da serra do tabuleiro e números de espécies.**

FAMÍLIAS	Nº DE ESPÉCIES
<i>Bromeliaceae</i>	22
<i>Compositae</i>	113
<i>Cyperaceae</i>	54
<i>Gramineae</i>	83
<i>Leguminosae</i>	31
<i>Myrtaceae</i>	77
<i>Orchidaceae</i>	204

Fonte: ROBERTO KLEIN, 1981.

Por ser a bromélia uma espécie muito encontrada na Mata Atlântica e apreciada pelos visitantes, ela é o símbolo do ecoturismo no local.

Fato marcante na Mata Atlântica é a abundância de água, quer em córregos cristalinos, quer sob a forma de neblina ou chuva. Rios caudalosos cortam a floresta formando várias cascatas e piscinas naturais.

Além disso, a fauna é bastante diversificada. De acordo com o material promocional do *Resort*, podem ser encontrados/encontradas:

- borboleta capitão – do – mato (*Morpho achilles achillaena*),
- formigas - cortadoras – de- folhas ou saúvas (*Atta sp.*),
- pequenos percevejos (*Phloea corticata*),
- falso – bicho – pau (*Cephalocoema sp.*),
- arlequim – do – mato (*Acrocinus longimanus*),
- cobra – de – vidro (*Ophiodes striatus*),
- scinco dourado (*Mabuya dorsivittata*),
- lagarto – teiú (*Tupinambis teguixim*),
- aranha caranguejeira (*Grammostola sp.*),
- lacraia ou centopéia (*Scolopendra sp.*),
- cobra jararacuçu (*Bothrops jararacussu*),
- onça (*Panthera onca*),
- gato – do – mato (*Felis wiedii*),
- cuíca (*Marmosa sp.*),
- macaco - prego (*Cebus apella*),
- ouriço – cacheiro (*Coendou preensilis*),
- cutia (*Dasyprocata azarae*),
- veado – mateiro (*Mazama americana*),
- morcego – de – cara – branca (*Artibeus lituratus*),
- macuco (*Tinamus solitarius*),
- tucano (*Ramphastos dicolorus*),
- saí – azul (*Dacnis cayana*),
- beija – flor (*Thalurania glaucopis*),
- saíra – militar (*Tangara cyanocephala*),
- tangará – dançador (*Chiroxiphia caudata*),
- canário – da – terra (*Sicalis flaveola*),
- besourinhos saltadores (*Omophoita sp. e Acantonycha sp.*),

- carneirinho (*Entimus sp.*),
- borboleta monarca (*Danaus plexippus eripus*),
- borboleta azulão (*Morpho catenarius*),
- falsa coral (*Oxyrhopus rhombifer*),
- perereca (*Hyla sp.*),
- bicho folha (*Orthoptera tettigonioidea*),
- louva – a – deus (*Parastagmatoptera sp.*).

#### b) Situação dos recursos naturais e vidas selvagens existentes

Os recursos existentes não estão intactos. Nas décadas de 40 e 50 houve um surto de malária que assolou o Brasil, e que atingiu a região em estudo. O povo achava que o mosquito transmissor da malária se alojava na copa das árvores; então passaram a cortar uma a uma ou atear fogo. Algumas partes da mata foram muito devastadas, estando agora em processo de regeneração. Porém, existem áreas núcleos no Parque do Tabuleiro que estão absolutamente intactas, mas que não fazem parte da área do hotel.. (Inform. Fernando Brüggemann<sup>12</sup>)

Um grande trabalho que o *Resort* desenvolve é a recomposição e o reflorestamento da Mata nas áreas pertencentes ao hotel. Para repor as plantas a empresa mantém um viveiro com mudas de árvores nativas. Além disso, ela faz um controle biológico do borrachudo com a bactéria *bacillus thurigiensis*, mantendo os hóspedes livres do incômodo, sem a utilização de produtos químicos.

O *Resort* cria um ambiente propício para procriação de borboletas, plantando espécies, como o maracujá, para atraí-las. Existem placas informativas nos jardins do hotel indicando onde existem “ovos” de borboletas, sua evolução e outras informações interessantes sobre elas (ver anexo 7) .Existem placas nos jardins do hotel que indicam a fauna e a flora encontrada na Mata Atlântica. (ver anexo 7).

---

<sup>12</sup> Contratado pelo hotel para conduzir estudos desde 1991.



A caça no local é outro fator que contribui para que os recursos não estejam intactos. Antigamente ela era mais freqüente, mas hoje em dia foi minimizada<sup>13</sup>, ocorrendo eventualmente. Os caçadores costumam caçar animais como tucanos, macucos, etc. O tiro é um impacto negativo, pois além de matar alguns animais, afugentam um grande número deles, que se assustam com o ruído.

Existe ainda um problema social difícil de ser resolvido. Quando o Parque foi fundado, muitas famílias moravam em seus limites, e ainda moram, pois não foram indenizadas. Elas estão revoltadas e acreditam que a área ainda é delas e que podem fazer o que bem entendem no local. Caçam, queimam, devastam, sem que haja uma fiscalização proibindo esses atos de destruição. Isto acontece, em grande parte pela inexistência de um Plano de Manejo<sup>14</sup> para o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. Existe somente um Plano Diretor<sup>15</sup> realizado pela SOS<sup>16</sup> e pela FEEMA<sup>17</sup> (GOVERNO ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO, 1976).

A atividade de ecoturismo é desenvolvida pelo *Resort* desde de 1990, e por ser muito sutil, não é vista como uma atividade que venha a ameaçar os recursos existentes. Antes de iniciar as atividades de ecoturismo, o *Resort* contratou um biólogo para fazer um reconhecimento da área a ser trabalhada. Algumas informações gerais sobre climatologia, fotogramateria, imagens de satélite e cobertura vegetal da área de estudos foram obtidas junto ao IBGE e ao Herbário Barbosa Rodrigues, de Itajaí – SC. Foi realizado um levantamento da fauna e a da flora locais e delimitados os espaços de trabalho e marcado o rumo das trilhas a serem abertas posteriormente para os passeios.

A partir destas informações, o hotel desenvolveu um sistema de trilhas interpretativas (6 km de trilhas aproximadamente), representado em panfletos entregues

---

<sup>13</sup> Acredita-se que a minimização da caça ocorreu pelo fluxo turístico no local, inibindo a ação de caçadores.

<sup>14</sup> O Plano de Manejo de uma Unidade de Conservação representa o mais importante documento no que diz respeito às diretrizes a serem adotadas na sua administração e no manejo do patrimônio que abriga. Exigência do Regulamento de Parques Nacionais – Decreto n.º 84.071, de 21 de setembro de 1979.(IBAMA, 19-).

<sup>15</sup> Plano Diretor é um documento no qual são indicadas as medidas necessárias para a melhor gestão, aproveitamento e desenvolvimento da área que se quer preservar como o Parque em questão, em suas características primitivas, para usufruto desta e das gerações futuras. Neles estão reunidas e sintetizadas todas as informações sobre a área escolhida, os critérios a serem adotados e os planos para sua implantação, sempre em harmonia com o conceito fornecido pela União Internacional para a Conservação da Natureza para Parques Nacionais, Estaduais e Reservas Análogas (GOVERNO ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO, 1976).

<sup>16</sup> SOS – Secretaria de Estado de Obras e Serviços Públicos.

<sup>17</sup> FEEMA – Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente.

aos visitantes (ver anexo 8). As trilhas mais fáceis são sinalizadas (ver anexo 9) e podem ser feitas por conta do próprio hóspede e as mais difíceis são feitas com o acompanhamento de guias.

Essas trilhas foram abertas com o mínimo de impacto ambiental possível, sem derrubada de árvores e respeitando a topografia do local. As trilhas maiores já existiam antes de a atividade ser desenvolvida. Acredita-se que elas foram feitas por caçadores, havendo indícios de que elas foram feitas por índios que lá viviam.

### c) Lugares e vidas selvagens que são atrativos potencial

Não se pode negar que o maior atrativo do local é a água termal. Mas como o ecoturismo é uma atividade que vem crescendo, muitas pessoas procuram relaxar em contato com a natureza e, conseqüentemente, obter informações sobre ela.

Como foi referido, o hotel possui um sistema de trilhas. No final de três destas trilhas – Trilha da Cascata<sup>18</sup>, Trilha do Guaramirim e Trilha da Serra Divisória<sup>19</sup> – encontra-se o ponto culminante do passeio, lá onde se chega à Mata Atlântica primária, com sua vegetação exuberante.

As vidas selvagens consideradas de maior atração para os visitantes das trilhas são os macacos e as aves de porte, tais como os tucanos e os gaviões.

Geralmente, uma área de floresta primária atrai muita gente, por constituir um fato incomum no cotidiano. Segundo o biólogo, as pessoas saem do passeio com uma sensação diferente de tudo o que viram antes, uma sensação de paz, tranqüilidade e de que precisam preservar para terem tudo isso no futuro.

Mais do que plantas e animais, os hóspedes têm oportunidade de conhecer de fato a natureza que os cerca, pois o hotel adicionou um ingrediente à beleza local: informação.

---

<sup>18</sup> O atrativo mais esperado desta trilha é a Cascata do Tatu (ver anexo 10), que pode ser contemplada ao final do passeio.

<sup>19</sup> Esta trilha já não é realizada pelos hóspedes, mas é freqüentemente utilizada para pesquisas.

d) Estudos conduzidos por estagiários sobre os recursos naturais do local

O *Resort* mantém convênio com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pelo qual garante espaço para a realização de pesquisas sobre a fauna e flora do local. São oferecidas bolsas, alojamento, transporte e alimentação para, no máximo, 5 alunos realizarem seus projetos de pesquisa e escreverem seus trabalhos de conclusão de curso. Os dados são repassados aos hóspedes e à população local, elevando o nível do ecoturismo e dando sustentação ao trabalho de educação ambiental. No momento da pesquisa, novembro/dezembro de 1998 e janeiro de 1999, apenas 2 estagiárias realizavam estudos no *Resort*.

Através desse convênio, vários estudos foram conduzidos por estagiários nas áreas de propriedade do *Resort*, alguns dos quais levam os seguintes títulos:

- “A Avifauna do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, Santa Catarina, Brasil e suas Implicações para sua Conservação” – Jorge L.B. Albuquerque e Fernando M. Brüggemann;
- “Estudo de uma Comunidade de Pequenos Mamíferos de Floresta Atlântica de Santa Catarina” – Jorge José Cherem;
- “Estudo Preliminar da Composição do Banco de Sementes em formações do tipo Pteridietum, Dodonietum e Miconietum em encostas do Município de Santo Amaro da Imperatriz” – Estação do Hotel Plaza Caldas da Imperatriz – Flérida R. Cortizo;
- “Levantamento Preliminar de Formigas (Hymenoptera: Formicidae) de Solos e Vegetação no Município de Santo Amaro da Imperatriz” – SC – Marcelo Fonseca de Carvalho;
- “Levantamento Preliminar de Marsupiais e Roedores, numa região de Mata Atlântica, em Santo Amaro da Imperatriz” – Jorge Cherem e Márcio Sodateli;
- “Aspectos de Ecologia de Chirópteros em Área de Capoeira” – Josy Z. de Matos;

- “Desenvolvimento de Camarões de Água Doce em Águas Termais no Período de 14 de Dezembro de 1995 a 21 de Janeiro de 1996” – Eveline H. Menegon;
- “Levantamento Preliminar da Ictiofauna de Ambientes Lóticos Encontrados na Área de Abrangência do Hotel Plaza Caldas da Imperatriz S.A. Estado de Santa Catarina (SC)” – Lourival Bernardi.

Segundo o biólogo Fernando Brüggemann, todos os estudos conduzidos são relevantes para o planejamento do ecoturismo no local e conseqüentemente para a educação ambiental. Com estes estudos, pode-se argumentar em termos de informação e em busca da preservação da área.

#### e) Impactos do turismo no local

Nenhum esforço tem sido feito para quantificar o impacto do turismo no local, mas acredita-se que com ele se minimizaram a caça, as queimadas e as devastações. Pelo fato de o *Resort* fazer um trabalho de recomposição e regeneração da Mata Atlântica na área pertencente ao hotel, constata-se que hoje é maior a abundância de fauna e flora do que antes das ações preservacionistas criadas pelo *Resort*.

Existe um fato informal que reforça a preocupação do *Resort* á respeito dos recursos naturais que usufruem. Há uns 3 anos atrás, o acesso de uma das trilhas, o da Trilha da Cascata, ficava fora dos limites do hotel; logo, estava sendo utilizada intensivamente. Conseqüentemente o local começou a ser deteriorado. Vendo essa deterioração, os responsáveis resolveram fechar o acesso ao público em geral, desviando o acesso para dentro dos limites do *Resort*. Hoje em dia somente fazem a trilha hóspedes ou convidados.

O hotel investe na reciclagem de resíduos orgânicos e inorgânicos. Os resíduos orgânicos são utilizados no minhocário para a produção de humos para a horta orgânica. Os resíduos inorgânicos tais como latas, vidros, plásticos, etc. são separados e retirados do local por uma pessoa de fora e o papel é vendido pelo próprio hotel.

O *Resort* possui uma estação de tratamento para os efluentes líquidos com tanques de oxigenação, decantador e leito de secagem.

Além de utilizar as águas termais nas banheiras e piscinas, o hotel adquiriu 52 ha sem vegetação, na qual implantou uma floresta alternativa com o plantio de eucalipto (exótico) e bracatinga (nativa) para produção de energia. A lenha é utilizada na caldeira, calefação e lavanderia.

#### 6.2.1.1 Conclusão específica

Todos os estudos realizados sobre os recursos naturais, os programas voltados a eles, o trabalho de educação ambiental e o ecoturismo, podem ser classificados no grupo de intervenção *Orgware*, proposto por VÁZQUEZ (1993), por se tratar da maneira pela qual o *Resort* se organiza para preservar os recursos, utilizando-os da melhor maneira.

Nas áreas pertencentes ao *Resort* existe uma biodiversidade exuberante. Por isso, existe uma profunda preocupação dos responsáveis no que se refere à preservação dos recursos naturais que os cerca. Como eles vêem nos recursos naturais grande potencial de desenvolvimento, seus responsáveis têm consciência de que seus recursos são frágeis e finitos e necessitam de preservação.

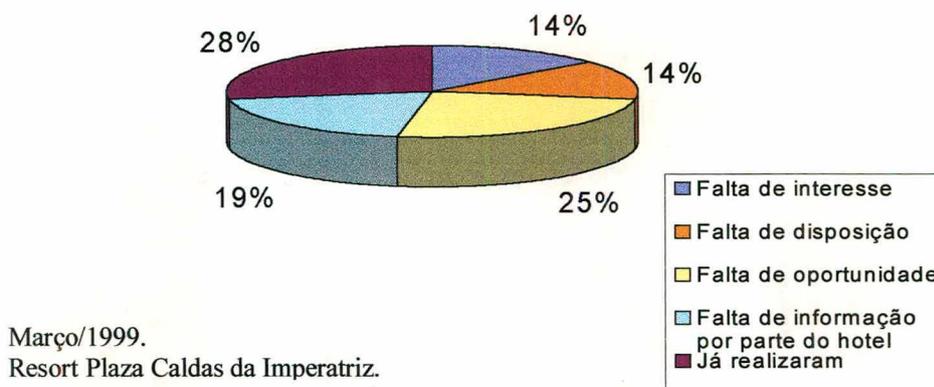
Como sugestão, cabe ressaltar a necessidade de estudos que identifiquem os impactos ambientais, tanto os negativos quanto os positivos, ocasionados pela atividade turística no local e a capacidade de carga que o mesmo pode suportar. Estes estudos serão de grande valia para saber o que se deve ou não se deve continuar desenvolvendo no local.

A respeito da atividade de ecoturismo que o *Resort* desenvolve, deve continuar branda e restrita aos hóspedes para que as futuras gerações possam dispor dos mesmos recursos que as presentes – propósito desta atividade.

Sugere-se ao *Resort* aumentar divulgação da atividade de ecoturismo, de seus trabalhos de educação ambiental e de pesquisas biológicas a seus hóspedes, valendo notar

que alguns dos entrevistados não realizam os passeios por falta de informação por parte do hotel como mostra o gráfico 1.

**GRÁFICO 1 Classificação dos hóspedes entrevistados quanto ao motivo de não realizarem os passeios pelas trilhas com guias**



Fazendo uma análise do gráfico acima, pode-se constatar que a opção “falta de informação por parte do hotel” detém 19% das ocorrências, um número bastante elevado por se tratar de hóspedes que deveriam ser os primeiros a serem informados sobre todos os serviços e atividades prestadas pelo *Resort*.

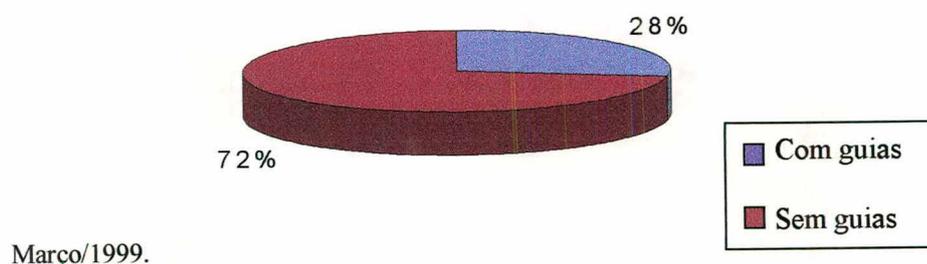
Um fato que prejudica o desenvolvimento da atividade de ecoturismo no local é a inexistência do Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, pois, sem este Plano a atividade não é considerada oficial. Sugere-se a mobilização do Órgão Estadual de Meio Ambiente, neste caso a FATMA, ou da Secretaria Estadual do Meio Ambiente para a efetivação do Plano de Manejo. Tal ação está inserida no grupo *Ecoware* de intervenção por tratar de um instrumento de preservação.

### 6.2.2 Informação sobre visitação e níveis de visitação

→ O *Resort* não possui um sistema para registrar estatísticas, tanto no que diz respeito à ocupação, quanto ao percurso das trilhas. Dados informais indicaram que o

hotel recebe em média 200 hóspedes/dia. Através da pesquisa realizada, teve-se idéia das informações sobre a visitação às trilhas, conforme ilustrado no gráfico abaixo.

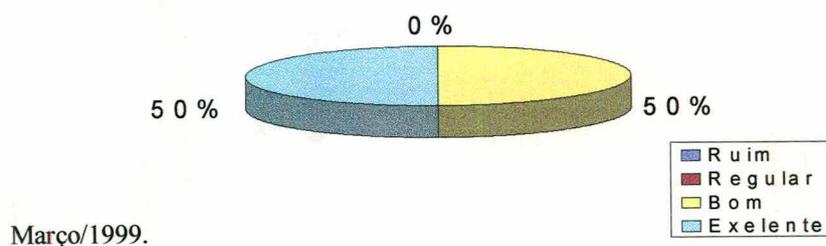
**GRÁFICO 2 Classificação dos hóspedes quanto ao percurso das trilhas**



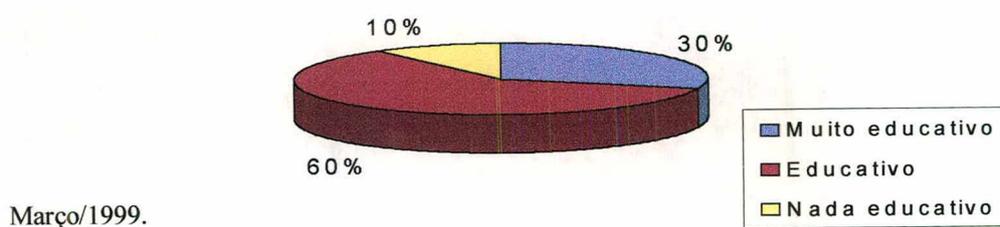
→ Dos 36 hóspedes entrevistados, apenas 28% já haviam realizado os passeios pelas trilhas com os guias. Cabe informar que destes 28%, correspondentes a 10 hóspedes, apenas 6 deles, ou seja, 17%, haviam realizado o percurso com os guias no dia da pesquisa. Esta porcentagem diária é considerada muito branda, mesmo em se tratando de área frágeis.

→ Para reforçar a afirmativa de quão branda é o ecoturismo desenvolvido pelo *Resort*, o passeio com os guias é realizado somente em dois dias da semana, exceto quando é agendado com antecedência por algum grupo. Frequentemente é utilizada uma única trilha para a realização do passeio com os guias e, mesmo assim, nem todas as pessoas vão até o final da mesma, onde a Mata Atlântica é primária. Futuramente esta porcentagem pode aumentar, de acordo com a infra-estrutura ecoturística e o aumento da demanda ecoturística. É importante salientar que este índice de visitação é muito relativo: ele dependerá de muitas variantes, tais como: topografia, clima, etc.

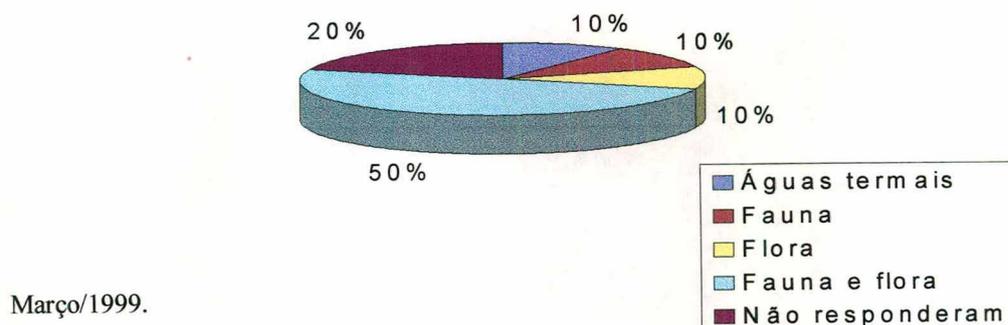
→ Ao buscar uma avaliação do passeio pelos hóspedes, 50% dos que realizaram as trilhas responderam que o passeio foi *excelente*; os outros 50% responderam que o passeio foi *bom*. Nenhum entrevistado declarou que o passeio foi *regular* ou *ruim*. É o que mostra o gráfico 3.

**GRÁFICO 3 Classificação dos hóspedes quanto à avaliação**

→ O gráfico 4 demonstra que, dentre os 10 hóspedes que haviam percorrido as trilhas, 30% responderam que o passeio foi muito educativo, 60% responderam que foi educativo e apenas 10% responderam que não foi nada educativo.

**GRÁFICO 4 Classificação dos hóspedes quanto ao conceito do passeio**

→ Interrogados sobre os conhecimentos que esses hóspedes adquiriram com o passeio, 50% deles mencionaram fauna e flora, 10% mencionaram as águas termais, 10% mencionaram somente a fauna, 10% mencionaram somente a flora, e 20% não responderam, como mostra o gráfico 5:

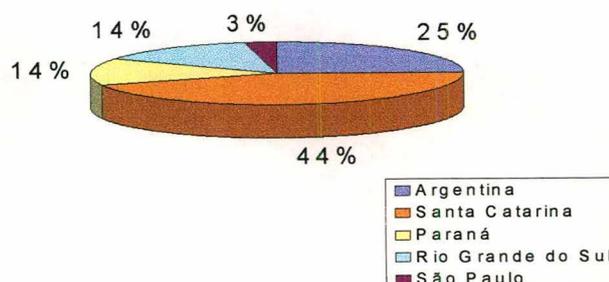
**GRÁFICO 5 Classificação dos hóspedes quanto aos conhecimentos adquiridos com o passeio**



→ Ao perguntar se os hóspedes repetiriam o passeio pelas trilhas com os guias, todos responderam que sim.

→ O *Resort* recebe turistas de muitos lugares, mas sobretudo de Santa Catarina, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Recebe muitos turistas de Montevidéu e Buenos Aires. Às vezes, hospedam-se no hotel europeus e americanos. Os dados supracitados são informais, mas podem ser confirmados com o gráfico 6, referente à pesquisa feita, especificamente pela questão relativa à origem do hóspede:

**GRÁFICO 6 Classificação dos hóspedes quanto à origem**



Março/1999.

→ Dos 36 hóspedes entrevistados, 44% procediam de Santa Catarina, 25% da Argentina, 14% do Paraná, 14% do Rio Grande do Sul e apenas 3% de São Paulo.

→ Algumas informações geográficas das pessoas entrevistadas que percorreram as trilhas com os guias:

- **Origem:** das 10 pessoas que já haviam percorrido as trilhas, 3 procediam da Argentina, 2 de Florianópolis, 3 do Paraná e 2 do Rio Grande do Sul.
- **Idade:** estimativas apontam que a maioria das pessoas que percorriam as trilhas estão na faixa etária de 14 a 40 anos de idade. Existem trilhas *lights* para os idosos. A pesquisa mostra que das 10 pessoas que percorreram as trilhas, 4 tinham idade entre 22 a 33 anos; 4 tinham idade entre 40 a 52 anos; somente uma tinha 62 anos e outra não informou a idade.

- **Sexo:** não se tem idéia da proporção de homens e mulheres, mas estima-se que o percentual seja equilibrado: 50% masculino e 50% feminino. A pesquisa mostra que, das 10 pessoas que realizaram as trilhas, 6 eram do sexo feminino e 4 do sexo masculino.
- **Renda:** pelo fato de o hotel ser considerado de 5 estrelas, geralmente as pessoas que se hospedam possuem renda de média a alta.
- **Escolaridade:** segundo dados informais, a maioria possui nível superior e até pós-graduação.

→ Os visitantes das trilhas geralmente fazem caminhadas (passeio ecológico), contemplação da natureza, observação de aves, identificação de espécies vegetais, banhos de rio e de cachoeira.

→ Como o *Resort* não é um hotel do tipo praia, não existe tanta sazonalidade, mas as épocas de alta ocupação são os meses das férias escolares, ou seja, janeiro, fevereiro e julho e os feriados.

→ O gasto médio *per capita* por dia dos turistas no *Resort* é de aproximadamente R\$ 105,00.

→ A maior parte do *marketing* do *Resort* é realizado boca a boca, ou seja, as pessoas que se hospedam uma vez, comentam com outras e assim a propaganda é feita. Mas o *Resort* possui um trabalho de publicidade dirigida, com propagandas em algumas revistas, como, por exemplo, a *Viaje Bem* da VARIG<sup>20</sup>, em entidades de classe, dentro do mercado, em entidades que tenham perfil ecológico.

→ O *Resort* possui folhetos promocionais que são distribuídos nas agências e operadoras de turismo e instituições interessadas.

---

<sup>20</sup> Viação Aérea Riograndense

→ O responsável pelo empreendimento afirmou que a região está fora do roteiro nacional, ou seja, Amazônia, Pantanal, etc. Ele cogitou que, daqui a aproximadamente dez anos, o ecoturismo do local vai “explodir” e se desenvolver, pois, segundo ele, o ecoturismo é o segmento do turismo que mais cresce, confirmando o que dizem os autores especializados no assunto. Além do *Resort*, existe a Pousada da Mata, que fica a dois quilômetros e meio da sede do *Resort*. Ela conta com 12 apartamentos e toda uma infraestrutura, que será analisada mais adiante, com acesso interno e transporte programado para maior conforto do hóspede. O projeto futuro é a construção de mais dois módulos iguais ao dessa pousada para atender à demanda, que será crescente.

#### 6.2.2.1 Conclusão específica

O *Resort* não possui um sistema para registrar estatísticas a respeito de sua ocupação, bem como a respeito do percurso das trilhas. Torna-se necessária a criação e a instalação de um sistema eficaz que registre tais dados, para se ter um controle e não exceder a capacidade de carga do local.

Levando-se em conta os cinco grupos de intervenção propostos por VÁZQUEZ (1993), pode-se concluir que este item – informações sobre visitação – não possui relação direta com nenhum deles. Porém, indiretamente, está relacionado com todos os cinco grupos no seguinte sentido:

**Hardware** - Toda a infra-estrutura do *Resort* dependerá do número de hóspedes que recebe, ou seja, quanto maior o fluxo de turistas, maior será a necessidade de acomodações, rede de comunicação, áreas de lazer, etc. Este item será analisado posteriormente. Toda a infra-estrutura do hotel será analisada na seção 6.2.3.

**Software** – O número de hóspedes também influenciará na qualidade da mão-de-obra e no *Know-how* do *Resort*. Na seção 6.2.4 serão apresentadas informações sobre os recursos humanos do hotel.

**Orgware** – Dependendo do nível de ocupação, o *Resort* necessitará de maior capacidade de organização. Aumentando o número da demanda, surge também a

necessidade de se firmar acordos com mais agências, para que as operações de divulgação e de venda se tornem mais eficazes. Estes assuntos serão mais detalhados no decorrer deste trabalho.

*Finware* – Quanto mais visitantes procuram o local, maior a necessidade de recursos financeiros para expansão, melhoria e manutenção do *Resort*. Neste grupo pode-se classificar a informação sobre o gasto médio percapita dos turistas no *Resort*.

*Ecoware* – À medida que cresce o número de visitantes, cresce também a necessidade de instrumentos que organizem o uso adequado dos recursos naturais existentes.

Com base nas pesquisas, pode-se concluir que 100% das pessoas que realizaram o passeio pelas trilhas classificaram-no como *bom e excelente* e que a maioria delas conceitua os passeios como *educativos*. Como conhecimentos adquiridos, os hóspedes apontaram com mais freqüência a fauna e a flora. Sugere-se maior abordagem da fauna e da flora durante os passeios pelas trilhas, por constituírem objetos de maior curiosidade.

### 6.2.3 Infra-estrutura do local

→ O *Resort* possui uma das mais avançadas tecnologias de Spa<sup>21</sup>, com tratamentos voltados para a saúde e a beleza. O Spa oferece várias atividades em suas águas termominerais.

→ Acomodações

Em 1996 a rede Plaza inaugurou a Pousada da Mata, distante 2,5 km do Hotel Plaza Caldas da Imperatriz, cujo objetivo é receber interessados em atividades ecoturísticas, tais como: caminhadas, escaladas, observação de aves e outros animais, identificação de plantas, banhos de cascata, etc. Na Pousada da Mata,

---

<sup>21</sup> Estabelecimento comercial (como um *resort*) que oferece facilidades dedicadas à saúde e ao bem estar (MERRIAM – WEBSTER ON LINE, 1999)

existem 12 apartamentos, canais fechados de TV com programação nacional/internacional, sala de estar com lareira, jantar e sala de jogos.

A sede do *Resort* totaliza 136 apartamentos e 11 suítes. Em todos os apartamentos o hóspede tem à disposição *room service* 24 horas, banheiras de mármore ou de hidromassagem, com água termomineral, *frigobar*, telefone com discagem direta, música ambiente, vídeo e canais fechados de TV com programação nacional/internacional.

→ Áreas de lazer: O *Resort* dispõe de bar, piscinas internas e externas com água termomineral, sauna, 2 quadras de tênis, pista de cooper, quadra de vôlei de areia, campo de futebol suíço e boate.

→ Toda esta infra-estrutura é utilizada com frequência pelos hóspedes, que na maioria dos casos buscam lazer, saúde ou beleza.

→ Apesar de o hotel existir há 17 anos, toda a infra-estrutura está em ótimo estado de conservação. Já foram realizadas 2 grandes reformas: uma no ano de 1993 e outra em 1998.

→ Como já foi mencionado acima, todas as atividades e todas as facilidades dentro do *Resort* contribuem para a educação ambiental dos visitantes. Além de todo o material distribuído com instruções ambientais, vídeos, cursos, pesquisas (convênio com a UFSC), conscientização dos hóspedes, funcionários, palestras ilustrativas nas escolas e no hotel, o hotel possui uma estação de tratamento de esgoto, que é considerada como modelo, ele realiza o tratamento do lixo orgânico e, ainda, como solução ecológica, evita o uso de inseticidas e faz o controle biológico do borrachudo.

→ Para a realização das palestras, voltadas ao ecoturismo, o hotel conta com sala de apoio, aparelho de projeção de slides, coleção de 300 slides, aparelho de vídeo cassete e televisão, além de fitas - cassete sobre temas ecológicos da região e do país.

→ O hotel possui folhetos das trilhas (ver anexo 8), com recomendações, lembretes e informações sobre as mesmas e ainda, possui um *book* sobre a Pousada da Mata e sobre toda a fauna e a flora que o visitante pode observar nas trilhas.

→ O material informativo do programa de educação ambiental e ecoturismo, como mapas de trilhas, descrição da vegetação e fauna, além das características da Mata Atlântica, é distribuído aos hóspedes, que assim obtêm conhecimentos sobre a natureza que os cercam. Desta forma contribui para a divulgação da biodiversidade do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, pois é preciso conhecer para preservar, porque ninguém preserva aquilo que não conhece.

→ Todo o material promocional e educacional é produzido por uma empresa do Rio Grande do Sul. O hotel envia todos os dados para a confecção dos mesmos.

→ Dados informais apontam que aproximadamente metade do ICMS (Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) arrecadado no Município de Santo Amaro da Imperatriz procede do *Resort Plaza Caldas da Imperatriz*.

#### 6.2.3.1 Conclusão específica

Este item abordou toda a infra-estrutura existente no *Resort*. Logo, pode ser classificado no grupo *Hardware*, do qual é formado por toda a infra estrutura que suportará o processo de mudança e as ações propostas.

O *Resort* é classificado como de 5 estrelas, possuindo, assim, um padrão elevado, com uma completa infra-estrutura de lazer, Spa e, mais recentemente está investindo no ecoturismo, atividade considerada promissora por seus responsáveis.

Apesar de recente, a infra-estrutura existente para o desenvolvimento do ecoturismo é diversificada e está em conformidade com o propósito da atividade. O único ponto negativo observado foi a precariedade da sinalização e das placas informativas dispostas no decorrer das trilhas. Sugere-se a confecção e a instalação de mais placas, tanto de sinalização das trilhas, quanto de informação a respeito da flora e da fauna que cercam as

áreas utilizadas pelo *Resort*. Os hóspedes que trilham sozinhos sentem a necessidade de saber mais sobre as características e peculiaridades da Mata Atlântica.

Sugere-se a criação de uma mini-biblioteca/museu com materiais especializados em meio ambiente e exposição de espécies encontradas na Mata Atlântica para melhor informar os interessados.

#### 6.2.4 Recursos humanos

→ O *Resort* conta com 200 funcionários, todos treinados e preparados para exercerem as atividades que lhes são pertinentes. A cada funcionário que entra na empresa são repassadas as normas e os procedimentos de trabalho. Periodicamente a chefia prepara o pessoal com o intuito de despertar algo mais nos funcionários, além do capital x trabalho, tenta despertar o interesse de cada um por aquilo que exercem.

→ Em tempos de alta temporada, o hotel contrata funcionários temporários, os quais fazem parte da cooperativa de trabalhadores do município voltada para o turismo.

→ Em 1989 o *Resort* contratou um biólogo para catalogar a fauna e a flora do local e a partir daí surgiu a atividade de ecoturismo. Para a execução desta atividade, o *Resort* conta, geralmente, com 4 pessoas, 1 biólogo contratado e 3 estagiários. Eles são em número suficiente para atender os hóspedes que visitam as trilhas. Eles têm consciência de que o ecossistema é frágil e que não se pode levar muita gente para percorrer as trilhas que chegam até a Mata Primária. Então, dependendo do número de pessoas que queiram seguir até o fim, o grupo se separa: uns seguem e outros voltam para o hotel. Dependendo do tamanho do grupo, mais de um guia o acompanha.

→ Existem dois tipos de convênio: um, direcionado à pesquisas biológicas, no qual os estagiários também realizam tarefas voltadas para a atividade de ecoturismo; e o outro, direcionado somente para o ecoturismo. Nos dois casos, para os estagiários realizarem as tarefas pertinentes ao ecoturismo, eles recebem informações do próprio biólogo. Ele é quem repassa todas as informações sobre a atividade.

→ Cabe ressaltar que muitas vezes, o pessoal da recreação também faz papel de guia, auxiliando o biólogo.

#### 6.2.4.1 Conclusão específica

Classifica-se a presente seção, recursos humanos, no grupo *Software* proposto por VÁZQUEZ (1993), que é formado pelos fatores qualitativos necessários ao crescimento.

Os recursos humanos do *Resort* são qualificados e em número suficiente para atender a demanda. Todos os funcionários são treinados para desenvolverem suas funções e, sempre que possível, são repassadas a eles informações sobre preservação do meio ambiente, ou seja, educação ambiental, através de palestras ministradas pelo biólogo do *Resort*.

Analisando os recursos humanos exclusivos para a realização da atividade de ecoturismo, vê-se uma preocupação permanente com o meio ambiente, justificada pela contratação de um biólogo profissional e estagiários que o auxiliam.

A fauna e a flora, por serem assuntos de maior curiosidade por parte dos visitantes, devem ser mais abordados pelos guias durante os passeios. Os guias devem explorar mais os recursos naturais, contando fatos curiosos, lendas ou, ainda, fatos históricos e culturais do local. É conveniente eles assistirem a palestras, cursos, debates, etc. sobre estes temas: ecoturismo, meio ambiente e aspectos econômicos, sociais e culturais da região.

### 6.3 ETAPA 2: DETERMINAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS EXTERNAS AO *RESORT*

Para se ter um diagnóstico do *Resort* não basta analisá-lo internamente. Existem muitos aspectos externos que também influenciam no desempenho do mesmo. De acordo com BOO (1993) pode-se citar a interação com a comunidade local; a infra-estrutura regional; outras atrações regionais; estrutura legal, considerações políticas e questão orçamentária; e o envolvimento do setor privado.



### 6.3.1 Interação com a comunidade Local

Segundo dados informais, existem basicamente três segmentos de sustentação econômica do município:

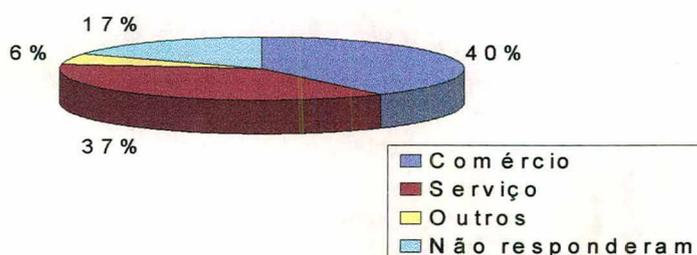
- Agricultura: aproximadamente 50%
- Comércio: 30%
- Serviços: 20% (aqui estão inclusos os serviços turísticos).

Mas, segundo dados informais, em se tratando de empregos, o turismo, que se situa no segmento de serviço, aloca um número maior de mão-de-obra do que a agricultura.

Os residentes da comunidade local que não estão envolvidos com o turismo, geralmente procuram a agricultura ou o comércio. Muitas vezes procuram emprego em outras cidades; com isso, o município acaba se tornando cidade dormitório.

Nas pesquisas realizadas, uma das questões focalizou a atividade exercida pelo entrevistado. Os resultados serão representados no gráfico 7.

**GRÁFICO 7 Classificação da população quanto à atividade exercida**



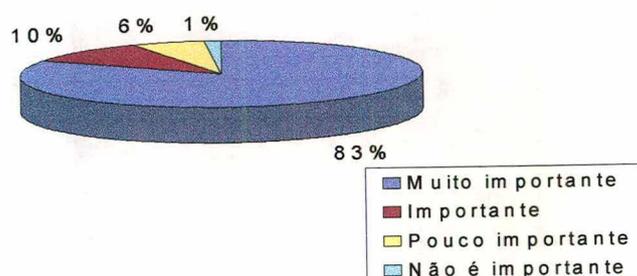
Fevereiro/1999.  
População de Santo Amaro da Imperatriz.

Com esta pergunta, ficou constatado que das 70 pessoas entrevistadas, 40% trabalham com comércio, 37% com serviço, 16% não responderam e 6% responderam trabalhar em outros segmentos. Deve-se esclarecer que a entrevista foi realizada, com maior frequência, no centro da cidade, onde prevalecem trabalhadores destes dois

segmentos. Ao pesquisarmos nos bairros mais afastados, onde a agricultura é atividade predominante, 97% das pessoas entrevistadas responderam que trabalhavam com a agricultura.

A população foi questionada sobre qual a importância da atividade turística para o seu município: 83% responderam que ela é muito importante; 10% apontaram que ela é importante; 6% das pessoas responderam que o turismo é pouco importante para o município; e apenas 1% respondeu que esta atividade é pouco importante. O gráfico 8 ilustra essas informações.

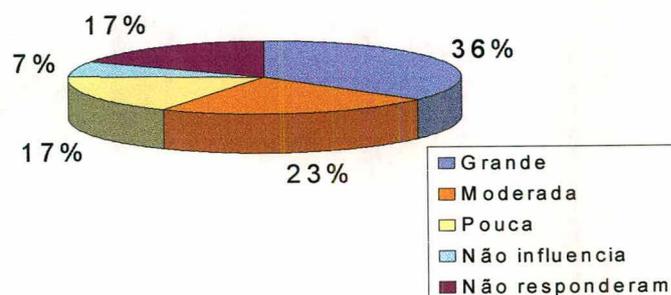
**GRÁFICO 8** Classificação da população quanto à importância do turismo para o município



Fevereiro/1999.

Muitas pessoas são beneficiadas com o turismo no município. Segundo a pesquisa, 36% das pessoas entrevistadas acham que o turismo tem grande influência sobre sua atividade; 23% concordam que o turismo influencia moderadamente sua atividade; 17% responderam que o turismo influencia pouco sua atividade; somente 7% afirmaram que o turismo não influencia sua atividade; 17% não responderam, como pode-se conferir no gráfico 9.

**GRÁFICO 9 Classificação da população quanto à influência do turismo em sua atividade**



Fevereiro/1999.

O *Resort Plaza Caldas da Imperatriz* possui um quadro funcional de 200 funcionários, 95% dos quais são da comunidade local.

O *Resort* dá à artesãos locais a oportunidade exporem seus trabalhos em feiras itinerantes que ele promove semanalmente em suas dependências (ver anexo 11).

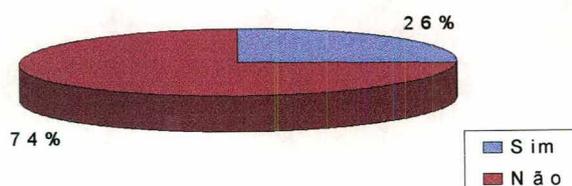
A maioria da população se beneficia com a ocupação do *Resort*. Os comerciantes: os turistas que se hospedam no *Resort* têm o interesse de conhecer o município e levar alguma recordação do local. Os hortefrutigrangeiros: hotel consome muito de sua produção. Os serviços em geral: os turistas sempre necessitam dos serviços existentes no local visitado.

O biólogo do *Resort*, juntamente com os estagiários realizam palestras para as organizações que solicitam (escolas, empresas, etc.) e ainda fazem caminhadas com estudantes e professores, promovendo com isso a educação ambiental. Eles, em parceria com instrutores da PROAVES<sup>22</sup>, ainda promovem cursos de Observação de Aves, cujos participantes poderão conhecer melhor o mundo de cores e sons das aves da região.

Porém, como pode ser observado no gráfico 10, 74% da população entrevistada disseram não conhecer o trabalho de educação ambiental que o *Resort Plaza Caldas da Imperatriz* realiza e apenas 26% conhece este trabalho.

<sup>22</sup> Associação Brasileira para Conservação das Aves.

**GRÁFICO 10** Classificação da população quanto ao conhecimento sobre a educação ambiental que o *Resort* realiza



Fevereiro/1999.

Existe uma cooperativa de trabalhadores no município voltada para o turismo, a qual oferece cursos de capacitação de especialistas, tais como: garçom, recepcionista, telefonista, etc. Esta cooperativa é composta basicamente pela mão-de-obra ociosa do município, e eles trabalham como *free-lance*, ou seja, são contratados em função da necessidade de uma determinada empresa por um número x de dias.

Para aferir o conhecimento da população sobre o ecoturismo, foram entrevistadas adultos e crianças de 1° e 2° grau . As conclusões foram as seguintes:

### 1. Adultos

Das 70 pessoas entrevistadas em fev./1999, 79% responderam já ter ouvido falar sobre ecoturismo e 21% responderam não saber do que se tratava, como mostra a tabela 8.

**TABELA 8** Dados a respeito do conhecimento da população adulta sobre ecoturismo

Já ouviu falar em ecoturismo?	
SIM	NÃO
79%	21%

Ao questioná-las sobre os meios pelos quais elas haviam adquirido tal informação, a alternativa televisão liderou com 41% das citações; jornais/revistas tiveram 32% de citações; através de amigos recebeu 4%; na escola 3%; em palestras 2%; em outros meios 2% e 16% das pessoas entrevistadas não responderam (tabela 9).

**TABELA 9 Dados sobre os meios pelos quais a população adulta ouviu falar em ecoturismo**

<b>Onde ouviu falar sobre ecoturismo?</b>	
<b>MEIOS</b>	<b>%</b>
Televisão	41
Jornais/ Revistas	32
Através de Amigos	4
Na Escola	3
Em Palestras	2
Outros	2
Não Responderam	16

Quando se questionou sobre o conhecimento da população a respeito das atividades de ecoturismo que são realizadas no município, 41% responderam que as conheciam e 59% responderam não saber que o ecoturismo era praticado na cidade, como ilustra a tabela 10.

**TABELA 10 Dados a respeito do conhecimento da população adulta sobre as atividades de ecoturismo que são realizadas em seu município**

<b>Tem conhecimento das atividades de ecoturismo que são realizadas em sua Município?</b>	
<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
41%	59%

## **2. Crianças e Adolescentes**

Das 122 crianças e adolescentes questionadas em nov./1998, 47% afirmaram já ter ouvido falar em ecoturismo e 53% responderam que nunca tinham escutado, como mostra a tabela 11:

**TABELA 11 Dados a respeito do conhecimento da população em idade escolar sobre ecoturismo**

<b>Já ouviu falar em ecoturismo?</b>	
<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
47%	53%

Na mesma pesquisa foi perguntado através de que meios elas haviam obtido tal informação. A alternativa televisão recebeu 18% de citações, jornais/revistas 10% de citações, através de amigos 5%, na escola 6%, em palestras 12%, outros meios 3% e 46% das pessoas não responderam (tabela 12).

**TABELA 12 Dados a respeito dos meio pelos quais a população em idade escolar ouviu falar em ecoturismo**

<b>Onde ouviu falar sobre ecoturismo?</b>	
<b>MEIOS</b>	<b>%</b>
Televisão	18
Jornais/ Revistas	10
Através de Amigos	5
Na Escola	6
Em Palestras	12
Outros	3
Não Responderam	46

Outra questão sondou o conhecimento das atividades de ecoturismo que são realizadas no município. 20% responderam que tinham conhecimento deste dado, 78% responderam que não sabiam que esta atividade existia em seu município e 2% das pessoas não responderam como é ilustrado na tabela 13.

**TABELA 13 Dados a respeito do conhecimento da população em idade escolar sobre as atividades de ecoturismo que são realizadas em seu município**

<b>Conhece as atividades de ecoturismo que são realizadas em sua cidade?</b>		
<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>NÃO RESPONDERAM</b>
20%	78%	2%

### 6.3.1.1 Conclusão específica

Este tema – interação com a comunidade local - pode ser enquadrado no grupo de intervenção *Orgware*, pela possível capacidade de organização e articulação que o *Resort* possui de se inteirar com a comunidade local. Como mostram as pesquisas, de 70 entrevistados, apenas 26% responderam que tinham conhecimento dos trabalhos de educação ambiental e ecoturismo que o *Resort* realiza.

Aconselha-se que o *Resort* faça maior divulgação de seus trabalhos de educação ambiental e ecoturismo entre a comunidade, e conseqüentemente concientizá-la de que o município tem a possibilidade de se desenvolver, de forma sustentável, através do ecoturismo.

Como ponto positivo, destaca-se a oportunidade que o *Resort* oferece aos artesãos locais de exporem seus produtos em suas dependências, proporcionando aos expositores uma nova fonte de renda. Ações como estas devem ser realizadas e incentivadas com mais freqüência pelo *Resort*, por exemplo, concursos gastronômicos, cursos de guias mirins e de terceira idade, concursos de fotografia, etc.

Mais parcerias, como a realizada com a PROAVES, devem ser criadas com outras instituições, Universidades e com a própria Prefeitura do Município de Santo Amaro da Imperatriz, com o objetivo de informar e, conseqüentemente, conscientizar a população local e os hóspedes a respeito da Mata Atlântica.

### 6.3.2 Infra-estrutura regional

O Município de Santo Amaro da Imperatriz está localizado na microrregião de Florianópolis - SC. Serão apresentados alguns dados sobre a infra-estrutura regional, tais como:

- a) Distância das Capitais Sulinas e dos Municípios da Região;
- b) Transporte dos hóspedes até o hotel;

- c) Condições das estradas e dos acessos até o *Resort*;
- d) Infra-estrutura turística do município (acomodações, restaurantes e bares);

Estes dados serão dispostos a seguir.

a) Distância das Capitais Sulinas e dos Municípios da Região:

Curitiba: 380 km

Florianópolis: 30 km

Porto Alegre: 485 km

Águas Mornas: 3 km

Rancho Queimado: 31 km

Angelina: 70 km

b) Transporte dos hóspedes até o hotel:

Segundo dados informais, aproximadamente 60% dos hóspedes chegam de avião em Florianópolis e se deslocam até o *Resort* de táxi ou através de empresas especializadas em receptivos. E 40% dos hóspedes chegam de carro próprio.

c) Condições das estradas e dos acessos até o *Resort*:

Pode-se chegar ao *Resort* pela BR 282 ou pela Estrada Geral do Aririú. Tanto a BR 282, quanto a Estrada Geral do Aririú estão em condições precárias, com depressões e com falta de acostamento e sinalização em vários trechos.

O DNER<sup>23</sup>, responsável pela manutenção das estradas, está finalizando as obras de ligação da BR 101 com a BR 282, o que facilitará este acesso.

---

<sup>23</sup> DNER – Departamento Nacional de Estradas de Rodagem



As chuvas freqüentes nos meses de dezembro e janeiro são dificuldades sazonais que já ameaçaram algumas vezes o movimento do hotel. Em dezembro de 1996, as chuvas atingiram o município e colocaram abaixo a única ponte que dava acesso ao *Resort*. Todos ficaram ilhados, sem água, luz e telefone. No início, o transporte foi feito através de botes; depois o exército instalou uma ponte provisória. Em três meses a situação se normalizou.

Na mesma época do ano de 1998, outro temporal provocou grande enchente no município, a qual, mais uma vez, derrubou a única ponte que dava acesso ao *Resort*. Novamente as pessoas ficaram ilhadas e com dificuldades de comunicação e deslocamento. Foi construída uma ponte de madeira provisória que, até o momento (abril de 1991), permanece sendo o único acesso ao *Resort*.

d) Infra-estrutura turística do município (acomodações, restaurantes e bares):

Segundo o Diagnóstico do Potencial Turístico do Município de Santo Amaro da Imperatriz (SEBRAE – SC e Prefeitura de Santo Amaro da Imperatriz, 1997), o município conta com:

Hotel Caldas da Imperatriz

Localidade: Caldas da Imperatriz

Quantidade de leitos: 110

Alternativas de lazer: piscina, sala de jogos, cancha de bocha, banhos termais, etc.

Hotel Plaza Caldas da Imperatriz

Localidade: Caldas da Imperatriz

Quantidade de leitos: 341

Alternativas de lazer: boate, quadra de tênis e de futebol, sala de jogos, Spa, sauna, trilhas ecológicas, piscinas com águas termais, etc.

Pousada da Mata

Localidade: Caldas da Imperatriz

Quantidade de leitos: 30

Alternativas de lazer: as mesmas do Hotel Plaza Caldas da Imperatriz.

Hotel Fazenda Jomar

Localidade: Santo Amaro da Imperatriz

Quantidade de leitos: 120

Alternativas de lazer: cavalos, charretes, pescaria, cachoeira, salão de jogos, *pala ground*, quadra de tênis, etc.

Dormitório Guckert

Localidade: centro de Santo Amaro da Imperatriz

Quantidade de leitos: 26

Prayontur hotel

Localidade: Caldas da Imperatriz

Quantidade de leitos: 96

Alternativas de lazer: Piscinas, sala de jogos, pescaria, pista de motocross, trilha ecológica, etc.

Restaurante e Churrascaria Guckert

Rua: Major Joaquim A . de Campos

Choparia do Zeca

Av. Frei Fidêncio Feldmann

Restaurante Brüggemann

Km 27 da Br 282

Vânio Lanches

Praça Governador Ivo Silveira

Restaurante Escadão

Rua Major Joaquim A.de Campos

Restaurante Imperatriz Colonial

Rua Dom Pedro II – Poço Fundo

Rôtisserie da Mana

Rua Major Joaquim A . de Campos

Restaurante Varandão

Rua Santana

Restaurante Real

Rua Santana

Ficam também incorporados os restaurantes dos Hotéis.

### 6.3.2.1 Conclusão específica

Como a infra-estrutura local, também o presente tema está classificado diretamente no grupo de intervenção *Hardware*.

Por ter como acesso uma ligação feita por uma ponte que já foi derrubada duas vezes em menos de quatro anos devido às freqüentes chuvas, aconselha-se a mobilização da prefeitura do município para a realização de um estudo minucioso da área, para construção de uma ponte mais sólida e segura, no intuito de evitar mais desastres e transtornos. Deve-se mobilizar os órgãos responsáveis por melhorias nas estradas que dão acesso ao município e que estão precárias.

A respeito da infra-estrutura turística do município, tomou-se por base o diagnóstico já realizado pelo SEBRAE e pela Prefeitura de Santo Amaro da Imperatriz (SEBRAE, 1997), onde consta que o município dispões de 6 meios de hospedagens e aproximadamente 9 empresas relacionadas com alimentação, bebidas e entretenimento. O setor de hospedagem de Santo Amaro possui um potencial incomparável a qualquer outro município da região, disponibilizando aproximadamente 800 leitos. O setor de alimentos tem a capacidade aproximada de 1400 pessoas. O município apresenta excelente infra-estrutura para o desenvolvimento turístico em relação aos demais municípios da região.

### 6.3.3 Outras atrações regionais

Além das atrações que alguns hotéis oferecem, o município conta com muitas outras atrações. De acordo com o Diagnóstico do Potencial Turístico do Município de Santo Amaro da Imperatriz (SEBRAE, 1997), são elas:

- Igreja Matriz: visitada diariamente por um grande número de turistas;
- Casario Gallotti: casario em estilo açoriano, construído em 1915, com móveis e enfeites, além de louças antigas. Pode ser visitado em horários determinados; quando solicitado à proprietária, pode ser visitada;
- Conventinho do Espírito Santo: antigo convento de freiras, em estilo barroco, construído em 1904. É usado pelo Frei Hugolino para o trabalho da cura pela imposição das mãos;
- Caldas da Imperatriz: O Balneário de Caldas da Imperatriz – onde localiza-se o Resort pesquisado - é considerado o maior potencial turístico da região, com suas águas termais e trilhas ecológicas;
- Salto do Rio Cubatão: Cachoeira com queda de 10 metros, com exuberante caudal de águas do Rio Cubatão;
- Cachoeira do Retiro ou Cachoeira da Cobrinha de Ouro: Conjunto de cachoeiras, formando vários remansos ou piscinas naturais, muito agradáveis para banhos;
- Morro das Águias Delta: Pico situado a 694 metros do nível do mar, local usado para prática do Vôo Livre.

O *Resort* está bem localizado, distante a somente 30 Km da capital. Ao redor dele existem outras regiões que também são atrações, tais como: Águas Mornas e Rancho Queimado.

Com relação aos eventos e festas populares, de acordo com o *Diagnóstico do Potencial Turístico do Município de Santo Amaro da Imperatriz* (SEBRAE, 1997), o município apresenta o calendário disposto na tabela 14.

Os pratos típicos da comunidade são a pamonha, a galinha com aipim, a polenta, e o churrasco. Com relação ao artesanato local, as atividades que mais se destacam são as

relacionadas com a madeira, barro, argila, bordados em geral, o tricô, o crochê, balaios e bijuterias (SEBRAE, 1997).

**TABELA 14 Calendário de eventos e festas populares de Santo Amaro da Imperatriz**

MESES	EVENTOS E FESTAS POPULARES	Nº APROXIMADO DE VISITANTES/ANO (DADOS INFORMAIS)
Janeiro	Festa do Padroeiro	Não existem estimativas
Março	Festa do Milho Verde	20 mil
Maiο	Festa do Divino Espírito Santo	40 mil
Julho	Festa de Aniversário do Município	Não existem estimativas
Agosto	Festa do Colono	10 mil
Setembro	Festival de Bandas	Não existem estimativas
Novembro	Festa da Imaculada Conceição	Não existem estimativas
Dezembro	Motofest	20 mil

Fonte: Adaptação do Diagnóstico do Potencial Turístico do Município de Santo Amaro da Imperatriz (SEBRAE, 1997).

A EMBRATUR, juntamente com a ABRATURR<sup>24</sup>, o IEB<sup>25</sup>, o SEBRAE, o Governo de Santa Catarina e outros órgãos colocaram em prática o projeto da Operadora de Ecoturismo GEKKO, que incluía Santo Amaro da Imperatriz no roteiro sul de Santa Catarina, com suas águas termais e com a exuberância do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, mas infelizmente não foi muito divulgado nem aceito pelas agências de viagens.

#### 6.3.3.1 Conclusão específica

Pode-se incluir esta etapa do diagnóstico tanto no grupo *Hardware* como no grupo *Orgware* de intervenção propostos por VÁZQUEZ (1993).

<sup>24</sup> Associação Brasileira de Turismo Rural.

<sup>25</sup> Instituto de Ecoturismo do Brasil.

Como *Hardware*, cita-se a oferta turística artificial, como as igrejas, os conventos e os casarios (patrimônios históricos), as comidas típicas, as festas e os eventos realizados no local (patrimônio cultural) e a oferta turística natural, como as águas termais, cachoeiras, morros, etc. (patrimônio natural). Cabe ressaltar que este item pode ser transportado para o grupo *Orgware* a partir do momento que o *Resort* resolver se articular e promover interações com tais ofertas.

O tema da parceria do município com agência GEKKO, fica inserido no grupo *Orgware* de intervenção. O município um grande potencial tanto cultural quanto histórico e natural. Por isso, sugere-se que o projeto proposto por esta agência seja retomado e este roteiro seja divulgado em todo o Brasil e no exterior, pois colocaria Santo Amaro da Imperatriz na rota turística nacional.

#### 6.3.4 Estrutura legal, considerações políticas e questões orçamentárias

Santo Amaro da Imperatriz dispõe de grande potencial turístico, especificamente o balneário de Caldas da Imperatriz, que sedia o *Resort* e que é considerado a **Zona Turística** do município, devido às fontes de águas termais, parques com piscinas naturais, hotéis com atividades diversas, etc.

Como foi mencionado, o *Resort* utiliza uma área do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro para desenvolver suas atividades de ecoturismo. Criado em 1º de novembro de 1975, através do Decreto Estadual nº 1.260/75, teve seu Plano Diretor efetivado em 1976 pela SOSPA e pela FEEMA (GOVERNO ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO, 1976).

Em contrapartida, seu Plano de Manejo ainda não foi elaborado. Conseqüentemente as áreas de exploração não foram delimitadas, ou seja, não foram delimitadas as áreas específicas para pesquisas, para o lazer, para a agricultura, áreas intangíveis, etc. Logo a atividade de ecoturismo desenvolvida no hotel não pode ser oficializada. Quando o Plano de Manejo for efetivado, provavelmente a atividade será mais intensa e reconhecida oficialmente.

Como o ecoturismo vem crescendo nos últimos anos, o objetivo do *Resort*, com este tipo de turismo, é captar mais esta demanda tão específica e fiel. Visa gerar maior sustentação e, ainda, preservar as riquezas naturais que envolvem essa região, despertando a consciência do valor desse patrimônio, não apenas para os hóspedes, mas também para a população periférica ao parque da Serra do Tabuleiro.

Por fazer parte de uma grande rede hoteleira, o *Resort Plaza Caldas da Imperatriz* nunca teve a necessidade de financiamentos ou linhas de crédito para expansões, melhorias e manutenções. Todas as ações tomadas em direção a estes objetivos são desenvolvidas com capital próprio.

Durante a realização das entrevistas com funcionários da Prefeitura e com o responsável pelo *Resort*, observou-se que não existe um relacionamento efetivo entre as partes.

#### 6.3.4.1 Conclusão específica

Ao apontar a inexistência de um Plano de Manejo dedicado ao Parque da Serra do Tabuleiro, classifica-se este dado no grupo *Ecoware*, pois o Plano de Manejo tem o intuito de apontar as diretrizes a serem adotadas na sua administração e no manejo do patrimônio que abriga.

No grupo *Finware* podem-se classificar os dados coletados sobre a situação orçamentária do *Resort*. Como ponto positivo destaca-se a falta de necessidade de o mesmo realizar financiamentos, por contar com capital próprio.

Sugere-se que o *Resort* mantenha uma interação com as secretarias da Prefeitura do município de Santo Amaro da Imperatriz, principalmente com a secretaria de turismo, objetivando a troca de informações. Esta ação é enquadrada no grupo *Orgware* de intervenção.

### 6.3.5 Envolvimento do setor privado

→ O *Resort* faz parcerias com agências de viagens e operadoras de turismo no Brasil e no Exterior. As agências são selecionadas através de sua idoneidade. Elas têm chances de crescer, à maneira de um plano de carreira, ou seja, elas começam como agências recebendo 10% de comissão. Quando a frequência das vendas aumenta, elas passam a ser consideradas operadoras e ganham 22% de comissão e podem chegar a representantes, que ganham 27% de comissão, sendo que 5% deles devem ser investidos em publicidade. Como vantagem, o representante conta com um bloqueio automático de reservas, ou seja, ele não necessita entrar em contato com o hotel para saber se existem acomodações disponíveis, pois os apartamentos são previamente bloqueados para eles.

→ Existe uma agência de turismo, com sede no próprio Município, que trabalha com o hotel, oferecendo aos hóspedes traslados, passeios e viagens. Esta agência oferece *tours* por Santo Amaro e Águas Mornas, Florianópolis, Blumenau, Brusque, Balneário de Penha (Beto Carrero World), etc. O hóspede que tiver interesse, contata a recepção e paga uma taxa especificada nos panfletos promocionais dispostos neste setor. O *Resort* recebe 10% sobre cada venda realizada.

#### 6.3.5.1 Conclusão específica

Pode-se concluir que o tema *parcerias com agências* está classificado dentro do grupo de intervenção *Orgware*, o qual trata, além de outras questões, de acordos de cooperação.

É muito importante que o hotel continue incentivando as agências a crescerem, como num plano de carreira. Com isso, existirá maior comprometimento e conseqüentemente, maior venda.

Aconselha-se que o hotel faça acordos com a imprensa, lojas comerciais e outros empreendimentos regionais, para que os mesmos façam a divulgação do programa de



ecoturismo que o *Resort* realiza, com a distribuição do material educativo. Esta iniciativa estaria classificada no grupo *Orgware* de intervenção.

## 6.4 ANÁLISE

### 6.4.1 Introdução

O objetivo deste item é a apresentação de uma análise do estudo desenvolvido, tendo como resultado final um plano de ação baseado nos dados levantados no diagnóstico.

O referido plano está calcado em indicadores referenciais, criados com o intuito de auxiliar seu dimensionamento. Neste capítulo serão demonstrados os critérios utilizados para identificação e valoração de tais indicadores e, a partir dos resultados, serão traçadas ações prioritárias para cada um deles.

### 6.4.2 Identificação e valoração de indicadores

Foram criados indicadores em função da metodologia proposta por BOO (1993), que, em alguns casos, apresentaram a necessidade de serem segmentados para análise individual, como foi o caso dos itens:

- **Recursos naturais**, segmentado em potencial atrativo, estado de conservação e programa de educação ambiental/ecoturismo;
- **Infra-estrutura do local**, segmentado em infra-estrutura geral e infra-estrutura ecoturística;
- **Estrutura legal, considerações políticas e questões orçamentárias**, segmentado em estrutura legal, considerações políticas e questões orçamentárias;
- **Infra-estrutura regional**, segmentado em infra-estrutura regional e infra-estrutura turística;

- **Recursos humanos**, segmentado em recursos humanos gerais e recursos humanos do ecoturismo.

A tabela 15 apresenta estes indicadores e classifica-os de acordo com os cinco grupos de intervenção propostos por VÁZQUEZ (1993).

**TABELA 15 Relação dos indicadores e respectivo(s) grupo(s) de intervenção**

INDICADORES INTERNOS	GRUPO (S) DE INTERVENÇÃO	INDICADORES EXTERNOS	GRUPO (S) DE INTERVENÇÃO
<b>Recursos Naturais</b> - potencial atrativo - estado de conservação - programa de educação ambiental e ecoturismo	Sem classificação Sem classificação Orgware	<b>Interação com a comunidade local</b>	<b>Orgware</b>
		<b>Infra-estrutura</b> - regional - turística	<b>Hardware Hardware</b>
<b>Informação sobre visitação e níveis de visitação</b>	<b>Hardware, Software, Orgware, Finware, Ecoware</b>		
<b>Infra-estrutura</b> - geral - ecoturística	<b>Hardware Hardware</b>	<b>Outras atrações regionais</b>	<b>Hardware Orgware</b>
		<b>Estrutura legal</b>	<b>Ecoware</b>
		<b>Considerações políticas</b>	<b>Orgware</b>
<b>Recursos Humanos</b> - gerais - do ecoturismo	<b>Software Software</b>	<b>Questões orçamentárias</b>	<b>Finware</b>
		<b>Envolvimento do setor privado</b>	<b>Orgware</b>

Por não existirem experiências anteriores que permitam uma consolidação da proposta apresentada neste capítulo e por julgar-se necessária a elaboração de um instrumento prático, optou-se pela criação de uma valoração empírica, a qual deve ser comprovada e validada em trabalhos futuros. Tal valoração foi fruto do bom senso da pesquisadora, tendo como base o diagnóstico realizado, as respostas da pesquisa de campo e a bibliografia pesquisada.

Para cada um dos indicadores foi atribuída uma valoração, de 0 a 5, tendo como base a situação de cada um dos itens no período de outubro/98 a março/99 (ver tabela 16).

Além desta tabela, optou-se por dispor as mesmas informações nela contidas em gráficos que, segundo Santos (1999), são “[...] uma forma de dispor as informações que

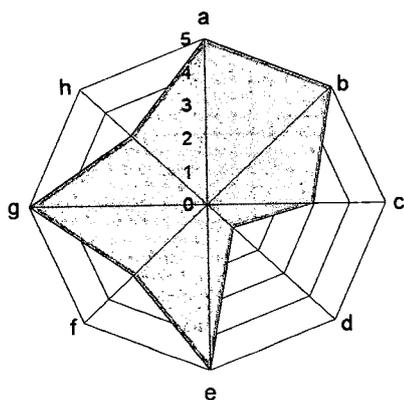
*facilita o entendimento do comportamento do fenômeno que está sendo analisado e permite da mesma forma uma melhor compreensão dos resultados obtidos durante a aplicação das metodologias e ferramentas para solução de problemas.”*

**TABELA 16** Relação dos indicadores e respectivas valorações

INDICADORES INTERNOS	VALORAÇÃO	INDICADORES EXTERNOS	VALORAÇÃO
<b>Recursos Naturais</b>		<b>Interação com a comunidade local</b>	2
- potencial atrativo	5	<b>Infra-estrutura</b>	
- estado de conservação	5		
- programa de educação ambiental e ecoturismo	3		- regional - turística
<b>Informação sobre visitação e níveis de visitação</b>	1		
<b>Infra-estrutura</b>		<b>Outras atrações regionais</b>	4
- geral	5	<b>Estrutura legal</b>	2
- ecoturística	3	<b>Considerações políticas</b>	2
<b>Recursos Humanos</b>		<b>Questões orçamentárias</b>	5
- gerais	5	<b>Envolvimento do setor privado</b>	4
-do ecoturismo	3		

O Gráfico utilizado foi o Gráfico do Radar, no qual se pode visualizar, com mais clareza, quais os indicadores que necessitariam de incrementos para se igualarem, em valoração, aos que receberam conceito máximo, como mostram os gráficos a seguir:

**GRÁFICO 11** Valoração dos indicadores internos



Legenda:

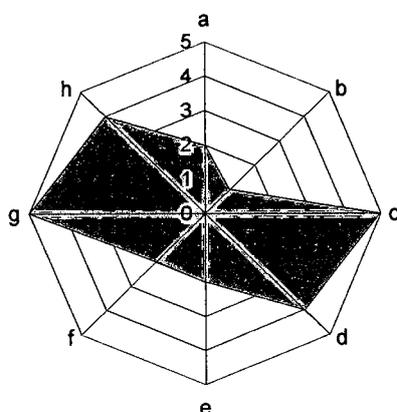
- a – Potencial atrativo dos recursos naturais
- b- Estado de consercação dos recursos naturais
- c– Programa de educação ambiental e ecoturismo
- d– Informação sobre visitação e níveis de visitação
- e– Infra-estrutura geral
- f- Infra-estrutura ecoturística
- g Recursos humanos gerais
- h- Recursos humanos do ecoturismo

O gráfico mostra que apenas os indicadores **potencial atrativo dos recursos naturais, estado de conservação dos recursos naturais, infra-estrutura geral e recursos humanos gerais** receberam valorização máxima. Logo, não há necessidade de traçar ações prioritárias para tais indicadores. Porém, é aconselhável que o *Resort* continue dando a devida atenção a estes indicadores para manter a performance, tais como: continuar mantendo o viveiro com mudas de árvores nativas; continuar com a trabalho de recomposição da Mata Atlântica nas dependências do Hotel; continuar respeitando a topografia do local; manter a infra-estrutura local com padrão cinco estrelas e com os Recursos Humanos devidamente desenvolvidos e treinados para a execução das tarefas pertinentes.

Para os outros indicadores, ou seja, **programa de educação ambiental/ecoturismo, informação sobre visitação e níveis de visitação, infra-estrutura ecoturística e recursos humanos do ecoturismo**, que receberam valorização abaixo de 5, sugere-se um Plano de Ação que será detalhado na seção 6.4.3.

A valorização dos indicadores externos também foi dimensionada no Gráfico do Radar, como se demonstra no gráfico 12.

**GRÁFICO 12** Valoração dos indicadores externos



**Legenda:**

- a – Interação com a comunidade local
- b– Infra-estrutura regional
- c – Infra-estrutura turística
- d – Outras atrações regionais
- e – Estrutura legal
- f - Considerações políticas
- g- Questões orçamentárias
- h- Envolvimento do setor privado

Apenas os indicadores **Infra-estrutura turística** e as **questões orçamentárias** receberam valoração máxima Logo, torna-se desnecessária a criação de ações prioritárias para tais indicadores. É aconselhável que se mantenha a consciência da importância de investimentos em infra-estruturas turísticas. No que se refere a questões orçamentárias, o *Resort* possui capital próprio. Assim, além de não precisar de recursos financeiros externos, não está interessado neste tipo de ação.

Para os outros indicadores, ou seja, **interação com a comunidade local, infra-estrutura regional, outras atrações regionais, estrutura legal, considerações políticas e envolvimento do setor privado**, que receberam valoração abaixo de 5, sugere-se um Plano de Ação que será apresentado a seguir.

#### 6.4.3 Plano de ação

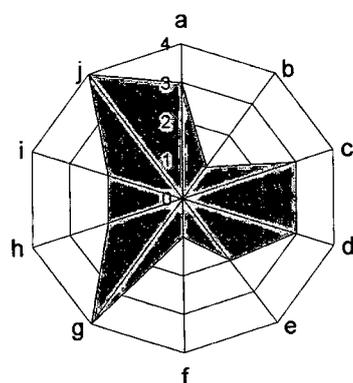
Todo Plano de ação é traçado com o intuito de alcançar objetivos determinados, por exemplo, melhorias em uma região, aumento na produção, melhoria na qualidade, a concretização de uma idéia, a expansão da demanda de um sistema turístico, etc.

Um trabalho de planejamento deve ter um objetivo global. No caso deste, o objetivo é incrementar a atividade de ecoturismo do Resort Plaza Caldas da Imperatriz.

Para alcançar tal objetivo, serão propostas, na seção 6.4.3.1, ações prioritárias para cada indicador que recebeu valoração menor que 5. A intenção é fazer com que estes itens atinjam a valoração máxima a médio e longo prazo.

O gráfico 13 ilustra a situação de todos os indicadores, tanto internos quanto externos, que necessitam de incrementos.

### GRÁFICO 13 Valoração dos indicadores internos e externos que necessitam de ações prioritárias



#### Legenda:

- a- Programa de educação ambiental e ecoturismo
- b- Informação sobre visitação e níveis de visitação
- c- Infra- estrutura ecoturística
- d- Recursos humanos do ecoturismo
- e- Interação com a comunidade local
- f- Infra-estrutura regional
- g- Outras atrações regionais
- h- Estrutura legal
- i - Considerações políticas
- j - Envolvimento do setor privado

#### 6.4.3.1 Ações estratégicas

A seguir, serão detalhadas as ações que devem ser desenvolvidas para a melhoria do desempenho dos indicadores selecionados.

##### a) Programa de educação ambiental e ecoturismo

- 1- Identificação dos impactos ambientais causados pelo turismo na área manejada pelo *Resort*;
- 2 - Identificação da capacidade de carga turística que a área manejada pelo *Resort* suporta;
- 3- Divulgação do Programa de Educação Ambiental e Ecoturismo entre os hóspedes;
- 4- Mobilização dos Órgãos Estadual e Municipal de Meio Ambiente para a elaboração do Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro.

**b) Informação sobre visitação e níveis de visitação**

- 1- Criação e implantação de um sistema que registre as estatísticas de ocupação do *Resort*;
- 2- Elaboração e implantação de um sistema que registre as estatísticas de visitação às trilhas.

**c) Infra-estrutura ecoturística**

- 1- Confecção e instalação de placas de sinalização para as trilhas;
- 2- Confecção e instalação de placas de informação a respeito da fauna e da flora na extensão das trilhas;
- 3- Criação de uma mini-biblioteca/museu especializada em assuntos do meio ambiente, ecoturismo, etc.;

**d) Recursos humanos do ecoturismo**

- 1- Programação de treinamento para os guias, com os temas ecoturismo, meio ambiente e aspectos sociais, culturais e econômicos da região;

**e) Interação com a comunidade local**

- 1- Divulgação do programa de educação ambiental e ecoturismo que o *Resort* desenvolve à comunidade local;
- 2- Criação de parcerias para a realização de cursos dirigidos à população local no *Resort*, como por exemplo, cursos de guias mirins e de terceira idade;
- 3- Criação de um espaço permanente para a comunidade local expor e comercializar produtos naturais regionais no *Resort*;

- 4- Realização de concursos no *Resort*, como por exemplo, concursos gastronômicos, de fotografias com temas ambientais, etc.;
- 5- Apresentação de grupos de danças folclóricas no *Resort*.

#### **f) Infra-estrutura regional**

- 1- Mobilização da prefeitura municipal reivindicando a contenção das enchentes do rio Cubatão;
- 2- Mobilização do DNER, DEER (Departamento Estadual de Estradas de Rodagem) e a prefeitura municipal de Santo Amaro da Imperatriz reivindicando a melhoria nas vias de acesso;

#### **g) Outras atrações regionais**

- 1- Inclusão do município no roteiro sul estadual, através da divulgação do projeto da agência GEKKO.

#### **h) Estrutura legal**

- 1- Mobilização dos Órgãos Estadual e Municipal do Meio Ambiente para a realização do Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro.

#### **i) Considerações políticas**

- 1- Interação permanente do *Resort* com as secretarias da prefeitura do município de Santo Amaro da Imperatriz, principalmente com a de turismo.

#### **j) Envolvimento do setor privado**

- 1- Divulgação do *Resort* através da criação de acordos com empresas privadas e mídia.



- 2- Realização de parcerias por parte do *Resort* com empresas que também desenvolvam o ecoturismo no município para, em conjunto, conscientizar e educar a comunidade local.

## 6.5 CONCLUSÃO

O *Resort Plaza Caldas da Imperatriz* levou ao município de Santo Amaro da Imperatriz uma nova visão do profissionalismo do turismo, levou o *know-how* e uma infra-estrutura completa em hotelaria. Por ter sido uma das primeiras referências de que o turismo pode ser uma atividade rentável e, ao mesmo tempo, sustentável, o *Resort* pode ser considerado como importante instrumento para que o município tenha um desenvolvimento sustentável a partir da atividade turística, especificamente, do ecoturismo.

Andersen (1993) pondera que em vários países, como é o caso da Costa Rica, o desenvolvimento em torno de áreas protegidas está literalmente chocando a amenidade natural que tem levado, em primeiro lugar, ao desenvolvimento. Porém, a construção de hotéis e de outras facilidades turísticas tem mudado o comportamento de animais e, em alguns casos, eliminando espécies por completo.

Em contraposição a esta afirmativa, verificou-se que o *Resort Plaza Caldas da Imperatriz*, que está buscando os moldes da empresa do “futuro”, se preocupa com o meio ambiente, por saber que é dele que tira seu sustento. Tal preocupação é constatada pelo próprio modelo de construção do hotel, *horizontal*, nos equipamentos utilizados, em ações como a reciclagem de lixo, o tratamento de efluentes líquidos, o controle biológico do borrachudo, entre outras.

## 7 CONCLUSÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

### 7.1 CONCLUSÕES FINAIS

A partir da pesquisa bibliográfica, do diagnóstico realizado e da elaboração deste trabalho, pode-se constatar a viabilidade de adaptar metodologias que possibilitem diagnosticar, visualizar potencialidades e oportunidades de melhoria no que diz respeito ao incremento e desenvolvimento do ecoturismo em um determinado local.

Desta forma, através do modelo adotado, foi possível detectar potencialidades e oportunidades de melhoria do local estudado, bem como, propor ações que podem ser implementadas com baixo custo e sem transtornos para o *Resort Plaza Caldas da Imperatriz*.

O resultado deste trabalho é fruto da pesquisa bibliográfica e do estudo de caso. O estudo de caso compreendeu o diagnóstico e ações estratégicas. Estas ações, se aplicadas, contribuirão para o desenvolvimento do ecoturismo no local e, conseqüentemente, intervirão positivamente na qualidade de vida da comunidade.

Cabe mencionar que o processo de desenvolvimento do ecoturismo requer a atuação e interação do setor público, da iniciativa privada, de ong's, da comunidade local e do consumidor. Sem a interação destes atores o ecoturismo fica seriamente limitado, podendo, inclusive, gerar impactos negativos.

Verificou-se que o *Resort Plaza Caldas da Imperatriz* não possui uma interação efetiva com a comunidade e com o setor público municipal, logo o ecoturismo ali desenvolvido, atualmente tímido, poderá futuramente acarretar impactos negativos na região. A população não está esclarecida sobre o papel do ecoturismo para a preservação do meio ambiente, nem da sua importância para o desenvolvimento local. O poder público, os organizadores e estimuladores do desenvolvimento desta atividade, devem promover e incentivar maior aproximação da comunidade, conhecendo seus objetivos e suas necessidades, buscando a participação e envolvimento da mesma em todas as fases de projetos e ações ecoturísticas. Sua falta de organização e visão para exercer pressão efetiva

sobre o poder público, torna-se uma desvantagem para o desenvolvimento regional através do ecoturismo.

Assim sendo, o ecoturismo necessita de profissionalismo, de infra-estrutura adequada, de mão-de-obra qualificada e da comunidade preparada para o melhor aproveitamento da atividade como ferramenta do desenvolvimento.

O ecoturismo está diretamente ligado ao novo paradigma ambiental, ou seja, o desenvolvimento sustentável. A mudança do paradigma da visão dominante para a perspectiva da ecologia profunda é um caminho difícil e de longo prazo, necessitando de conscientização, envolvimento e educação de todos os participantes do processo. É importante a mobilização de esforços na direção do desenvolvimento sustentável, pois acredita-se ser uma alternativa para solução de muitos dos problemas da humanidade. A literatura pesquisada não nos traz, ainda, exemplos de sociedade sustentável, entretanto, refere-se a princípios que se aplicados e gerenciados com competência podem gerar sustentabilidade para uma sociedade.

Finalmente, como limitação ao modelo apresentado, destacam-se a não conclusão das etapas de dimensionamento, execução, controle e avaliação de resultados, pois requerem estudos mais amplos a serem executadas a médio e longo prazos, portanto fora do alcance dos objetivos do trabalho elaborado.

## 7.2 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

Ao longo da realização do presente trabalho, foram observados alguns aspectos que, se abordados com maior profundidade, indiscutivelmente, resultariam em grandes contribuições para o meio científico. Sem querer desvirtuar o trabalho de sua proposta original e por limitações de tempo, estes aspectos não foram aprofundados, porém serão apresentados como sugestões para temas de trabalhos futuros. São eles:

- Concretização das ações estratégicas propostas para o *Resort Plaza Caldas da Imperatriz* e conseqüente implantação do modelo proposto, com a aplicação das fases de dimensionamento, execução, controle e avaliação.
- Comprovação e validação da metodologia proposta através de sua aplicação em outros locais, o que permitirá análises e comparações.

## ANEXO 1

## QUESTIONÁRIO APLICADO NAS ESCOLAS

1. Quantos anos completos você tem?
  
2. O seu sexo é:
  - masculino
  - feminino
  
3. Você já ouviu falar em turismo?
  - sim
  - não
  
4. Se você respondeu sim, onde você ouviu falar? (pode assinalar mais de uma resposta)
  - jornais/revistas
  - televisão
  - através de amigos
  - através de seus pais
  - na escola
  - internet
  - outros (escreva onde) \_\_\_\_\_
  - em palestras
  
5. O que você acha que é tratar bem o turista: (pode assinalar mais de uma resposta)
  - ser simpático
  - ser gentil
  - dar informações corretas
  - ajudar quando eles precisam
  - cobrar preços justos
  - outros (escreva) \_\_\_\_\_
  
6. Você acha que o turista: (pode assinalar mais de uma resposta)
  - suja sua cidade
  - traz congestionamento para sua cidade
  - traz dinheiro para sua cidade
  - conta como é a cultura deles
  - não respeita os moradores da sua cidade
  - outros (escreva) \_\_\_\_\_
  
7. Você já ouviu falar em ecoturismo ou turismo ecológico?
  - sim
  - não
  - já praticou
  
8. Se você respondeu sim, onde você ouviu falar? (pode assinalar mais de uma resposta)
  - jornais/revistas
  - televisão
  - através de amigos
  - através de seus pais
  - na escola
  - internet
  - palestras
  - outros (escreva onde) \_\_\_\_\_
  
9. Você sabia que atividades de ecoturismo são desenvolvidas em sua cidade?
  - sim
  - não
  
10. Você gostaria de aprender mais sobre o ecoturismo?
  - sim
  - não
  
11. Você se preocupa com a preservação de sua cidade?
  - sim
  - não
  
12. O que você faz para preservar sua cidade? (pode assinalar mais de uma resposta)
  - não joga lixo no chão
  - preserva os bens de sua escola
  - lê sobre como preservar sua cidade
  - preserva os monumentos históricos e culturais
  - outros (escreva) \_\_\_\_\_
  
13. Você conhece a história que deu origem ao nome de sua cidade?
  - sim
  - não

## ANEXO 2

## QUESTIONÁRIO APLICADO NA COMUNIDADE

- 1- Qual a sua idade? \_\_\_\_\_ anos
- 2- Sexo  feminino  masculino
3. Estado Civil  solteiro (a)  casado (a)  outro
- 4- Você trabalha?  sim  não
- 5- Qual a sua atividade? \_\_\_\_\_
- 6- Na sua atividade você tem alguma preocupação com o meio ambiente?  muita  moderada  pouca  nenhuma
- 7- Qual a importância da atividade turística para o seu município?  muito importante  importante  pouco importante  não é importante
- 8- Que tipo de influência o turismo apresenta na sua atividade?  grande  moderada  pouca  não influencia
- 9- Você sabia que uma parte do seu município fica dentro do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro?  sim  não
- 10- Você já ouviu falar em ecoturismo ou turismo ecológico?  sim  não
- 11- Se a resposta foi afirmativa, onde ouviu falar? (pode assinalar mais de uma resposta)
- jornais/revistas  televisão  através de amigos
- através de seus pais  na escola  internet
- em palestras  outros (especifique) \_\_\_\_\_
- 12- Já praticou alguma atividade de ecoturismo?  sim  não
- 13- Você sabia que atividades de ecoturismo são desenvolvidas em sua cidade?  sim  não
- 14- Você sabia que o Hotel Plaza Caldas da Imperatriz realiza um trabalho de ecoturismo e educação ambiental?  sim  não
- 15- Gostaria de saber mais sobre ecoturismo?  sim  não
- 16- Você se preocupa com a preservação de sua cidade?  muito  me preocupo  pouco  não
- 17- O que você faz para preservar sua cidade? (pode assinalar mais de uma resposta)
- não joga lixo no chão  preserva os bens públicos de sua cidade
- lê sobre como preservar sua cidade  preserva os monumentos históricos e culturais
- faz coleta seletiva de lixo  outros (especifique) \_\_\_\_\_
- 18- Para você tratar bem o turista é: (pode assinalar mais de uma resposta)
- ser simpático  ser gentil
- dar informações corretas  ajudar quando eles precisam
- cobrar preços justos  outros (escreva) \_\_\_\_\_
- 19- Você acha que o turista:  suja e depreda sua cidade  traz congestionamento para sua cidade
- traz recursos para sua cidade  passa informações sobre sua cultura
- não respeita os moradores da sua cidade  outros (especifique) \_\_\_\_\_
- 20- Você conhece a história que deu origem ao nome de seu município?  sim  não

## ANEXO 3

## QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS HÓSPEDES

- 1- Qual a sua origem (país, estado, cidade)? \_\_\_\_\_
- 2- Qual a sua idade? \_\_\_\_\_ anos
- 3- Sexo  
 feminino     masculino
- 4- Estado Civil  
 solteiro (a)     casado (a)     outros
- 5- Qual o principal motivo de sua viagem? (assinale no máximo 2 por ordem de importância)  
 relaxamento     medicinal  
 negócio     férias  
 ficar em contato com a natureza     outros (especifique) \_\_\_\_\_  
 conhecer novos lugares
- 6- Você já ouviu falar em ecoturismo ou turismo ecológico?  
 sim     não
- 7- Em caso afirmativo, onde obteve tal informação?  
 jornais/revistas     neste hotel     internet  
 televisão     através de amigos     em palestras, encontros, congressos.  
 em outras viagens     na escola     outros (especifique) \_\_\_\_\_
- 8- Alguma vez você já praticou alguma atividade ecoturística?  
 sim     não
- 9- Em caso afirmativo, em que local ou locais?
- 10- Que tipo de atividade praticou?  
 estudos/pesquisas  
 observação da vida selvagem/interpretação da natureza/orientação geográfica/observação astronômica  
 caminhadas/acampamentos/contemplação da paisagem/banhos e mergulhos/jogos e brincadeiras/convivência e sociabilidade/ "pesca"/passeios montados/passeios em embarcações/cicloturismo  
 "trekking", montanhismo, expedições, contatos com culturas remotas, exploração de lugares e ambientes inóspitos e desconhecidos  
 escalada, canoagem, "rafting", "canyoning", mergulho, "mountain bike", "paragliding", bóia cross, "surf", rapel, balonismo, vôo livre, etc.  
 contatos e integração cultural com populações nativas/primitivas que vivem em localidades remotas em estreita relação com a natureza  
 nudismo ao ar livre e junto à natureza  
 outros (especifique) \_\_\_\_\_
- 11- Caso nunca tenha praticado, qual o motivo?  
 falta de interesse     devido à algum problema de saúde  
 falta de oportunidade     outros (especifique) \_\_\_\_\_  
 falta de disposição
- 12- Tem conhecimento das atividades de Ecoturismo que este hotel realiza?  
 sim     não     ouvi falar
- 13- Já teve oportunidade de realizar os passeios nas trilhas que o hotel oferece, com guias?  
 sim     não
- 14- Em caso negativo, porque?  
 falta de interesse     falta de disposição  
 falta de oportunidade     devido à algum problema de saúde  
 falta de informação por parte do hotel     outros (especifique) \_\_\_\_\_
- 15- Em caso afirmativo, o que achou do passeio?  
 ruim     regular     bom     excelente
- 16- Qual o seu conceito do passeio?  
 muito educativo     educativo     pouco educativo     nada educativo
- 17- Que conhecimentos e experiências adquiriu com o passeio?
- 18- Repetiria a experiência?  
 sim     não

## ANEXO 4

**FATORES QUE PODEM PROVOCAR IMPACTOS NEGATIVOS DO TURISMO  
E MEDIDAS PARA MINIMIZÁ-LOS**

FATOR ENVOLVIDO	IMPACTO NEGATIVO NA QUALIDADE AMBIENTAL	CORREÇÃO POSSÍVEL
Super lotação	- stress ambiental nas pessoas - mudança de comportamento dos animais em áreas de vida selvagem	- limitar o acesso de visitantes - aumentar a capacidade de absorção
Desenvolvimento excessivo	- criação de bairros pobres rurais - perda de <i>habitat</i> - destruição da vegetação - marcas na terra e esvaziamento de água - impacto estético das linhas de energia elétrica	- espalhar os visitantes por outras áreas e atrações - melhorar e reabilitar - estabelecer um plano de utilização de terrenos e regulamentos de definição de zonas
Poluição sonora	- irritação da vida selvagem, dos habitantes locais e dos visitantes	- conduzir campanha de conscientização - estabelecer regulamentos p/ limitar o número de visitantes
Espalhar lixo	- vida selvagem a depender do lixo - confusão estética - perigos de saúde	- conduzir uma campanha de conscientização - estabelecer regulamentos - providenciar recipientes de lixo em lugares apropriados
Vandalismo	- utilização e destruição dos estabelecimentos - perda de tesouros históricos e culturais insubstituíveis	- conduzir campanha de conscientização - estabelecer regulamentos - aumentar a vigilância
Ruído de aeroporto	- stress ambiental p/ pessoas e animais	- considerar a possibilidade de alterar os padrões de decolagem e aterrisagem - estabelecer o controle de utilização de terrenos perto dos aeroportos
Ruas congestionadas	- stress ambiental para pessoas e animais	- aumentar a disponibilidade dos transportes públicos
Condução fora da estrada	- danificação da vegetação da terra e da vida selvagem	- limitar o acesso - estabelecer ou melhorar os regulamentos
Barcos a motor	- distúrbio da vida selvagem especialmente na época da ninhada - poluição sonora	- restringir a utilização de barcos - implementar um programa de educação ambiental
Pesca e caça	- competição com predadores naturais - degradação de recursos	- restringir o acesso - implementar programa de educação ambiental
Safaris a pé	- distúrbio da vida selvagem - corrosão de atalhos	- criar ou modificar atalhos - restringir acesso e utilização - implementar programa de educação ambiental
Coleta de recordações	- remoção de elementos naturais em vias de desaparecimento tais como coral, conchas, pontas e plantas raras	- campanha de educação e conscientização ambiental - restrições gerais
Coleta de lenha	- destruição do <i>habitat</i> - morte de pequenos animais selvagens	- campanha de educação e conscientização ambiental - utilizar combustíveis alternativos
Alimentar animais sem autorização	- mudanças de comportamento e dependências	- campanha de educação e conscientização ambiental

Fonte: Manual de Municipalização do Turismo (ca.1994)



**ANEXO 5**  
**VISTA PANORÂMICA DO RESORT PLAZA CALDAS DA IMPERATRIZ**





## ANEXO 7

### FOTOS DAS PLACAS INFORMATIVAS



A placa informa alguns hábitos e curiosidades sobre as mariposas



A placa informa o ciclo vital: metamorfose da mariposa



Este painel está afixado no posto de observação, situado no acesso à Pousada da Mata

## ANEXO 8

### SISTEMAS DE TRILHA

## TRILHA DO GUAMIRIM



Projeto  
de Trilha



**Extensão:** 600 metros  
**Altitude:** 420 - 490 metros  
**Duração:** 1 hora  
**Dificuldade:** média

#### RECOMENDA-SE:

Chapéu, roupas resistentes e confortáveis. Desaconselhado o uso de bermudas. Sapatos de sola grossa, tipo tênis. Água, biscoitos, pequena bússola, binóculo e lupa de mão poderão ser úteis. Máquina fotográfica é o único instrumento de caça permitido.

#### LEMBRE-SE:

Em tempo úmido existem trechos escorregadios. Terrenos fofos e com muitas folhas nem sempre são firmes. O lado seguro das pedras é sempre o mais seco. Troncos caídos são frágeis pois geralmente são ócos. O excesso de ruídos espanta a fauna, principalmente as aves.

**NÃO DEIXE LIXO NA TRILHA.**

## A MATA ATLÂNTICA

A Mata Atlântica é considerada atualmente um dos mais importantes e ameaçados conjuntos de ecossistemas do planeta.

Caracteriza-se por ser uma floresta densa, com árvores frondosas que podem atingir de 25 a 35 metros, com uma grande quantidade de plantas herbáceas e inúmeras epífitas (vegetais que vivem sobre outros, na busca de luz).

Os diferentes grupos de vegetais são procurados por diversos animais, existindo os que preferem as árvores mais altas, outros as medianas, uns são noturnos e outros diurnos. Além disto, a variedade e colorido dos insetos, anfíbios, aves, mamíferos, entre outros, é fator marcante deste ambiente.

A Mata Atlântica, também é chamada Mata Tropical Úmida de Encosta pois acompanha as montanhas da costa brasileira. Assim, os ventos que sopram do mar para o continente, carregados de umidade, são barrados pelas montanhas e se elevam. Com isto, o ar se resfria e o vapor d'água em excesso se precipita sob a forma de chuva ou nevoeiro.

Possada da Mata / Roston Plaza Caldas da Imperatriz, Santo Amaro da Imperatriz, Estrada Gerli s/n. Km4. CEP 88.140-000, SC, BRASIL. Fone: (048) 245-1333

Produção Técnica: EXPÔR (051) 346-4621

A trilha inicia na da Pousada da Mata, percorrendo um ambiente de vegetação secundária, com árvores de médio porte, como canela-amarela, baguaçu, guamirim, caxeta, peroba, canela-preta, guaparim, figueira e lourô.

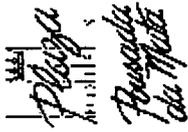
A retirada de árvores em anos passados está registrada pelos restos de troncos encontrados ao longo da trilha. Também é possível encontrar a embaúba, árvore de médio porte com tronco reto e folhas grandes, semelhantes a mão. Esta planta abriga em seu interior um tipo de formiga que se alimenta de uma substância açucarada secretada junto as folhas. Em contrapartida, as formigas protegem a embaúba contra outros insetos, parasitas e epífitas.

Continuando a trilha, chega-se a uma zona mais alta com temperatura e umidade mais baixas, condições desfavoráveis para o crescimento das espécies encontradas anteriormente. Aqui observa-se uma grande quantidade de bambuzinho. O solo é fofo devido às muitas folhas ainda não decompostas.

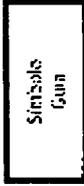
A seguir chega-se à uma zona onde é possível ter uma vista do Pico do Tabuleiro, com seus 1200 metros de altura.

Para retornar à Pousada, segue-se por uma estrada abandonada, local ideal para observar as consequências desastrosas do desmatamento e da ação das águas no solo nu.





# TRILHA DA ESTRADA VELHA



## A MATA ATLÂNTICA

Em 1500, à época do descobrimento do Brasil, a Mata Atlântica recobria a costa leste brasileira, desde o Rio Grande do Norte (6°S) até o Rio Grande do Sul (30°S), numa área de 1 000 000 Km<sup>2</sup>, equivalente a 12% do território nacional.

Atualmente, toda a Mata está reduzida a 4% de sua área original, apesar de ser uma das florestas que têm maior biodiversidade dentre todas as demais do planeta.

Felizmente, muitas regiões da Mata estão sendo recuperadas. Nesses locais é possível observar a sucessão natural da vegetação nativa. Primeiro aparecem as samambaias e capins que gradativamente vão sendo substituídas por taquaras, vassouras e pequenos arbustos. Essas plantas ajudam a preparar o solo e o clima do local (microclima), para que seja possível a instalação de arbustos maiores e finalmente as espécies de grande porte.

Os diferentes grupos de vegetais mostram quais os níveis de recuperação da mata e há quanto tempo isto vem acontecendo

Parque da Mata - Avenida Plaza Curitiba da Impecável / Santa Ângela - RS - Estrada Grátis n. Km 4  
CEP: 98814-000, RS - Fone: (048) 245.3333

A trilha vai seguir uma estrada antiga que servia para a retirada da madeira e mais tarde para a agricultura de pequenas áreas.

Há 30 anos estas práticas foram abandonadas, permitindo a recuperação da mata nativa. Entretanto, este período não foi suficiente para que o desenvolvimento da floresta atingisse seu apogeu, sendo denominada neste estágio, de mata secundária ou capoeirão.

Ao longo da trilha é possível encontrar o jacarituba, o pau-de-chumbo, a licurana e o cetico, porém de pequeno e médio portes se comparados aos existentes na mata primária.

Também se desenvolve uma grande variedade de frutos com frutos suculentos (carnosos) como o araçá, que atraem muitos pássaros, macacos, morcegos, entre outros.

O palmiteiro, planta de que é extraído o palmito, cresce nesta mata, atrairdo o macaco e outras aves. A disseminação de novas palmeiras se deve aos macacos pois comem os frutos e deixam as sementes-limpas, facilitando sua germinação.

Extensão: 200 metros  
Altitude: 470 metros  
Duração Média: 40 min  
Dificuldade: fácil

### RECOMENDA-SE:

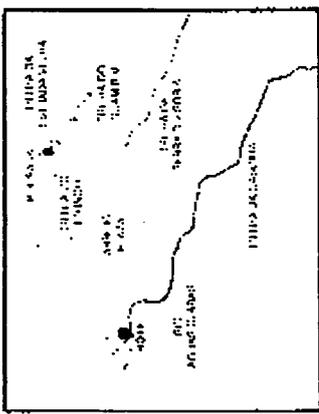
Chapéu, roupas resistentes e confortáveis. Desaconselhado o uso de bermudas Sapatos de sola grossa, tipo tênis. Água, biscoitos, pequena bússola, binóculo e lupa de mão poderão ser úteis. Máquina fotográfica é o único instrumento de taxa permitido.

### LEMBRE-SE:

Em tempo úmido existem trechos escorregadios. Terceiras folhas e com muitas folhas nem sempre são firmes. O lado seguro das pedras e sempre o mais seco. Frenos caldos são frágeis pois geralmente são óleos. O excesso de ruídos espanta a fauna, principalmente as aves

### NÃO DEIXE LIXO NA TRILHA

# TRILHA DA ESTRELA VELHA



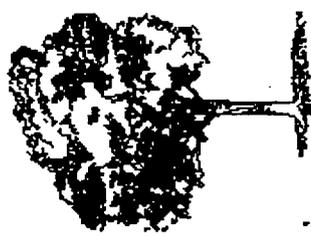
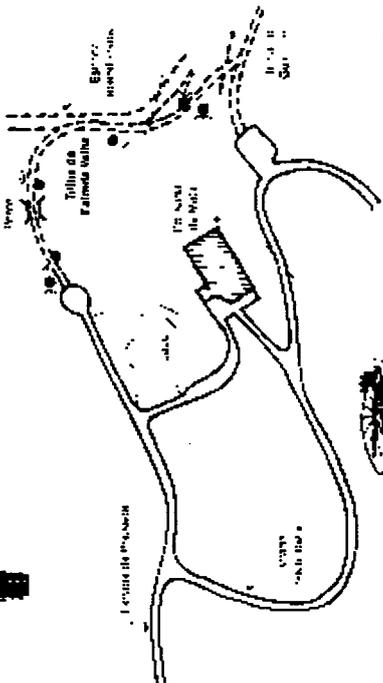
A presença do BAMBU (Dierke eximius) nos trilhos e a região já foi registrada.



**PAU-DE-MACUCO**  
(*Babysa meridionalis*)  
na árvore com os frutos secos e folhas  
na Vila Feiticeira



**PAU-DE-CHUMBO**  
(*Miconia rubra*)  
procurados que foram encontrados



**ARACA-DO-MATO**  
(*Mycarhiza* sp)  
com frutos que alimentam as aves.



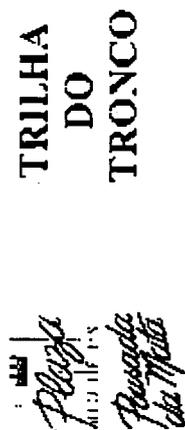
**MAMICA-DE-CADEIA**  
(*Pegarea mollella*)  
com frutos que alimentam as aves.



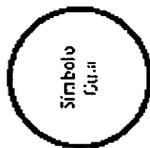
**PEPERÔMIA**  
(*Peperomia* sp)  
na floresta com frutos que alimentam as aves.



Figura 2. 21.1



## TRILHA DO TRONCO



**Extensão:** 300 metros

**Altitude:** 420 metros

**Duração Média:** 10min

**Dificuldade:** Fácil. Indicado para a observação de aves.

### RECOMENDA-SE:

Chapéu, roupas resistentes e confortáveis.  
Desaconselhável o uso de bermudas, sapatos de sola grossa, tipo tênis. Água, biscoitos, pequena bússola, hãnculo e lupa de mão poderão ser úteis. Máquina fotográfica é o único instrumento de caça permitida.

### LEMBRE-SE:

Em tempo úmido existem trechos escorregadios, terrenos fofos e com muitas folhas nem sempre são firmes. O lado seguro das pedras é sempre o mais seco. Tropeços caídos são frageis pois geralmente são úcos. O excesso de ruídos espanta a fauna, principalmente as aves.

**NÃO DEIXE LIXO NA TRILHA**

## A MATA ATLÂNTICA

Um dos elementos típicos da Mata Atlântica, são os cursos d'água que formam, em alguns pontos, corredeiras, cascatas ou grandes piscinas naturais. Normalmente, não existem praias, pois as águas correm os fundos dos vales entre pequenos e grandes blocos de granito, recobertos por plantas pioneiras como líquens, musgos, bromélias ou orquídeas. As margens são cobertas por densa vegetação que busca os poucos raios de sol que conseguem penetrar nestes espaços.

Outra característica marcante destas florestas é a grande variedade de bromélias. Estas plantas podem ser encontradas no solo ou amida sobre pedras, galhos e tronco de árvores, sem lhes causar mal algum. Muitas espécies têm a capacidade de reter água da chuva e neblina, emite suas folhas, formando verdadeiras lagoas suspensas e detritus vegetais em decomposição. Nestes microambientes vive uma grande variedade de animais como insetos, pequenos caranguejos, aranhas, pererecas e lagartixas. Alguns mamíferos como macacos, cuicas e gambás, bebem esta água e se alimentam dos animais que ali vivem

Pousada da Mata, Resort Plaza Cúdas da Improprietar  
São João do Itaipava, Estrada Geral 4 - Km 4  
CEP: 88.140.000, SC, Brasil, Fone: (51.48) 245-1333

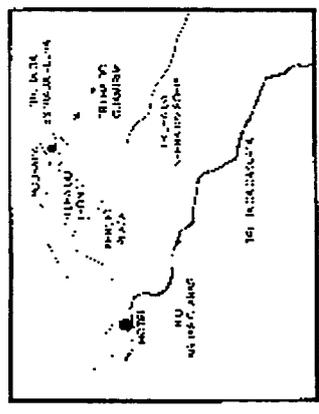
A trilha percorre uma região úmida e escura, sendo possível observar um tipo de vegetação adaptada à estas condições.

A umidade constante permite o desenvolvimento de árvores altas como guamirim, canela, castor, peroba, guabiroba, jacatirã, canjerana e vegetação densa de menor porte. Assim, o interior da floresta é escuro, úmido protegido de ventos fortes, tendo sobre o solo grande quantidade de matéria orgânica em decomposição, a qual enriquece o solo.

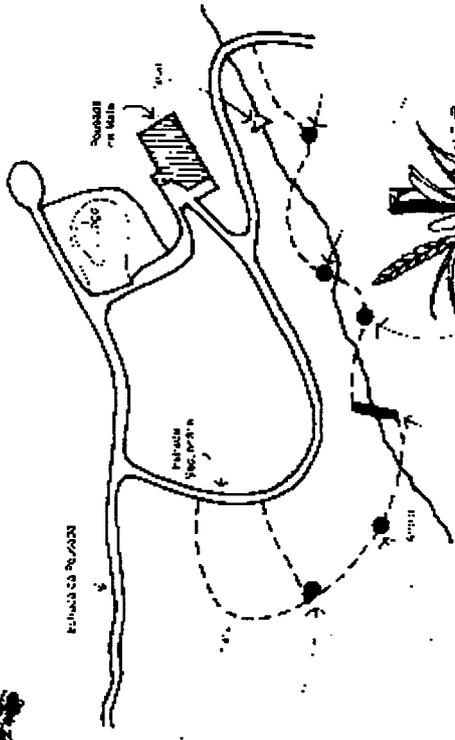
Como a trilha segue um curso d'água, é possível ver uma grande quantidade de xaxins e exacts banana. O primeiro tem crescimento muito lento, sendo possível encontrar exemplares de quase 12 metros de altura. O segundo apresenta uma folha grande e verde escura, com flores vermelhas. Seus frutos atraem macacos.



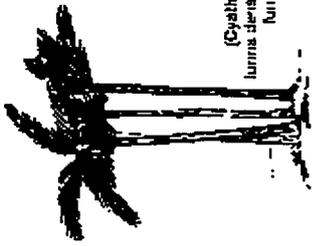
# TIPIÇA DO TRÓPICO



**JACATIRÃO-ACU**  
(*Miconia cinnamomifolia*)  
Caca em locais de mata secundária. Seus frutos são aproveitados pelos seres.



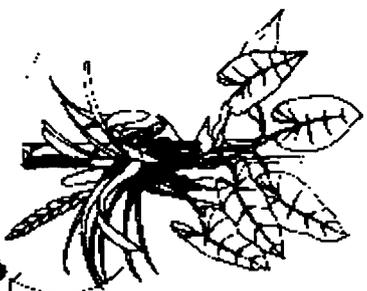
**CIPIÓ ESCADA-DE-MACACO**  
(*Bauhinia mirabilis*)  
Vive sobre árvores em locais secundários.



**XOXIM**  
(*Cyathea schenckii*)  
Linha de visões agrupamentos no fundo dos vales.



**CASILHANA**  
(*Heliconia veloziana*)



**BROMÉLIA** (*Bromelia inermis*) e  
**FILODENDRO** (*Psychotriaspp*)  
Região de mata primária.



Tropeço de arvore em um tronco de casca-preta.



# TRILHA DA CASCATA



*Parque Estadual da Serra da Gramma*



**Extensão:** 3.500 metros  
**Altitude:** início: 220 metros  
 fim: 450 metros

**Duração Média:** 5 horas (ida e volta)  
**Dificuldade:** difícil, travessia do rio sobre pedras.

## RECOMENDA-SE:

Chapéu, roupas resistentes e confortáveis. Desaconselhado o uso de bermudas. Sapatos de sola grossa - tipo tênis. Água, biscoitos, pequena bússola, binóculo e luva de mão poderão ser úteis. Máquina fotográfica é o único instrumento de cata permitido.

## LEMBRE-SE:

Em tempo úmido existem trechos escorregadios. Terrenos fofos e com muitas folhas nem sempre são firmes. O lado seguro das pedras é sempre o mais seco. Troncos caídos são frágeis pois geralmente são ocos. O excesso de ruídos espanta a fauna, principalmente as aves.

**NÃO DEIXE LIXO NA TRILHA.**

# A MATA ATLÂNTICA

Em seu estado nativo, sem alterações causadas pelo Homem, a mata é considerada primária.

Neste estágio, a Mata Atlântica é dominada por árvores altas (25 a 35 metros) como a canela preta, guarapaim, peroba, licuriana, pau-óleo, entre outras. Os troncos destes vegetais são retos terminando em densas copas formando uma verdadeira cobertura superior contínua. Este fato impede a entrada da luz solar no interior da mata.

Debaiso desta cobertura escondem-se arbustos de 9 a 15 metros, palmitelos e uma grande variedade de bromélias, orquídeas e samambaias. Também existem as ilanas (cibos duros como medeiral) como a cascata de macaco, que se entrelaçam raras majestosas árvores. Os xaxins e os caetés-banana são abundantes. Todos estes fatores fazem com que o solo da Mata Atlântica seja de fácil acesso pois a escassez de luz impede o crescimento de plantas de pequeno porte.

A característica da vegetação em forma de camadas, típica da Mata, determina a distribuição da fauna uma vez que cada estrato vegetal produz um ambiente específico para cada animal.

Posseção da Mata / Resort Piraia-Caldas da Imparaliziz  
 Sítio Anário da Imparaliziz, Estrada Geral S/Nº Km 4  
 CEP 88.740-000, SC-BRASIL. Fone: (041) 245-1333

Produção Técnica: EXFOR (051) 346-6421

A trilha cruza 22 vezes o Rio Aguas Claras, por sobre as pedras de granito róseo, formando cachoeiras, corredeiras e piscinas naturais. Nestas águas, encontram-se pequenos peixes, como o lambari. Nas cachoeiras e corredeiras estão os caranguejos, esponjas de água doce, larvas de insetos e também o peixe cascudo. Estes animais ou são fixos ou possuem adaptações no corpo adequadas à vida na correnteza, tais como ventosas e ganchos.

A vegetação das margens cresce sobre as pedras, buscando a luz solar. Entre elas está a Clusia, árvore que cresce entre as pedras tendo um sistema complexo de raízes para fixação e absorção dos elementos nutrientes à sua sobrevivência.

Entre uma travessia e outra pelo rio a trilha percorre uma região onde a mata está regenerando até chegar a mata nativa (mata primária), com árvores típicas como a canela preta, peroba guarapaim, palmitelo, pau-óleo, entre outras.

Outro aspecto que chama a atenção, é a grande quantidade de epífitas (plantas que crescem sobre outras, sem prejudicá-las) como as bromélias, orquídeas e samambaias.

O fim da trilha é marcado pela beleza da Cascata do Tau, com seus 30 metros de queda livre num paredão de puro granito rosado.



## A MATA ATLÂNTICA

**A trilha** oferece ao visitante uma amostra de todo o magnífico conjunto de montanhas que compõem a Serra do Tabuleiro.

Grande parte do percurso passa por zonas de grandes declives e aclives. Inicialmente, a trilha entra numa zona onde existe muitas árvores de troncos finos, fato que mostra a regeneração da mata.

Ao chegar ao curso do Ardió Plaza, existem três opções: à direita, encontram-se as cascatinhas; à esquerda, entra-se na mata (mata primária), local utilizado para o desenvolvimento de pesquisas e, em frente, segue-se a Trilha, dentro da mata primária, com uma grande quantidade de cipó escada-de-macaco.

Após uma íngreme subida, tem-se uma espetacular vista da região, tanto para o Norte como para o Sul. Neste ponto, a vegetação é baixa, com grande quantidade de samambaias típicas de cumes de morros, mesmo em locais não devastados. As péssimas condições ambientais e de solo dificultam a regeneração do ecossistema original.

A Serra do Tabuleiro é uma formação geológica isolada, atingindo altitudes entre 900 - 1200 metros, apresentando encostas íngremes e bastante recortadas.

A floresta que recobre a maior parte da Serra do Tabuleiro é considerada o limite mais austral da Floresta Tropical Atlântica, no sul do Brasil. Além disso, é um dos últimos testemunhos de uma flora e fauna rica e exuberante que existia em Santa Catarina, antes da colonização.

A extraordinária diversidade de suas espécies animais e vegetais é uma das características mais marcantes deste ambiente, sendo a cobertura vegetal encorajada de proteger seus terrenos incrimivelmente acidentados, contra a ação direta das chuvas.

Em 1975, foi criado o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, com dimensões de 87.400 hectares. Com isto, objetiva-se preservar um complexo conjunto de ecossistemas que ainda contém inúmeras espécies tanto vegetais como animais, muitas ainda desconhecidas para a Ciência.

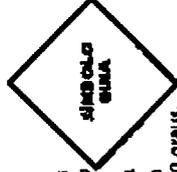
Pousada da Mata / Resort Pousa Caldas da Imperatriz, Santa Amara da Imperatriz, Estrada Geral S/N, Km 4, CEP 88.140-000, SC, BRASIL, Fone: (048) 245-7333

Produção Técnica: EXPOR (051) 346-4521



## TRILHA DA SERRA DIVISÓRIA

Parque Nacional  
Serra do Tabuleiro



**Extensão:** 1.300 metros  
**Altitude:** 430 - 485 metros  
variável ao longo do percurso.

**Duração Média:** 4 horas  
**Dificuldade:** grande, com inclinações de até 60 graus.

### RECOMENDA-SE:

Chapéu, roupas resistentes e confortáveis. Desatrelhado o uso de bermudas, Sapatos de sola grossa, tipo tênis. Água, biscoitos, pequena bolsa, binóculo e lupa de mão poderão ser úteis. Máquina fotográfica é o único instrumento de caça permitido.

### LEMBRE-SE:

Em tempo úmido existem trechos escorregadios. Terrenos fofos e com muitas folhas nem sempre são firmes. O lado seguro das pedras é sempre o mais seco. Troncos caídos são frágeis pois geralmente são ficos. O excesso de ruídos espanta a fauna, principalmente as aves.

**NÃO DEIXE LIXO NA TRILHA.**



**ANEXO 9**  
**FOTOS DA SINALIZAÇÃO DAS TRILHAS**

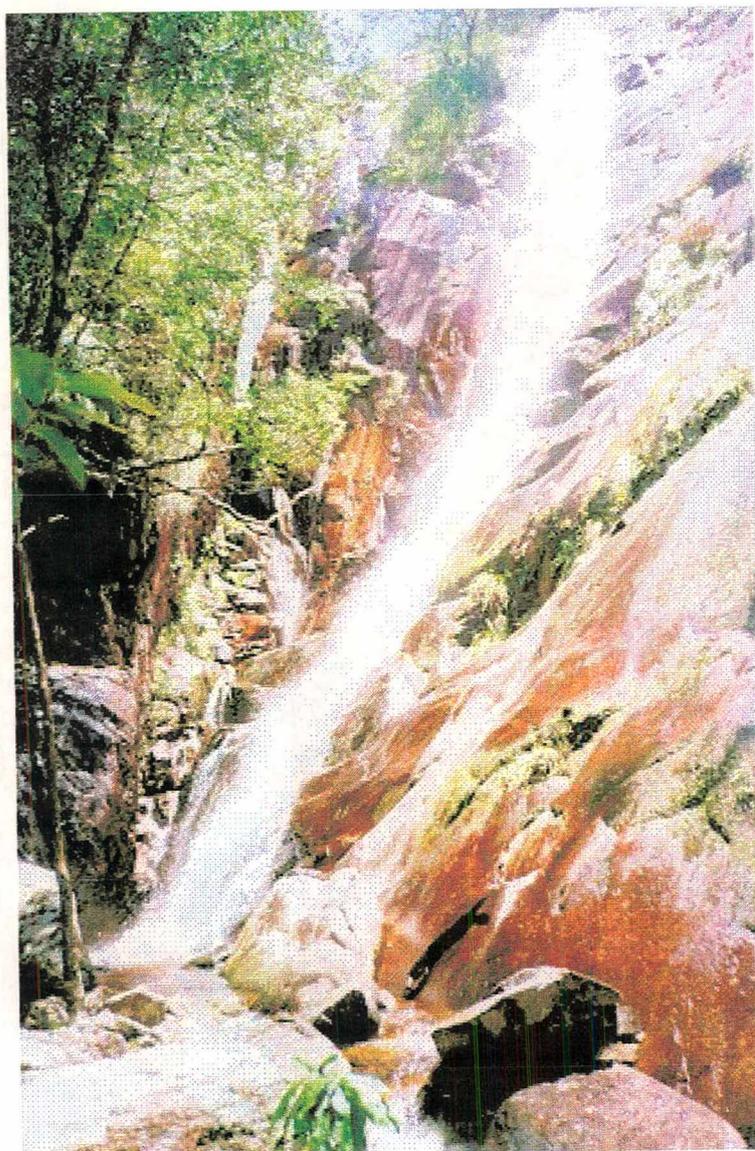


A placa indica o início da trilha do Guaramirim



A placa indica o início da trilha do Tronco

**ANEXO10**  
**FOTO DA CASCATA DO TATU**



**ANEXO 11**  
**FEIRA ITINERANTE REALIZADA NO REZORT PLAZA CALDAS DA**  
**IMPERATRIZ**





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSEN, D.L. A Window to the Natural World: The Design of Ecotourism Facilities. In: Lindberg, K; Hawkins, Donald.E. **Ecotourism : a guide for planners and managers**. Vermont: Ed.Sarah M. Clarkson; Kathleen, 1993.
- ANDRADE, J.V. **Turismo : fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 1995.
- BARBETTA, P.A. **Estatística aplicada às ciências sociais**. Florianópolis: UFSC, 1994.
- BARONI, M. Ambigüidades e Deficiências do Conceito de Desenvolvimento Sustentável. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v..32, n.2, p.14-24, abr/jun, 1992.
- BENI, M.C. Globalização do Turismo - Comunicação e Concorrência no Mercado Internacional. **Turismo em Análise**, São Paulo, v.7, n.1, maio 1996.
- BOO, Elizabeth. **Ecoturismo, potenciales y escollos**. Woshington D.C.: WWF - World Wildlife Found e The conservations Foundation, 1990.
- \_\_\_\_\_. The Ecotourism Boom: Where do we go from here? On-site Planning and Creating Models. In: **Proceedings of the 1992 World Congress on Adventure Travel and Eco-tourism**. Canadá: The Adventure Travel Society Inc., 1992.
- \_\_\_\_\_. Ecotourism planing for protected areas. In: **ECOTOURISM SOCIETY AND GEORGE WASHINGTON UNIVERSITY. Ecotourism : a guide for planners and managers**. Vermont: Ed.Sarah M. Clarkson; Kathleen, 1993.
- BRASIL. Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo. **A indústria do turismo no Brasil : perfil e tendências - 95/96**, Brasília: EMBRATUR, 1996.
- BRASIL. **Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo**. Brasília: MICT/MMA- EMBRATUR/ IBAMA, 1994.
- BUDOWSKI, Gerardo. Turismo y conservação ambiental: conflito, coexistencia o simbiosis? **Boletim Informativo - 1977**, Rio de Janeiro: Fundação Brasileira para Conservação da Natureza, v.12, n.12, p.1-172, 1977.
- BURSZTYN, Maria Augusta A. **Gestão ambiental: instrumentos e práticas**. Brasília: IBAMA, 1994.
- CALCAGNO, E. **Evolución y actualidad de los estilos de desarrollo**. Revista de la CEPA. n° 42, 55-67, 1990.

- CALLENBACH, E. et al. **Gerenciamento ecológico**. In: GUIA DO INSTITUTO ELMWOOD DE AUDITORIA ECOLÓGICA E NEGÓCIOS SUSTENTÁVEIS. São Paulo: Cultrix, 1993.
- CAMPOS, L.M.S. **Um estudo para definição e identificação dos custos da qualidade ambiental**. Florianópolis, 1996. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.
- CEBALLOS - LASCURÁIN, H. **Tourism, ecotourism and protected areas**. UK: IUCN - Protected Areas Program, 1996.
- CMMAD – Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso futuro comum**. Fund. Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1988.
- COELHO, A.K. **“Ecoturismo - uma opção de desenvolvimento sustentável em Santa Catarina”**. Florianópolis, 1995. Monografia submetida ao Departamento de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Catarina.
- COELHO, Flávio A. **A Qualidade no Turismo. Informativo PBQD**. [S.I. : s.n]. p. 4-5. nov. 1994
- CORDEIRO, Marcelo. **Ecoturismo: Sociedade e Governo**. *World Ecotour'97 Magazine*, Rio de Janeiro, p.32. 1997,
- DIEGUES, A.C. **Desenvolvimento sustentável ou sociedades sustentáveis**. São Paulo: *Perspectiva*, n.6, p.22-29. 1992.
- \_\_\_\_\_. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: NUPAUB - USP, 1994.
- ELKINGTON, P et. al. **The green business guide**. London: Victor Gollancz LTD, 1991.
- EMBRATUR. **Turismo sob a ótica dos monitores municipais**. Organização : Mirian Rejowski, Brasília, 1996.
- ENVIRONMENTAL ALMANAC. **Tourism and cultural dependency in the West Indies**. *Annals of Tourism Research* 10. New York: Houghton Mifflin, n..3, p337-361, 1993.
- FERRI, M.G. **Ecologia geral**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1980. p.13.
- FIATES, Gabriela G.S. **“A utilização do QFD como suporte a implementação do TQC em empresas do setor de serviços”**. Florianópolis, 1995. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.

- FOURASTIÉ, Jean. **Les trente glorieuses ou la révolution invisible de 1946 a 1975**. Paris: Foyoral, 1979.
- GAROFOLI, G. **Economic development, organization of production ad territory**. *Revue d'Economie Industrielle*, nº 64, 22-37, 1993.
- GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.
- GÓMEZ, Manuel J.M. et al. **Planificacion y desarrollo del ecoturismo**. Cuba: Estudios Turísticos, 1993.
- GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Diretrizes para uma política estadual de ecoturismo**. Proposta/ Coordenação Geral de José Flávio de O. e Cecília M.T. Serrano. São Paulo: SMA, 1997.
- GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Plano Diretor do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro**. Rio de Janeiro: SOSP e FEEMA, 1976.
- GREEN AND GROWING. Lesson 1 – agricultural history and sustainable development. From the ground up: Internet, 1998
- IBAMA. **Plano de Manejo do Parque Estadual da Chapada dos Veadeiros**, 19-.
- IEB - Instituto de Ecoturismo do Brasil. **Folheteria**, 1996.
- IOANNIDES, D. Planning for International Tourism im Less Developed Countries: Toward Sustainability? *Journal of Planning Literature*. [S.I.], Feb. 1995. v.9, n.3.
- JACHINOSKI, Ubirajara P. **Turismo : definição e problemas de medidas**. Belo Horizonte: Fatur, 1995.
- KLEIN, Roberto. Fitofisionomia importância e recursos da vegetação do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. Separata de: *Sellowia*, Itajaí, n.33, p.5-54, dez.1981.
- LACATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia do trabalho científico**. 2ªed. São Paulo: Atlas, 1996.
- LAUSËN, J. R. **A Generalization of the growth pole notion**. En R.S. Thomas *Procedings of the Commision on Regional Aspects of Development of the IGU*, v.1, Canadá, 1974.
- LEAL, Eugênio. **Turismo e desenvolvimento**. Açores: Eurosigno Publicações, 1990.
- LÜDKE, M; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

- MANNING, Eduard W.; DOUGHERTY, T.D. **Sustainable tourism : preserving the golden goose**. Cornell Hotel & Restaurant Administration. Quarterly, v. 36, n.2.
- MANUAL DE AVALIAÇÃO DE IMPACTO AMBIENTAL. Paraná: Ed. GTZ, 1992.
- MANUAL DE MUNICIPALIZAÇÃO DO TURISMO. CTI Consultoria Turística Integrada. ca.1994. 
- MARRIAN-WEBSTER ON LINE. **The Language Center**. National Poetri Month, abr. 1999.
- MARTINS, Sérgio. **Límites del desarrollo sostenible en América Latina : en el marco de las políticas de (re)ajuste económico**. Pelotas: Editora da UFPEL, 1995.
- MASUTTI, Sérgio L. **Modelo para o desenvolvimento produtivo planejado. Uma aplicação à região sudoeste do Paraná**. Florianópolis, 1998. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.
- MATERIAL DISTRIBUÍDO NAS AULAS MINISTRADAS NA DISCIPLINA DE GESTÃO AMBIENTAL PELA PROFESSORA SANDRA SULAMITA. Pós-Graduação em Engenharia de Produção da UFSC. Florianópolis, 1998.
- MEADOWS, D.H. et al. **Más allá de los límites del crecimiento**. Madrid: El País Aguilar, 1993.
- MUNASINGHE, M. **Environmental Economies and Sustainable Development. World Bank Environment**. Paper n.3, Part 1, Woshington - DC, 1993.
- OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. **Planejamento estratégico : conceitos, metodologia e práticas**. São Paulo: Atlas, 1996
- OLIVEIRA, Samuel N. **World Ecotour'97 Magazine**. Rio de Janeiro, 1997, p.42-43.
- OROFINO, Paulo R. **Alternativas para uma cidade sustentável**. Artigo apresentado na disciplina Gestão Ambiental do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1997.
- PAIVA, Maria das Graças de M.V. **Sociologia do turismo**. São Paulo: Papirus, 1995.
- PELLEGRINI, Américo Filho. **Ecologia, cultura e turismo**. São Paulo: Papirus, 1993.

- PETROCCHINI, Mário. **Turismo: planejamento e gestão**. São Paulo: Futura, 1998.
- PEZZOLI, Reith. Sustainable Development: A Transdisciplinary Overview of the Literature. **Journal of Environmental Planning & Management**, v.40, n.5, sep. 1997
- PIRES, P.S. **Ecologia e turismo**. Monografia (Pós-Graduação em Nível de Especialização em Administração de Turismo) - INPG, FURB; ESTHF, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Ecologia e turismo**. Monografia (Pós-Graduação em Nível de Especialização em Administração e Turismo e Eventos) – INPG, UNIVILLE, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Ecoturismo**. *Apostila* FATUHVI – UNIVALI. Balneário Camboriú, 1996.
- PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE. **Informe Anual 1991**. Nairobi, 1992.
- PROGRAMA NACIONAL DE MUNICIPALIZAÇÃO DO TURISMO. **Oficina de Treinamento dos Monitores Municipais do PNMT - Relatório**. Joinville, 1995.
- PROGRAMA NACIONAL DE MUNICIPALIZAÇÃO DO TURISMO. **Guia para Oficinas de Treinamento dos Agentes Multiplicadores e dos Monitores. Planejamento para o Desenvolvimento de Turismo Sustentável em Nível Municipal**. Organização Mundial de Turismo, Madrid, 1994.
- RABAHY, W.A. **Planejamento do Turismo : estudos econômicos e fundamentos econométricos**. São Paulo, Edições Loyola, 1990.
- RATTER, H. Tecnologia e Desenvolvimento Sustentável. In: **SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE UNIVERSIDADE E MEIO AMBIENTE**, 1992.
- RIBEIRO, G.L e BARBOS, F.L. **A Corrida por Paisagens Autênticas: Turismo, Meio Ambiente e Sustentabilidade no Mundo Contemporâneo. Viagens a Natureza: turismo, cultura e ambiente**. São Paulo: Papirus, 1997.
- ROJAS, Alvaro L. **Desarrollo regional a través del estímulo a las empresas de pequeña dimensión. Una respuesta para el diseño y puesta en práctica de programas de promoción**. Chile, 1995. Tese (Doutorado). Departamento de Ingeniería de Organización, Administración de Empresas y Estadística. Escuela Técnica Superior de Ingenieros Industriales.
- RUSCHEL, R. **Síndrome do ecoturismo desperdiçado**. Eco - Rio, Rio de Janeiro, n.18, 1994.
- RUSCHMANN, Doris. **Turismo e planejamento sustentável : A Proteção do Meio Ambiente**. São Paulo: Papirus, 1997.

- SACHS, Ignacy. **Ecodesenvolvimento: Crescer sem destruir**. São Paulo: Vértice, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Estratégias de transição para o século XXI**. Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável. São Paulo: Ed. Brasiliense 1994.
- SANTOS, A.J. **Métodos para análise crítica e melhoria do controle do processo produtivo**. Florianópolis, 1999. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.
- SEBRAE. **Ecoturismo na Bahia - Estudo Analítico**. Salvador: Edição SEBRAE, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Diagnóstico do potencial turístico do Município de Santo Amaro da Imperatriz**. Santo Amaro da Imperatriz, 1997.
- SESSA, Albert. **L'imposta di Soggiorno in una moderna política del turismo**. Itália: Editrice Agnesotti, 1978.
- SILVEIRA, Flávio L.A.. **"Pelos trilhas da ilha de Santa Catarina: ecoturismo e aventura"**. Florianópolis, 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina.
- TOFFLER, Alvin. **A empresa flexível**. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- TRIGO, L.G.G. **Turismo básico**. São Paulo: SENAC, 1995.
- VALENTI, J.V. **Las Distintas Visiones Geográficas de las Relaciones entre Naturaleza y Hombre**. *Revista Geográfica*, Barcelona, v. xviii, 1984.
- VASCONCELLOS FILHO, Paulo e MACHADO, Antônio de M. Vieira. **Planejamento estratégico : formulação, implantação e controle**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Ed., 1982.
- VÁZQUEZ, Antonio. **Política económica local**. Madrid: Ed. Pirámides 1993.
- WALTER, G.R. **Sustainable communities initiative**. Centre for Sustainable Regional Development, Universiti of Victoria, 1998.
- YOUNG, P. **Métodos científicos de investigación social**. México: Instituto de Investigaciones Sociales de La Universidad del México, 1960.
- ZIFFER, K. **Ecotourism : The uneasy alliance**. Wildlife Conservation International and Erns & Young International Management Consulting Group, 1989.

## BIBLIOGRAFIA

- ANDERSEN, D.L. A Window to the Natural World: The Design of Ecotourism Facilities. In: **Ecotourism : a guide for planners and managers**. Vermont: Ecotourism Society and George Washington University, 1993.
- ANDRADE, J.V. **Turismo : fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 1995.
- BARBETTA, P.A. **Estatística aplicada às ciências sociais**. Florianópolis: UFSC, 1994.
- BARONI, M. Ambigüidades e Deficiências do Conceito de Desenvolvimento Sustentável. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 32, n.2, p.14-24, abr/jun, 1992.
- BENI, M.C. Globalização do Turismo - Comunicação e Concorrência no Mercado Internacional. **Turismo em análise**, São Paulo, v.7, n.1, maio 1996.
- BOO, Elizabeth. **Ecoturismo, potenciales y escollos**. Washington D.C.: WWF - World Wildlife Found e The conservations Foundation, 1990.
- \_\_\_\_\_. The Ecotourism Boom: Where do we go from here? On-site Planning and Creating Models. In: **Proceedings of the 1992 World Congress on Adventure Travel and Eco-tourism**. Canadá: The Adventure Travel Society Inc., 1992.
- BRASIL. Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo. **A indústria do turismo no Brasil : perfil e tendências - 95/96**, Brasília: EMBRATUR, 1996.
- BRASIL. **Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo**. Brasília: MICT/MMA- EMBRATUR/ IBAMA, 1994.
- BUDOWSKI, Gerardo. turismo y conservação ambiental: conflito, coexistencia o simbiosis? **Boletim Informativo - 1977**, Rio de Janeiro: Fundação Brasileira para Conservação da Natureza, v.12, n.12, p.1-172, 1977.
- BURSZTYN, Maria Augusta A. **Gestão ambiental: instrumentos e práticas**. Brasília: IBAMA, 1994.
- CALCAGNO, E. **Evolución y actualidad de los estilos de desarrollo**. Revista de la CEPA. nº 42, 55-67, 1990.
- CALLENBACH, E. et al. **Gerenciamento ecológico**. In: GUIA DO INSTITUTO ELMWOOD DE AUDITORIA ECOLÓGICA E NEGÓCIOS SUSTENTÁVEIS. São Paulo: Cultrix, 1993.

- CAMPOS, L.M.S. **Um estudo para definição e identificação dos custos da qualidade ambiental.** Florianópolis, 1996. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.
- CEBALLOS - LASCURÁIN, H. **Tourism, ecotourism and protected areas.** UK: IUCN - Protected Areas Program, 1996.
- CMMAD – Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso futuro comum.** Fund. Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1988.
- COELHO, A.K. **“Ecoturismo - uma opção de desenvolvimento sustentável em Santa Catarina”.** Florianópolis, 1995. Monografia submetida ao Departamento de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Catarina.
- COELHO, Flávio A. **A Qualidade no Turismo. Informativo PBQD.** [S.I. : s.n]. p. 4-5, nov. 1994.
- CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Agenda 21.** 2.ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1997.
- CORDEIRO, Marcelo. **Ecoturismo: Sociedade e Governo.** *World Ecotour'97 Magazine*, Rio de Janeiro, p.32, 1997.
- DAVIS, James. **Levantamento de dados em sociologia : uma análise estatística elementar.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- DIEGUES, A.C. **Desenvolvimento sustentável ou sociedades sustentáveis.** São Paulo: Perspectiva, São Paulo, n.6, p.22-29. 1992.
- \_\_\_\_\_. **O mito moderno da natureza intocada.** São Paulo: NUPAUB - USP, 1994.
- ELKINGTON, P et. al. **The green business guide.** London: Victor Gollancz LTD, 1991.
- EMBRATUR. **Turismo sob a ótica dos monitores municipais.** Organização : Mirian Rejowski, Brasília, 1996.
- ENVIRONMENTAL ALMANAC. **Tourism and cultural dependency in the West Indies.** *Annals of Tourism Research* 10. New York: Houghton Mifflin, n..3, p337-361, 1993.
- FERRI, M.G. **Ecologia geral.** Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1980. p.13.



- FIATES, Gabriela G.S. "A utilização do QFD como suporte a implementação do TQC em empresas do setor de serviços". Florianópolis, 1995. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.
- FOURASTIÉ, Jean. *Les trente glorieuses ou la révolution invisible de 1946 a 1975*. Paris: Foyoral, 1979.
- GAROFOLI, G. *Economic development, organization of production ad territory*. *Revue d'Economie Industrielle*, nº 64, 22-37, 1993.
- GIL, Antonio C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1994.
- GÓMEZ, Manuel J.M. et al. *Planificacion y desarrollo del ecoturismo*. Cuba: Estudios Turísticos, 1993.
- GOODE, William; HATT, Paul. *Methods in social research*. Tokyo: McGraw-Hill Kogakusha, 1952.
- GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Diretrizes para uma política estadual de ecoturismo*. Proposta/ Coordenação Geral de José Flávio de O. e Cecília M.T. Serrano. São Paulo: SMA, 1997.
- GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Plano Diretor do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro*. Rio de Janeiro: SOSP e FEEMA, 1976.
- GREEN AND GROWING. Lesson 1 – agricultural history and sustainable development. From the ground up: Internet, 1998
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. São Paulo: Papyrus, 1997.
- IBAMA. *Plano de Manejo do Parque Estadual da Chapada dos Veadeiros*, 19-.
- IEB - Instituto de Ecoturismo do Brasil. *Folheteria*, 1996.
- IOANNIDES, D. Planning for International Tourism im Less Developed Countries: Toward Sustainability? *Journal of Planning Literature*. [S.I.], Feb. 1995. v.9, n.3.
- JACHINOSKI, Ubirajara P. *Turismo : definição e problemas de medidas*. Belo Horizonte: Fatur, 1995.
- KLEIN, Roberto. Fitofisionomia importância e recursos da vegetação do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. Separata de: *Sellowia*, Itajaí, n.33, p.5-54, dez.1981.
- KWONG, Jo Ann. *Mitos sobre a política ambiental*. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1992.

- LACATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia do trabalho científico**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- LAUSËN, J. R. A **Generalization of the growth pole notion**. En R.S. Thomas **Proceedings of the Commission on Regional Aspects of Development of the IGU**, v.1, Canadá, 1974.
- LEAL, Eugênio. **Turismo e desenvolvimento**. Açores: Eurosigno Publicações, 1990.
- LÜDKE, M; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MACHADO, G.E; DE MIO, G.P. **Competitividade com a ISSO 14000**. **Jornal da Coordenadoria da Região Sul do ABES**. Porto Alegre, n.3, set./dez. 1995.
- MAIMON, D. **Responsabilidade ambiental das empresas brasileiras: Realidade ou Discurso**. **Desenvolvimento e Natureza: Estudo para uma Sociedade Sustentável**. São Paulo: Ed. Cortez, 1995.
- MANNING, Eduard W.; DOUGHERTY, T.D. **Sustainable tourism : preserving the golden goose**. **Cornell Hotel & Restaurant Administration. Quarterly**, v. 36, n.2.
- MANUAL DE AVALIAÇÃO DE IMPACTO AMBIENTAL. Paraná: Ed. GTZ, 1992.
- MANUAL DE MUNICIPALIZAÇÃO DO TURISMO. CTI Consultoria Turística Integrada. ca.1994.
- MARRIAN-WEBSTER ON LINE. **The Language Center**. National Poetry Month, abr. 1999.
- MARTINS, Sérgio. **Límites del desarrollo sostenible en América Latina : en el marco de las políticas de (re)ajuste económico**. Pelotas: Editora da UFPEL, 1995.
- MASUTTI, Sérgio L. **Modelo para o desenvolvimento produtivo planejado. Uma aplicação à região sudoeste do Paraná**. Florianópolis, 1998. **Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina**.
- MATERIAL DISTRIBUÍDO AULAS MINISTRADAS NA DISCIPLINA DE GESTÃO AMBIENTAL PELA PROFESSORA SANDRA SULAMITA. **Pós-Graduação em Engenharia de Produção da UFSC**. Florianópolis, 1998.
- MEADOWS, D.H. et al. **Más allá de los límites del crecimiento**. Madrid: El País Aguilar, 1993.

- MUNASINGHE, M. Environmental Economies and Sustainable Development. **World Bank Environment**. Paper n.3, Part 1, Woshington - DC, 1993.
- OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. **Planejamento estratégico** : conceitos, metodologia e práticas. São Paulo: Atlas, 1996
- OLIVEIRA, Samuel N. **World Ecotour'97 Magazine**. Rio de Janeiro, 1997, p.42-43.
- OROFINO, Paulo R. **Alternativas para uma cidade sustentável**. Artigo apresentado na disciplina Gestão Ambiental do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1997.
- OURIQUES, Helton R. **Turismo em Florianópolis: uma crítica à “indústria pós-moderna”**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998.
- DENCKER, Ada M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 1998.
- PAIVA, Maria das Graças de M.V. **Sociologia do turismo**. São Paulo: Papirus, 1995.
- PELLEGRINI, Américo Filho. **Ecologia, cultura e turismo**. São Paulo: Papirus, 1993.
- PETROCCHINI, Mário. **Turismo: planejamento e gestão**. São Paulo: Futura, 1998.
- PEZZOLI, Reith. Sustainable Development: A Transdisciplinary Overview of the Literature. **Journal of Environmental Planning & Management** , v.40, n.5, sep. 1997.
- PINTO, Antonio C.B. **Turismo e meio ambiente – aspectos jurídicos**. São Paulo: Papirus, 1998.
- PIRES, P.S. **Ecologia e turismo**. Monografia (Pós-Graduação em Nível de Especialização em Administração de Turismo) - INPG, FURB; ESTHF, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Ecologia e turismo**. Monografia (Pós-Graduação em Nível de Especialização em Administração e Turismo e Eventos) – INPG, UNIVILLE, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Ecoturismo. Apostila FATUHVI – UNIVALI**. Balneário Camboriú, 1996.
- PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE. **Informe Anual 1991**. Nairobi, 1992.

- PROGRAMA NACIONAL DE MUNICIPALIZAÇÃO DO TURISMO. **Oficina de Treinamento dos Monitores Municipais do PNMT - Relatório**. Joinville, 1995.
- PROGRAMA NACIONAL DE MUNICIPALIZAÇÃO DO TURISMO. **Guia para Oficinas de Treinamento dos Agentes Multiplicadores e dos Monitores. Planejamento para o Desenvolvimento de Turismo Sustentável em Nível Municipal**. Organização Mundial de Turismo, Madrid, 1994.
- RABAHY, W.A. **Planejamento do Turismo : estudos econômicos e fundamentos econométricos**. São Paulo, Edições Loyola, 1990.
- RATTER, H. **Tecnologia e Desenvolvimento Sustentável**. In: **SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE UNIVERSIDADE E MEIO AMBIENTE**, 1992.
- REIS, Maurício J.L. **ISO 14000: Gerenciamento Ambiental: um novo desafio para a sua competitividade**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1995.
- RIBEIRO, G.L e BARBOS, F.L. **A Corrida por Paisagens Autênticas: Turismo, Meio Ambiente e Sustentabilidade no Mundo Contemporâneo. Viagens à Natureza: turismo, cultura e ambiente**. São Paulo: Papirus, 1997. RB
- ROJAS, Alvaro L. **Desarrollo regional a través del estímulo a las empresas de pequeña dimensión. Una respuesta para el diseño y puesta en práctica de programas de promoción**. Espanha, 1995. Tese (Doutorado). Departamento de Ingeniería de Organización, Administración de Empresas y Estadística. Escuela Técnica Superior de Ingenieros Industriales.
- RUSCHEL, R. **Síndrome do ecoturismo desperdiçado**. Eco - Rio, Rio de Janeiro, n.18, 1994.
- RUSCHMANN, Doris. **Turismo e planejamento sustentável : A Proteção do Meio Ambiente**. São Paulo: Papirus, 1997.
- SACHS, Ignacy. **Ecodesenvolvimento: Crescer sem destruir**. São Paulo: Vértice, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Estratégias de transição para o século XXI**. Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.
- SANTOS, A.J. **Métodos para análise crítica e melhoria do controle do processo produtivo**. Florianópolis, 1999. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.
- SEBRAE. **Ecoturismo na Bahia - Estudo Analítico**. Salvador: Edição SEBRAE, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Diagnóstico do potencial turístico do Município de Santo Amaro da Imperatriz**. Santo Amaro da Imperatriz, 1997.

- SESSA, Albert. **L'imposta di Soggiorno in una moderna política del turismo**. Itália: Editrice Agnesotti, 1978.
- SILVEIRA, Flávio L.A.. "**Pelas trilhas da ilha de Santa Catarina: ecoturismo e aventura**". Florianópolis, 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina.
- TOFFLER, Alvin. **A empresa flexível**. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- TRIGO, L.G.G. **Turismo básico**. São Paulo: SENAC, 1995.
- TURISMO EM ANÁLISE. São Paulo: ECA/USP, v.3, n.2, 104 p, nov.1992
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARNÁ. Biblioteca Central. **Normas para apresentação de trabalhos**. Curitiba: Ed. UFPR, v.6, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Normas para apresentação de trabalhos**. Curitiba: Ed. UFPR, v.7, 1996.
- VALENTI, J.V. Las Distintas Visiones Geográficas de las Relaciones entre Naturaleza y Hombre. **Revista Geográfica**, Barcelona, v. xviii, 1984.
- VASCONCELLOS FILHO, Paulo e MACHADO, Antônio de M. Vieira. **Planejamento estratégico : formulação, implantação e controle**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Ed. S.A, 1982.
- VÁZQUEZ, Antonio. **Política económica local**. Madrid: Edições Pirâmides, 1993.
- WALTER, G.R. **Sustainable communities initiative**. Centre for Sustainable Regional Development, Universiti of Victoria, 1998.
- YOUNG, P. **Métodos científicos de investigación social**. México: Instituto de Investigaciones Sociales de La Universidad del México, 1960.
- ZIFFER, K. **Ecotourism : The uneasy alliance**. Wildlife Conservation International and Erns & Young International Management Consulting Group, 1989.